

Tese realizada sob a supervisão e orientação científica da Professora:

Maria Henriqueta Costa Campos

Professora Associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Nova de Lisboa

Aos meus pais e ao Francesco

RESUMO

O trabalho desenvolvido nesta tese foi inspirado na vontade de obter uma abordagem global, abrangente e multifacetada de um tema muito fértil que tem sido pouco estudado em português: o particípio passado.

A tese é constituída por quatro partes diferentes. A primeira parte consiste numa análise descritiva detalhada dos diferentes tipos de construções participiais e numa abordagem das suas funções sintácticas e dos seus valores semânticos. A segunda parte trata da questão controversa da distinção entre participios passados verbais e participios passados adjectivais. Assume-se que existe uma relação semântica muito forte entre estes dois valores e que uma distinção é formulável em termos de aspectos formais. Nesta parte está incluída uma discussão acerca da natureza dos participios passados e são apresentadas algumas perspectivas de abordagem dos dois valores dos participios passados. Na terceira parte da tese procuro descrever os valores referenciais dos enunciados com participios passados e explicar o fenómeno adoptando a perspectiva culioliana do tempo e do aspecto. A quarta parte descreve um processo de aprendizagem feita através da observação. Nesta parte, para além do esboço de uma classificação dos diferentes tipos de construções participiais, apresenta-se ainda uma tentativa de proposta de uma metodologia para o estudo dos participios passados num corpus.

O trabalho foi conduzido a partir de literatura já existente, mas as suas bases mais importantes são resultado de uma pesquisa individual e do uso de técnicas descritivas e juízos críticos pessoais. A tarefa de descrição empírica foi baseada num corpus, uma ferramenta de investigação que permite encontrar padrões reais e testar hipóteses de fenómenos particulares da língua.

Palavras-chave: particípio passado, construção participial, valor verbal, valor adjectival, corpus.

ABSTRACT

The work developed on this thesis was inspired by the desire to have a general, broad-covered, multifaceted overview and empirical description of a very fertile linguistic subject that has been little studied in Portuguese: past participles. The main purpose of the research is to describe and evaluate these forms using an innovative kind of approach.

The text is organized in four main sections. The first section provides background and a detailed descriptive analysis of the different types of past participle constructions as well as an overview of their syntactic functions and semantic values. The second section handles the controversial question of the distinction between verbal past participles and adjectival past participles. It is assumed that there is a very strong semantic relationship between these two values and that a distinction can be formulated in terms of formal aspects. This section includes a discussion about the nature of past participles and some perspectives about both values of past participles. In the third section I describe the referential values of sentences with past participles and I explain this phenomenon by adopting Culioli's perspective on tense and aspect. The fourth section describes a process of learning from observation. In this part, beyond a sketch of a classification of the different types of past participial constructions, I present also a proposal for a methodology for the study of past participles in a corpus. The empirical studies based on corpus support intuitions and provide some knowledge presented also in the other parts of the thesis.

The investigation conducted on the thesis was based on literature available on the subject, but its most important foundations are the result of individual research and the use of personal descriptive tools, techniques and critical judgments. The task of empirical description was based on a corpus, a research tool that allows discovery of real patterns and testing of hypotheses about specific details of the language.

Keywords: past participle, participle construction, verbal value, adjectival value, empirical evidence, corpus.

AGRADECIMENTOS

A realização desta tese foi possível devido à importante colaboração, assistência e cortesia de algumas pessoas. Em primeiro lugar, devo principalmente ao Francesco o mais importante: o apoio moral e afectivo, o apoio prático em casa e os muitos fins-de-semana e serões. A sua confiança, carinho e compreensão foram imprescindíveis na concretização deste objectivo. À minha família, principalmente aos meus pais e à minha irmã, devo igualmente um enorme apoio psicológico e afectivo.

Gostaria de prestar um agradecimento muito especial à minha orientadora, Henriqueta Costa Campos, não apenas pelo apoio intelectual, pelas discussões estimulantes e pela paciência em corrigir os meus erros estilísticos e científicos, mas também pelo seu encorajamento e entusiasmo que foram extremamente importantes numa situação de distância física e de ausência de um encontro face a face. Estou particularmente reconhecida pela confiança que depositou no meu trabalho e pelos seus acrescidos esforços ao tratar dos assuntos formais e ao enviar rápida e eficazmente os comentários e correcções por todas as vias de comunicação possíveis.

Ainda à minha orientadora, Henriqueta Costa Campos e à Professora Maria Francisca Xavier devo o meu apreço por não terem imposto quaisquer obstáculos à finalização à distância do meu trabalho curricular do mestrado.

Gostaria de agradecer à Diana Santos pela leitura desta tese e pelas críticas construtivas que melhoraram significativamente a sua forma e o seu conteúdo. A ela também se deve, em parte, a minha inscrição no curso de mestrado. Graças a ela, foi possível frequentar as aulas nos seus horários diurnos e ter flexibilidade no trabalho de investigação desenvolvido no Grupo de Linguagem Natural do INESC.

Um agradecimento cabe também ao CLUL, nomeadamente à Doutora Maria Fernanda Bacelar do Nascimento pela cedência de um subcorpus do *Corpus do Português Contemporâneo* e à sua equipa, em especial à Sandra Amendoeira pela preparação, colecção e envio rápido e eficaz desse subcorpus por correio electrónico.

Estou grata aos meus chefes de trabalho na LOGOS Corporation, Scott Bennett e Brigitte Orliac por me terem apoiado, sobretudo do ponto de vista material, concretamente por permitirem inscrever-me como membro da biblioteca de “Rutgers University”, de onde coligi a maior parte da bibliografia estrangeira e também pela cedência do uso de papel, fotocopiadora e impressora.

Gostaria igualmente de mostrar o meu reconhecimento aos que me ajudaram de tão variados modos, em especial a Grazia e Vito Francesco Colasuonno, Filippo Mastrangelo, Liz Purpura, Kutz Arrieta, Cèline Ancé, Cristina Palma, Maria de Jesus e Fernando Pereira, George Winter, Patricia Pepe, Sara Amato e Stephen Schneiderman. Por mais pequenos que considerem estes contributos, eles foram extremamente importantes para mim.

ÍNDICE

RESUMO.....	4
ABSTRACT	5
AGRADECIMENTOS	6
ÍNDICE.....	7
INTRODUÇÃO.....	11
PARTE I - DESCRIÇÃO GERAL DAS CONSTRUÇÕES DE PARTICÍPIO PASSADO	16
1. DEFINIÇÕES, CONCEITOS E RELAÇÕES TERMINOLÓGICAS	17
2. DISTRIBUIÇÃO DOS PARTICÍPIOS PASSADOS: DESCRIÇÃO EMPÍRICA	21
<i>2.1. Participios passados em construções sem verbos auxiliares</i>	<i>21</i>
2.1.1. Construções atributiva e predicativa.....	22
2.1.2. Construção participial absoluta.....	23
<i>2.2. Participios passados em construções com verbos auxiliares</i>	<i>25</i>
2.2.1. ter e haver em construções de tempo composto.....	27
2.2.2. ser, estar e ficar em construções passivas	28
2.2.3. estar e ficar em construções resultativas	32
3. PROPRIEDADES SINTÁCTICO-SEMÂNTICAS DOS PREDICADOS VERBAIS	33
<i>3.1. Tipologia verbal.....</i>	<i>34</i>
3.1.1. Construções transitivas	34
3.1.2. Construções intransitivas	35
3.1.3. Construções inacusativas	37
<i>3.2. Padrões de aceitabilidade.....</i>	<i>40</i>
4. ALGUNS VALORES SINTÁCTICOS DAS CONSTRUÇÕES PARTICIPIAIS ABSOLUTAS	41
4.1. <i>Ordem dos elementos.....</i>	<i>42</i>
4.2. <i>O papel do sujeito.....</i>	<i>42</i>
4.3. <i>Padrões de concordância</i>	<i>43</i>
5. ALGUNS VALORES SEMÂNTICOS DAS CONSTRUÇÕES PARTICIPIAIS.....	44
5.1. <i>Anterioridade.....</i>	<i>44</i>
5.1.1. Significado causal.....	45

5.1.2. Significado concessivo	45
5.1.3. Significado hipotético ou condicional	46
6. RESUMO.....	46
PARTE II - PARTICÍPIOS PASSADOS VERBAIS E PARTICÍPIOS PASSADOS ADJECTIVAIS.....	49
7. TERMINOLOGIA.....	50
8. DADOS DIACRÓNICOS E SINCRÓNICOS.....	51
8.1. <i>Origem e natureza dos participios passados</i>	52
8.2. <i>Perspectivas lexical e passiva</i>	52
9. SÚMULA DE DIVERSOS PONTOS DE VISTA.....	53
9.1. <i>Ponto de vista sintáctico</i>	56
9.1.1. <i>Perspectiva morfológica</i>	57
9.2. <i>Ponto de vista semântico aspectual</i>	59
10. GENERALIZAÇÃO DESCRITIVA	61
10.1. <i>Valor verbal</i>	61
10.2. <i>Valor adjectival</i>	62
10.2.1. <i>Interpretação activa e interpretação passiva</i>	65
10.3. <i>Participios passados e adjectivos</i>	66
10.3.1. <i>Características comuns</i>	67
10.3.2. <i>Características distintas</i>	72
11. TIPOS DE PARTICÍPIOS PASSADOS	75
12. RESUMO.....	77
PARTE III - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	79
13. ALGUMAS DEFINIÇÕES E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS GERAIS	80
13.1. <i>Aspecto, Aktionsart e tempo</i>	80
13.1.1. <i>Tipologias de Aktionsart ou aspecto lexical</i>	81
13.1.2. <i>Aspecto gramatical</i>	83
13.1.2.1. <i>Perfectivo, imperfectivo e progressivo</i>	84
13.1.3. <i>Tempo</i>	85
13.2. <i>Relação aspecto/tempo</i>	86
14. PERSPECTIVA CULIOLIANA E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO	86
14.1. <i>Enunciado e enunciação</i>	87
14.2. <i>Operações predicativas</i>	88

14.3. Operações enunciativas.....	88
15. PREDICADO DO ENUNCIADO: SITUAÇÕES E CLASSES ASPECTUAIS.....	89
15.1. Eventos.....	89
15.2. Actividades e estados.....	92
15.3. Propriedades comuns e diferentes das várias situações.....	93
16. INTERLIGAÇÃO DOS ELEMENTOS NA CONSTRUÇÃO DE VALORES REFERENCIAIS TEMPORAIS E ASPECTUAIS DOS ENUNCIADOS	94
16.1. Valores referenciais relacionados com a determinação nominal.....	99
16.2. Valores referenciais dos enunciados com elementos preposicionais.....	100
16.3. Valores referenciais dos enunciados com adverbiais.....	101
16.3.1. Adverbiais de referência temporal.....	101
16.3.2. Adverbiais de referência aspectual.....	102
16.3.2.1. Adverbiais frequenciais temporais de referência aspectual.....	105
16.4. Valores referenciais dos enunciados com participios passados.....	106
16.4.1. Tempos compostos: ter + participio passado.....	107
16.4.1.1. Valores referenciais dos enunciados com tempos compostos.....	108
17. RESUMO.....	111
PARTE IV - APRESENTAÇÃO EMPÍRICA: ANÁLISE DE UM CORPUS	113
18. PORQUÊ CORPORA	113
18.1. <i>Linguística teórica versus linguística empírica</i>	113
18.2. <i>Técnicas introspectivas e técnicas descritivas</i>	114
19. DEFINIÇÃO DO CORPUS	115
19.1. <i>Método e definição de instâncias</i>	116
19.2. <i>Análise e anotação dos contextos</i>	117
19.2.1. Aspectos importantes na classificação de contextos.....	118
19.2.1.1. Uso de testes.....	118
19.2.1.2. Definição de parâmetros.....	119
20. EXAME GERAL DOS DADOS.....	120
21. RESUMO.....	122
CONCLUSÃO.....	123
BIBLIOGRAFIA	127

APÊNDICES 135
APÊNDICE A 135
APÊNDICE B..... 138
APÊNDICE C 141
APÊNDICE D 145

INTRODUÇÃO

A presente tese reflecte o trabalho combinado e multifacetado de análise do comportamento sintáctico-semântico dos participios passados em português europeu e o seu enquadramento num conjunto de fenómenos linguísticos mais abrangente. Neste trabalho procura fazer-se um estudo e levantamento teórico paralelamente com uma investigação em corpus dos diferentes tipos de construções onde existe ocorrência de um participio passado. Os tópicos abordados assentam em diversos aspectos do problema de determinação e definição dos vários tipos de construções participiais. Como alternativa, ou talvez como complemento às perspectivas da gramática universal, o corpus é utilizado como um modo de explorar a perspectiva da descrição da língua que assenta menos em estruturas teóricas altamente deductivas e mais numa cobertura vasta dos dados. Parte da motivação para esta perspectiva está relacionada com a rejeição de uma distinção entre uma componente da gramática criativa, composicional, produtiva e uma componente que consiste numa colecção de dados concretos de uma língua.

Um estudo preliminar dos participios passados em português revelou que este é um tema de grandes dimensões e que a melhor contribuição seria um tratamento global e integrante dos fenómenos, em primeiro lugar porque não existia ainda nenhum trabalho deste tipo, em segundo lugar por considerar que a discussão dos vários problemas que se colocam neste estudo podem constituir um ponto de partida importante para futuros trabalhos de investigação.

Esta tese combina vários domínios do conhecimento linguístico, tentando corresponder, assim, à ideal associação das diferentes áreas da gramática e à ideia de que as construções participiais não podem ser consideradas de um único ponto de vista, o que justifica a necessidade de uma abordagem transcategorial de um fenómeno linguístico heterogéneo. Assim, existe uma complementaridade dos domínios lexical, morfológico, sintáctico e semântico. Os aspectos semânticos representam, no entanto, a parte mais inovadora. Uma certa ênfase é dada a assuntos que têm a ver directamente com os valores semânticos referenciais dos participios passados e dos enunciados em que estes ocorrem. Destaca-se a oposição aspectual entre os enunciados. Alguns aspectos incidem mais sobre levantamentos teóricos e valores intuitivos, outros incidem essencialmente em bases empíricas. Relativamente a estudos teóricos, as referências de base são muito variadas e assentam, sobretudo, em questões que têm sido colocadas por linguistas de diferentes períodos e escolas e que estão registadas de modo fragmentário e nem sempre rigoroso nas descrições gramaticais ou em estudos linguísticos de vários quadros teóricos. Encontramos perspectivas clássicas e perspectivas mais recentes, perspectivas de base lexical, morfológica, sintáctica e semântica. Todas estas perspectivas teóricas servem para suportar este ou aquele argumento, esta ou aquela hipótese. A teoria a que se dá mais destaque é a teoria formal aspectual baseada nos fundamentos de Culioli, um dos mais importantes teóricos no campo da investigação da cognição e representação na teoria linguística formal do modelo enunciativo da linguagem para quem um dos objectivos da linguística é definir a actividade da linguagem através da observação. A sua teoria consiste num formalismo de representação do significado, na análise modelo-teórica das formas de tempo e aspecto. A análise é aplicável aos enunciados com participios passados. Por um lado, a análise de um quadro teórico pode ser usada para explicar padrões intuitivos ou padrões revelados nos dados empíricos do corpus. Por outro lado, por vezes, são os exemplos do corpus que servem para ilustrar o conceito teórico.

A tese tem quatro objectivos principais. O primeiro objectivo é descrever, analisar e explicar de forma integrada e, quanto possível exaustiva, alguns aspectos relevantes das construções de participio passado. A partir da avaliação das ocorrências e da sistematização do tipo de informação sintáctico-semântica, pretende-se suscitar interesse para análises mais profundas de alguns dos aspectos aqui referenciados, com o intuito de que estudos mais específicos possam beneficiar da contribuição desta tese. O segundo objectivo é explorar a questão da natureza dos participios passados e sugerir uma proposta de solução para a distinção entre participios passados e adjectivos verbais. O terceiro objectivo é testar uma hipótese que consiste em utilizar a teoria enunciativa de Culioli e verificar se esta se aplica à definição

de participípios passados que proponho. E, finalmente, o quarto objectivo é dar a conhecer o método utilizado para o tratamento do participípio passado num corpus e tentar propor uma tipologia para as construções participiais em português. Qualquer um destes objectivos é completado com a apresentação de evidência experimental. Cada um deles corresponde a uma parte específica da tese.

O método utilizado nesta tese é fazer acompanhar as perspectivas teóricas e as intuições com bases empíricas, ou seja, com conhecimento linguístico extraído de um corpus. O método de aquisição dos conhecimentos é baseado essencialmente na observação de textos reais. A observação incide sobre exemplos de coocorrência de participípios passados nesse mesmo corpus de dimensão extensa. O estudo da distribuição das formas de participípio passado foi baseado num considerável número de dados da língua escrita extraídos do “*Corpus de Referência do Português Contemporâneo*” do “*Centro de Linguística da Universidade de Lisboa*” (CLUL). Baseado em exemplos simples ou múltiplos, o conhecimento adquirido é depois reunido e utilizado para criar generalizações que permitem a sugestão de uma tipologia. A análise de material linguístico é descrita detalhadamente na parte IV. Nesta tese, as intuições e a análise de um corpus têm um papel complementar. O corpus é uma ferramenta de investigação linguística, não substitui as intuições ou julgamentos. Uma perspectiva baseada em esquemas é bem apropriada à tarefa de descrever os padrões de uso mais ou menos pertinentes revelados pela análise de um corpus. A importância da análise de um corpus está relacionada com a presença de instâncias particulares da linguagem. Um corpus fornece evidência experimental do uso de palavras, de construções, de associações de palavras, representa uma amostra do uso da linguagem. Toda a comunicação significativa usa a linguagem, e se quisermos saber como esta funciona temos que analisar actos concretos de comunicação, i.e., textos. O texto é a mensagem, tem um significado e uma forma. O mesmo é verdade para as unidades lexicais. As palavras são signos, e os signos podem ser estudados do ponto de vista da forma e sob do ponto de vista do significado.

A tese está dividida em quatro partes diferentes, contendo descrições, plano de fundo teórico, propostas práticas e estudos empíricos. Cada parte da tese é constituída por uma secção introdutória onde o conteúdo dessa parte é detalhadamente apresentado por capítulos. Aqui refiro apenas os tópicos mais importantes de cada uma das partes da tese e apresento sucintamente alguns dos problemas a referenciar.

Na parte I apresento a distribuição dos participípios passados em diferentes tipos de construção, ou seja, as diferentes construções, quer activas, quer passivas, em que ocorrem formas de participípio passado, nomeadamente ocorrências de participípios passados em construções sem verbos auxiliares (participípios absolutos e participípios passados com função predicativa e atributiva) e ocorrências de participípios passados em construções com verbos auxiliares aspectuais (na formação de tempos compostos, na passiva e em construções de estado resultante), referindo-se as suas respectivas funções e os seus valores temporais e aspectuais. Sem a presença de um verbo auxiliar, o participípio passado acompanha um nome com o qual concorda como se fosse um adjectivo, quer em construções atributivas, quer em construções predicativas. Noutros casos ainda, faz parte de uma construção absoluta, pode levar expresso um sujeito e constituir assim uma oração subordinada verbal. Com verbos auxiliares, podemos distinguir três casos diferentes de comportamento: num caso, o participípio passado na sua forma masculina invariável intervém em união com os auxiliares “*ter*” e “*haver*” na formação de tempos compostos. Num segundo caso, com os auxiliares “*ser*” “*estar*” e “*ficar*” participa na formação da voz passiva, concordando com o sujeito. No terceiro caso, exprime um estado resultante com os auxiliares “*estar*” e “*ficar*”. Esta parte inclui ainda o estabelecimento de uma tipologia verbal, de acordo com a organização das propriedades sintáctico-semânticas dos verbos em português a partir dos graus de transitividade. Esta tipologia define diferentes tipos de classes ou paradigmas verbais de acordo com o comportamento sintáctico de cada predicado, destacando-se o seu papel na formação de construções participiais absolutas. Parte-se da informação apresentada nas gramáticas da língua portuguesa e de um estudo pré-existente para o português. Destaca-se ainda, uma referência aos padrões sintácticos de concordância e ordem de palavras e a apresentação de alguns valores semânticos aspectuais.

A parte II é dedicada à problemática questão da origem e natureza dos participios passados. São apresentadas duas perspectivas históricas: a lexical e a passiva, e respectivas críticas. Uma questão interessante diz respeito ao tratamento lexical das formas de participio passado. A passiva é uma forma produtiva de formar adjectivos. Também existem muitas formas adjectivais lexicalizadas de verbos, formas que não derivam de uma construção tão produtiva. As discussões acerca do uso dos participios passados conduzem à distinção de diferentes tipos de formas participiais. Esta classificação exerce um papel importante na distinção entre participios passados (que não podem funcionar nunca como adjectivos) e adjectivos verbais (adjectivos formados a partir da forma participial). A distinção entre participios passados adjectivais e participios passados verbais tornou-se popular nos estudos generativos. O participio passado designa-se assim por participar das categorias verbal e nominal. A razão desta parte da tese deve-se, então, à discussão da necessidade ou não de distinguir as categorias participios passados verbais e participios passados adjectivais ou adjectivos verbais, discussão esta que, teoricamente, se apresenta complexa. Esta parte é aproveitada para a apresentação de algumas perspectivas e ideias não consensuais, e também para a sugestão de alguma análise. Focam-se as discussões teóricas existentes que se concentram em redor do tema e escolhe-se a análise que melhor corresponda aos factos do português. As propriedades aspectuais dos participios passados revelam um papel muito importante quer do ponto de vista semântico, quer do ponto de vista sintáctico.

A parte III centra-se essencialmente em questões relacionadas com o tempo e com o aspecto que são gramaticalizados na língua. Em português quase todas as frases contêm marcadores de tempo e de aspecto. Os valores referenciais variam de enunciado para enunciado. Destaca-se aqui a construção e descrição formal de valores referenciais temporais e aspectuais. O tempo é uma categoria deíctica, é um valor que marca uma relação de ordem cronológica: essa relação pode ser de anterioridade, de simultaneidade ou de posterioridade. O aspecto é a forma como um acontecimento é perspectivado, refere-se ao modo como o acontecimento linguístico é estruturado linguisticamente. A significação constrói-se através da interpenetração das categorias aspecto e tempo, entre outras. Certos adverbiais podem mudar a categoria aspectual e temporal dos enunciados. Assim, importa estabelecer a coocorrência de participios passados com adverbiais temporais e aspectuais. A mudança de classe aspectual pode ser determinada por vários outros factores. O fenómeno de mudança do tipo aspectual de um enunciado sob a influência de modificadores como tempos gramaticais e auxiliares aspectuais é relevante. Analisam-se alguns dos factores que determinam a classe aspectual: os argumentos nominais, os adverbiais do tipo “*durante duas horas*” e “*em duas horas*”, o sentido inerente do verbo e o tempo do verbo, entre outros. Privilegia-se assim o valor do enunciado completo, a sua significação final, resultado da combinação de todos os elementos que nele participam. Destaca-se, nesta parte, a apresentação de diferentes tipologias de *Aktionsart*, a apresentação de diferentes classes aspectuais, as noções de telicidade. Existe um paralelismo entre as noções processo télico/processo não télico, processo homogéneo/processo não homogéneo, termo contável/termo massivo. Estas noções dizem respeito ao nível formal (eventos “*A Ana correu os 100 metros*” versus actividades “*A Ana correu*”) e ao nível ontológico (processo homogéneo/processo não homogéneo, relação parte-todo). Os eventos são exemplos típicos de processos téllicos, ou seja, de processos em que há construção de um ponto terminal. Por outro lado, as actividades são exemplos típicos de processos não téllicos, ou seja, processos em que não há construção de um ponto terminal. No capítulo 16 aborda-se o funcionamento das classes aspectuais no caso dos enunciados em que ocorrem participios passados. O participio passado desempenha um papel de relevo em certas distinções verbais aspectuais. O objectivo desta análise é o de determinar quais os factores que têm influência sobre o tipo de classe aspectual das construções participiais. A natureza do lexema verbal é analisada em combinação com o tempo gramatical e com outros indicadores aspectuais. A abordagem dos valores é apresentada a partir de um modelo de representação metalinguística proposto por Culioli e desenvolvido por outros autores.

Na parte IV são apresentados alguns estudos empíricos. Esta parte reflecte o produto intensivo do trabalho de análise de centenas de contextos de ocorrência de participios passados. Destaca-se a importância do uso de um corpus como fonte rica de conhecimento linguístico, através da quantidade e diversidade de material apresentado em textos reais, em oposição a exemplos construídos. Apresenta-se a descrição do corpus com os resultados das várias construções e os estudos quantitativos preliminares. Apontam-se quer os tipos de padrões mais frequentes, quer os mais raros. Nesta última parte da tese pretende-se também levantar algumas sugestões para o aprofundamento de certos aspectos desta tese em futuros trabalhos. O uso de corpora apresenta-se como uma novidade neste tipo de estudo.

Uma exposição global do tema dos participios passados permite dar conta da totalidade e do carácter das construções e apresentar os seus valores sintácticos e semânticos contribuindo, deste modo, com uma avaliação mais completa das ocorrências destas formas em português. Por outro lado, permite acentuar a extrema importância da interligação dos fenómenos linguísticos, concretamente a da relação entre participios passados e verbos auxiliares para estudos orientados de fenómenos de localização temporal e de valores aspectuais. Assim, espero que o meu interesse no contexto da descrição geral dos participios passados, e a identificação de certos aspectos inovadores possam contribuir para uma melhor compreensão da função destas formas e constituir novas vias de investigação.

PARTE I - DESCRIÇÃO GERAL DAS CONSTRUÇÕES DE PARTICÍPIO PASSADO	16
1. DEFINIÇÕES, CONCEITOS E RELAÇÕES TERMINOLÓGICAS	17
2. DISTRIBUIÇÃO DOS PARTICÍPIOS PASSADOS: DESCRIÇÃO EMPÍRICA	21
2.1. <i>Particípios passados em construções sem verbos auxiliares</i>	21
2.1.1. Construções atributiva e predicativa	22
2.1.2. Construção participial absoluta.....	23
2.2. <i>Particípios passados em construções com verbos auxiliares</i>	25
2.2.1. ter e haver em construções de tempo composto.....	27
2.2.2. ser, estar e ficar em construções passivas	28
2.2.3. estar e ficar em construções resultativas	32
3. PROPRIEDADES SINTÁCTICO-SEMÂNTICAS DOS PREDICADOS VERBAIS	33
3.1. <i>Tipologia verbal</i>	34
3.1.1. Construções transitivas	34
3.1.2. Construções intransitivas	35
3.1.3. Construções inacusativas	37
3.2. <i>Padrões de aceitabilidade</i>	40
4. ALGUNS VALORES SINTÁCTICOS DAS CONSTRUÇÕES PARTICIPIAIS ABSOLUTAS	41
4.1. <i>Ordem dos elementos</i>	42
4.2. <i>O papel do sujeito</i>	42
4.3. <i>Padrões de concordância</i>	43
5. ALGUNS VALORES SEMÂNTICOS DAS CONSTRUÇÕES PARTICIPIAIS.....	44
5.1. <i>Anterioridade</i>	44
5.1.1. Significado causal.....	45
5.1.2. Significado concessivo	45
5.1.3. Significado hipotético ou condicional	46
6. RESUMO.....	46

PARTE I - Descrição geral das construções de particípio passado

O objectivo desta primeira parte é o de descrever as possíveis construções de particípio passado e o de fornecer alguns dados teóricos e explicações recolhidas de diferentes fontes para uma visão global dos participios passados e dos problemas que se desenvolvem em seu redor. A informação provém de descrições gramaticais e de vários estudos linguísticos, aos quais são acrescentados os meus próprios pontos de vista. Sempre que possível utilizo exemplos concretos recolhidos do corpus que analisei, ainda que esteja a discutir perspectivas de outros autores. Estes exemplos estão assinalados com a sua respectiva fonte. Considero ter mais interesse para o leitor fazer uma síntese da literatura com alguma discussão à luz dos estudos que efectuei e dos dados que encontrei na parte empírica.

Embora a tese pretenda ser mais orientada para aspectos de natureza semântica, são igualmente apontados aspectos de natureza sintáctica e morfológica. As construções de particípio passado não podem ser caracterizadas de um único ponto de vista. Esta afirmação pode ser fundamentada em problemas concretos nesta área de estudo. Por exemplo, a sequência “*O homem está cansada” é uma sequência mal formada do ponto de vista morfo-sintáctico. Esta má formação deve-se à falta de concordância entre o sujeito e o particípio passado predicativo. Por sua vez, a sequência “*Ridas, as crianças foram brincar” apresenta uma má formação sintáctico-semântica. As sequências “*Ele tem estado doente na próxima semana” e “*Ele tinha desmaiado em duas horas” apresentam problemas que se devem a incompatibilidades de ordem semântica.

O capítulo 1 tem a principal função de introduzir a terminologia básica usada ao longo da tese. São apresentados conceitos respeitantes aos diferentes tipos de construções em que o particípio passado pode ocorrer. No capítulo 2 será apresentada a distribuição dos diferentes contextos em que o particípio passado ocorre. Veremos como o particípio passado pode ocorrer isolado ou, mais frequentemente, em construções com um verbo auxiliar. Sem auxiliar, o particípio passado exprime fundamentalmente o estado resultante de uma acção terminada, como nas construções de particípio absoluto, mas pode também funcionar como caracterizador ou modificador de um nome ou de um pronome em posição atributiva e predicativa. Nestes casos, usufrui das características do sistema nominal, ou seja, das marcas de flexão de género e de número. Acompanhado de um verbo auxiliar, o particípio passado possibilita a formação de tempos compostos, construções passivas e construções de estado resultante. São as duas “facetas” nominal e verbal que levam alguns autores a defender a existência de dois tipos de particípio passado (Wasow, 1977), (Lightfoot, 1979), (Duarte, 1986), (Eliseu, 1986) e (Matos, 1986)¹. O capítulo 3 é dedicado à classificação verbal em três importantes classes e à sua relação com o uso da forma de particípio passado de cada uma dessas classes. Os três grandes tipos de verbos considerados são: os verbos transitivos, os verbos intransitivos e os verbos inacusativos. Esta classificação assenta em considerações sintácticas e semânticas. A sua principal razão está relacionada com a relevância da tipologia verbal para o género de estudo que se está a realizar. Uma das motivações baseia-se na relação entre os vários tipos de verbos e a possibilidade de formação de construções participiais a partir deles, nomeadamente a formação de construções participiais absolutas. Os dados consequentes desta observação podem revelar-se importantes para o estudo das formas participiais se tivermos em conta os resultados da aceitabilidade das construções onde há ocorrência deste tipo de formas. No capítulo 4 são apresentadas algumas características sintácticas importantes. Farei referência à ordem das palavras no interior de uma construção participial absoluta, aos elementos que compõem esta construção e aos padrões que regulamentam a concordância entre os elementos. O capítulo 5 destina-se à apresentação de aspectos de natureza semântica relacionados com as categorias aspecto e tempo, que serão exploradas com mais detalhe na parte III da tese. Destacam-se, ainda, alguns dos significados mais importantes apresentados pelas construções participiais. O capítulo 6 diz respeito às

¹ Este assunto será retomado na parte II da tese, onde se discutirá a que categoria gramatical devem pertencer os participios passados, i.e., onde se decidirá se devem ser categorizados como adjectivos ou como verbos.

conclusões extraídas do conteúdo dos restantes capítulos da primeira parte.

1. Definições, conceitos e relações terminológicas

Antes de iniciar as partes descritiva e teórica, é importante definir alguns termos ou conceitos que constituirão os pilares básicos em que assentam os temas desta tese: os conceitos de particípio passado (verbal e adjectival) e de construção participial (absoluta, apositiva, passiva, atributiva, predicativa, resultativa e temporal. Estes conceitos, ilustrados através de exemplos de autores referenciados ou através de exemplos extraídos do corpus que analisei, são constantemente mencionados neste trabalho. Espero conseguir definir com rigor e coerência o conteúdo de cada uma das expressões que introduzo de modo a proporcionar uma leitura mais clara e acessível.

O **particípio passado**² é normalmente classificado como uma forma verbal que pode, muitas vezes, ser usada como um adjectivo. O termo “*verbal*” refere-se ao facto de o particípio passado poder expressar “*acção*”. Como adjectivo predica apenas sobre nomes e pronomes, como em “*O Pedro é viajado*” e responde a questões próprias dos adjectivos. Como forma puramente verbal, o particípio passado desempenha um papel relevante no sistema verbal do português através da sua contribuição na manifestação dos valores temporais e aspectuais, como em: “*O Pedro tem trabalhado*”. Para o uso verbal utilizo normalmente o termo **particípio passado verbal**; para o uso adjectival opto pelos termos **particípio passado adjectival** ou **adjectivo verbal**³.

Em termos morfológicos, o processo de formação dos particípios passados pode ser descrito como a extracção das terminações do infinitivo: *-ar*, *-er* e *-ir* e o acréscimo das formas *-ado* (para os verbos terminados em *-ar*) e *-ido* (para os verbos terminados em *-er* e *-ir*), à excepção dos verbos que formam um particípio passado irregular. Alguns verbos têm apenas a forma regular de particípio passado, outros têm apenas a forma irregular e existem ainda alguns verbos que têm os dois tipos de particípios passados, um regular e outro irregular (ver Apêndice A). Por possuírem duas formas equivalentes, são tradicionalmente designados de “*verbos abundantes*” (Cunha & Cintra 1984:441), “*particípios duplos*” ou “*particípios abundantes*” (Câmara, 1972:138 e Schmitz, 1984:563). Existe uma certa unanimidade em reconhecer as formas irregulares como particípios passados adjectivais ou adjectivos verbais. Normalmente, mas com algumas excepções (como veremos mais adiante), apenas os verbos transitivos podem usar os seus particípios passados como adjectivos e, ao contrário de outras formas verbais, os particípios passados não recebem objectos, a menos que façam parte de formas verbais compostas.

Como é óbvio, o particípio passado não ocorre isolado, mas faz parte de vários tipos de construção. Uma **construção** é precisamente um signo no sentido de Saussure. Consiste numa componente sintáctica e numa componente semântica. Na construção existe uma ligação entre “*significante*” e “*significado*”⁴. Uma das construções de que o particípio passado faz parte é a que passo a designar de construção participial. Uma **construção participial** é uma oração subordinada cujo único verbo se encontra na forma de particípio (no caso que nos interessa, de particípio passado). Em grande número de casos, o particípio passado é acompanhado de um nome ou pronome que tem a possibilidade de modificar e com o qual pode partilhar traços de concordância em género e em número⁵.

² Por vezes emprego o termo “*forma participial*” referindo-me, nestes casos, sempre ao particípio passado.

³ Esta divisão terminológica fundamenta-se igualmente na discussão sobre a origem e natureza dos particípios passados que apresentarei na parte II desta tese.

⁴ A ideia de que uma teoria do significado pode ser mais facilmente expressa através das relações entre os conceitos é apresentada por Saussure (1966/1916:88) da seguinte forma: “cada termo linguístico deriva o seu valor da oposição dos outros termos”.

⁵ As construções em que o particípio passado coocorre com os verbos auxiliares “*ter*” e “*haver*” para expressar um tempo composto não apresentam traços de flexão.

Eliseu (1988) denomina as construções participiais de “*frases reduzidas absolutas participiais*” (FRAP). Eis dois dos seus exemplos ((1)a. e (1)g. em Eliseu, 1988):

- [1] *Corrigidos os trabalhos*, a professora retomou a leitura de Moby Dick.
- [2] *Uma vez regressada a casa*, a Joana retomou rapidamente a rotina habitual.

Na gramática italiana de Renzi & Salvi (1991:593) construções do tipo [1] e [2], apelidadas de “*frasi participiali*”, são consideradas estruturas frásicas reduzidas, igualmente conhecidas pelo termo “*orações pequenas*”⁶ (Raposo, 1992:217), dado que estão isentas de algumas características típicas da unidade frásica na sua forma completa. Em particular, estão privadas das desinências verbais que indicam a pessoa, o tempo e o modo verbal⁷. Os exemplos apresentados na gramática italiana ((1)a., (1)b. e (1)c. em Renzi & Salvi, 1991) que ilustram esta definição são os seguintes:

- [3] *Arrivato Gianni*, la festa si animò.
Chegado o João, a festa animou-se.
- [4] *Osteggiato da tutti*, Gianni fu costretto a dimettersi.
Hostilizado por todos, o João foi forçado a demitir-se.
- [5] *Una volta salito sul treno*, Gianni dimenticò tutti I suoi problemi.
Uma vez saído do comboio, o João esqueceu todos os seus problemas.

Em todos os exemplos apresentados por Eliseu (1988) e por Renzi & Salvi (1991)⁸, a construção participial vem sempre no início, antes da frase principal e separada obrigatoriamente desta na linguagem escrita por uma vírgula, assim como está ilustrado nas construções [6] e [7] do meu corpus.

[6] *Articulada por palavras através da língua*, a linguagem falada, é uma das características que distinguem o homem dos restantes animais.

Tot: 5 N°: 4 Ref: L0359P0040X

[7] *Conhecida a importância da opinião pública nas nossas sociedades* e relembrando que os mais diversos domínios do social podem ser por ela afectados, torna-se premente conhecer essa força determinante dos comportamentos humanos.

Tot: 61 N°: 6 Ref: L0367P0174X

⁶ O termo “*orações pequenas*” provém do inglês “*small clauses*” e é usado por muitos autores, principalmente no âmbito da gramática generativa.

⁷ “*Le frasi participiali costituiscono delle strutture frasali ridotte in quanto sono prive di alcune caratteristiche tipiche dell’unità frasale nella sua forma completa, in particolare mancano delle desinenze verbali che indicano la persona, il tempo e il modo del verbo.*” (Renzi & Salvi 1991:593).

⁸ Os dois autores estudaram construções muito idênticas, do tipo das ilustradas nos exemplos [6] e [7].

Estas construções correspondem a construções participiais absolutas. A **construção participial absoluta** caracteriza-se pela inexistência de flexão verbal. Em termos de ordem frásica, ocorre normalmente à esquerda da oração de que é subordinada. Internamente, é caracterizada pela ocorrência de uma forma de participio passado geralmente (mas nem sempre) seguida de um constituinte nominal (cf. [1] - [7]). Conforme veremos adiante, no caso dos verbos transitivos, apenas o constituinte nominal subcategorizado pelo verbo, i.e., o argumento interno que tem a função de objecto directo, pode ocorrer numa construção participial absoluta. Esta construção será desenvolvida mais tarde, no entanto, existe uma peculiaridade que não poderei deixar de apontar neste momento e que vem ao encontro de uma das intuições de Renzi & Salvi (1991). A um certo ponto da descrição, a construção participial absoluta é caracterizada por estes autores de “*apositiva*”. Esta caracterização parece-me bastante interessante e serve os propósitos da definição de termos que aqui proponho. Em meu entender, este tipo de construção funciona como um aposto. Os critérios em que esta afirmação se fundamenta são essencialmente de carácter sintáctico. Utilizo o termo “*aposto*” nos casos em que a construção participial absoluta pode ser omitida sem afectar a aceitabilidade da frase.

Existem dois outros tipos de construções participiais, que não foram apresentados nem por Eliseu, nem por Renzi & Salvi e que funcionam também como um aposto. É importante acrescentar aqui estes dois tipos, para que possamos construir uma nova definição.

No caso de a informação não ser necessária ou essencial para o significado do nome ou pronome, a construção participial é posposta à palavra que modifica, ocorrendo no meio da frase principal e marcada na escrita por duas vírgulas (cf. [8] e [9]). Se a construção participial ocorre no final de uma frase e predica sobre um SN no interior dessa frase, é geralmente precedida graficamente por uma vírgula na expressão escrita (cf. [10]). Em [10], o participio passado “*constituída*” predica sobre o SN “*uma galáxia*”. Trata-se de um fenómeno de predicação secundária sobre o sujeito⁹. Nestes casos, considero tratar-se igualmente de uma construção participial que tem a função de aposto.

[8] O chefe, *obedecido por todos os membros do grupo*, tornava-se mágico.

Tot: 1 N°: 1 Ref: L0359P0033X

[9] Esta libertação de calor, *designada efeito Joule*, constitui a origem da incandescência do filamento de uma lâmpada, do aquecimento de um ferro de passar, de fornos eléctricos, etc. # Tot: 44 N°: 4 Ref: L0352P0042X

[10] Uma galáxia é um sistema cósmico, *constituída por milhões e milhões de astros, gases e poeiras cósmicas*.

Tot: 205 N°: 116 Ref: L0259P0095X

No seguimento e alargamento da definição terminológica de Renzi & Salvi (1991:600) para o primeiro tipo, passo a designar os três tipos acabados de referir de **construção participial positiva**, indo, assim, ao encontro da designação restritiva/positiva apresentada em Mateus et al. (1989:285-294) relativamente às relativas, e da designação restritiva/explicativa empregue na gramática tradicional (Cunha & Cintra 1984:600). De facto, nos dois últimos casos, a construção participial positiva assemelha-se, nas suas características sintácticas, à construção

⁹ Pode verificar-se predicação secundária sobre o sujeito ou sobre o objecto directo.

relativa, seja ela restritiva ou apositiva. Do ponto de vista sintáctico estas construções têm um estatuto parentético, podendo ser retiradas sem que as frases sofram qualquer alteração estrutural. Do ponto de vista semântico, não há perda total de significado, mas existe perda de informação que pode ser um comentário relevante acerca do conteúdo do resto da frase, considerado ou não como informação adicional¹⁰. Parece-me importante acrescentar que o termo “construção participial” corresponde à função sintáctica, enquanto que o termo “construção participial absoluta” corresponde à forma, critério pois interno. A subclassificação das construções participiais absolutas com base em critérios de posição de ocorrência, i.e., à esquerda (cf. [7]), ao centro (cf. [8] e [9]) ou à direita (cf. [10]), tem a ver com a função sintáctica e, como tal, representa um factor externo para a construção.

As construções em que o participio passado ocorre não se resumem apenas às construções participiais absolutas ou construções participiais apositivas apresentadas até ao momento. Existem ainda outras construções, com características e estatutos diferentes, que necessitam ser apresentadas para que a nossa cobertura fique completa. Duas delas têm a ver com a função sintáctico-semântica que desempenham na frase. Assim, como resultado da oposição entre função atributiva (“*Bebi o café quente*” (*e dei o café frio à Ana*)) e função predicativa (“*Bebi o café quente*”, parafraseando, “*Bebi o café quando este estava quente*”), surgem-nos mais dois tipos de construções: a **construção atributiva** e a **construção predicativa**. Vejamos em [11] e [12] cada uma destas construções em que podemos identificar a ocorrência de uma forma de participio passado:

[11] As coníferas aparecem a norte isoladas ou em pequenos grupos nos locais abrigados mas, mais para sul, formam extensas florestas. # Tot: 5 N°: 4 Ref: L0510P0242X

[12] A passagem de um sistema frontal é acompanhada de formações nebulosas características que dão origem a chuvas. # Tot: 24 N°: 7 Ref: L0323P0042

Existem outros tipos de construções atributivas que analisaremos com mais pormenor ainda nesta primeira parte. As construções predicativas são também de muitos e diversos tipos. Consideremos, por exemplo, as construções [13] e [14]. Em [13], “*exercida pelos líquidos*” e em [14] “*será percorrido por uma corrente eléctrica*” são construções predicativas com características próprias, designadas **construções passivas**.

[13] A pressão exercida pelos líquidos aumenta com a profundidade. # Tot: 40 N°: 28 Ref: L0356P0059X

[14] Um condutor será percorrido por uma corrente eléctrica desde que exista uma diferença de potencial entre os seus extremos. # Tot: 41 N°: 37 Ref: L0352P0011X

Outra construção participial, para além das já definidas, é a **construção resultativa**. Esta construção é assim designada por corresponder à produção de um resultado, a uma mudança aspectual que pode alterar o estado de uma

¹⁰ Esta pode ser uma questão controversa, mas o meu ponto de vista pode tornar-se mais claro através do uso de uma paráfrase. Consideremos, em primeiro lugar, a frase “*A nossa história, construída ao longo de séculos, iniciou-se num território europeu*”. Vejamos agora a paráfrase “*A nossa história foi construída ao longo de séculos e iniciou-se num território europeu*”. Talvez aqui possamos concordar que existe perda de sentido se afirmarmos apenas o segundo membro da conjunção, ou seja, “*A nossa história iniciou-se num território europeu*”.

situação, com a conseqüente mudança para uma nova condição. Na frase representada em [15], do ponto de vista aspectual, há uma passagem de um momento em que “*D. Afonso Henriques*” não era conhecido como “*o Conquistador*” para um momento em que “*D. Afonso Henriques*” é conhecido como “*o Conquistador*”:

[15] D. Afonso Henriques teve um papel muito importante no alargamento do território para sul e, por isso, ficou conhecido como «o Conquistador». # Tot: 65 N°: 6 Ref: L0358P0035X

Por último, observemos a ocorrência representada no exemplo [16], em que o particípio passado tem uma função diferente bastante importante: é usado em grande número de frases da gramática do português, nomeadamente nos tempos compostos. As construções em que ocorre este tipo de particípio passado serão designadas de **construções de particípio passado temporal**. Também estas terão o seu lugar próprio de discussão na parte III desta tese.

[16] O número de habitantes tem aumentado muito lentamente, na última década. # Tot: 14 N°: 9 Ref: L0323P0167X

Alguns dos conceitos básicos foram aqui brevemente definidos, outros se seguirão, cuja definição será apresentada no momento mais apropriado. A tarefa de descrever conceitos não termina neste momento, mas será complementada ao longo da tese nas suas diversas fases. As dificuldades de uma definição satisfatória passam pela multiplicidade de valores associados aos diferentes tipos de construções participiais e, como tal, espero poderem vir a ser ultrapassadas à medida que vários outros conceitos sejam introduzidos.

2. Distribuição dos particípios passados: descrição empírica

Neste capítulo apresento a classificação das construções com particípios passados, de acordo com a existência ou não de auxiliares. Esta classificação baseia-se na análise standard das gramáticas e de alguns trabalhos teóricos. Numa primeira parte apresento os tipos de construção que não aceitam verbos auxiliares; numa segunda parte apresento os tipos que ocorrem com verbos auxiliares.

2.1. Particípios passados em construções sem verbos auxiliares

Sem a presença de um verbo auxiliar, o particípio passado pode ocorrer em contextos diferentes: em posição atributiva, em posição predicativa e em construções de particípio absoluto. Nos primeiros contextos desempenha frequentemente funções semelhantes às do adjectivo e, no último contexto, tem geralmente um valor passivo e exprime o estado resultante de uma acção.

2.1.1. Construções atributiva e predicativa

O particípio passado ocorre com muita frequência em construções atributivas e em construções predicativas. Nas primeiras desempenha uma **função atributiva**, nas segundas uma **função predicativa**. Encontramos aqui dois conceitos importantes: atributo, por um lado, e predicado, por outro lado. O **atributo** é um adjectivo que se liga imediatamente a um nome para o qualificar ou para exprimir, sem interferência de um verbo, uma qualidade do ser (ou da ideia, etc.) nomeado por esse nome ou para o determinar. Por exemplo, em “*A Alexandra comprou umas botas novas*” e “*Os meninos estudiosos tiveram uma boa classificação*”, “*novas*” e “*estudiosos*” têm ambos uma função atributiva em relação a “*botas*” e “*meninos*” respectivamente. Nestes dois casos, não há intervenção de qualquer verbo entre o nome e o seu atributo. Há casos em que não é isto que acontece, mas estes casos não fazem parte do presente estudo. O **predicado** corresponde a uma palavra ou expressão com que se enuncia alguma coisa a respeito do sujeito. Existem dois tipos de predicação: a predicação verbal (“*O Francisco está a trabalhar*” em que “*está a trabalhar*” é o predicado) e a predicação nominal (“*A Ana é estudiosa*” ou “*A rapariga ficou contente*” em que “*estudiosa*” e “*contente*” são os respectivos predicados de “*Ana*” e “*rapariga*”). Nestes casos, existe sim a intervenção de um verbo entre sujeito e predicado. Assim, em geral, e não só em construções participiais, enquanto o predicativo qualifica um nome por intermédio de um verbo, o atributo qualifica-o directamente. Em “*Os meninos estudiosos são muito estimados*”, “*muito estimados*” é o predicado nominal, i.e., o predicado de “*meninos*” e “*estudiosos*” é um atributo, o atributo de “*meninos*”.

Interessa-nos, nesta secção, os casos em que o particípio passado ocorre em construções atributivas e em construções predicativas, mas em que há ausência de verbos auxiliares em ambos os tipos de construção. Em muitos casos, em construções em que o particípio passado ocorre em posição atributiva, não está acompanhado de um verbo auxiliar, confundindo-se com o próprio adjectivo através das marcas de flexão de género e número (cf. [17] e [18], [19] e [20]).

[17] Os atletas [masc., pl.] cansados [masc., pl.] ficaram para trás. (só os atletas cansados)

[18] A janela [fem., sing.] aberta [fem., sing.] provoca corrente de ar.

[19] No litoral, o mar, com a sua acção moderadora, impede descidas de temperatura acentuadas no Inverno e grandes subidas no Verão. # Tot: 7 N°: 5 Ref: L0323P0047X

[20] As restantes ilhas da Oceania, de relevô acidentado não ofereciam condições para a fixação humana senão no litoral, [...]. # Tot: 9 N°: 6 Ref: L0324P0040X

Alguns exemplos de construções predicativas com o particípio passado mas sem a presença de um verbo auxiliar são:

[21] [...] onde o grande maciço das Sete-Cidades aparece com a cratera abatida e transformada num enorme lago. # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0323P0074X

[22] Algumas têm ainda um orifício acoplado para cortar arame de várias espessuras. # Tot: 2 N°: 2 Ref: L0370P0079X

[23] A economia da maior parte dos países da Europa ocidental viu-se, deste modo, *profundamente afectada*.
Tot: 21 N°: 21 Ref: L0323P0100X

[24] [...] no olho míope, a retina encontra-se mais *afastada* do cristalino do que é normal, [...]
Tot: 9 N°: 6 Ref: L0356P0231X

Sem intervenção de um verbo auxiliar, o particípio passado pode corresponder a uma nova predicção, tal como se pode observar através do exemplo [25]. A construção predicativa é, muitas vezes, marcada na escrita por vírgulas que representam pausas na linguagem oral.

[25] Os atletas, *cansados*, deitaram-se cedo. (todos os atletas)

Nas construções do tipo de [25] o particípio passado exprime apenas o estado, apresentando o resultado de um processo verbal anterior, não tem qualquer valor temporal. O valor temporal na frase de [25] é marcado pela forma flexionada do verbo “*deitar-se*” (pretérito perfeito simples).

2.1.2. Construção participial absoluta

A **construção participial absoluta**, tradicionalmente designada de particípio absoluto é um tipo de construção participial que apresenta funções sintáctico-semânticas específicas. Para a construção participial absoluta podem concorrer quaisquer complementos (cf. [26]), modificadores (adverbiais, etc.) (cf. [27] e [28]) ou sintagmas preposicionais com função adverbial (cf. [29] e [30]):

[26] Assinado *o Tratado de Tordesilhas*, o monarca inicia a organização da armada destinada à descoberta do caminho marítimo para a Índia.
Tot: 7 N°: 6 Ref: L0358P0134X

[27] Concentradas *inicialmente na costa atlântica*, as cidades norte-americanas foram aparecendo no interior, e mais tarde na costa Oeste, à medida que a colonização avançava de Este para Oeste.
Tot: 5 N°: 3 Ref: L0324P0181X

[28] Visitado *diariamente por uma multidão de pessoas*, o centro da cidade torna-se uma área muito procurada e de grande agitação.
Tot: 3 N°: 3 Ref: L0323P0162X

[29] Conhecida *já desde os séculos paleolíticos*, a escultura pode considerar-se como uma das artes mais antigas [...]
Tot: 61 N°: 21 Ref: L0373P0117X

[30] Construída *ao longo de séculos*, a nossa história iniciou-se num território europeu e, com o tempo (a partir do século XV), ganhou uma dimensão mundial.
Tot: 13 N°: 2 Ref: L0323P0006X

Existem outras particularidades que caracterizam o tipo de construções participiais absolutas. Consideremos os

exemplos seguintes:

[31] Iniciada com Descartes, a interligação entre Álgebra e Geometria, veio possibilitar a resolução de muitos problemas da Geometria grega. # Tot: 14 Nº: 2 Ref: L0362P0092X

[32] *Iniciada com Descartes, veio possibilitar a resolução de muitos problemas da Geometria grega a interligação entre Álgebra e Geometria.

A diferença de gramaticalidade entre estas duas frases demonstra que, no caso de existência de um nome ou pronome modificado pelo particípio passado e colocado numa posição externa à construção participial, esta construção tem, geralmente, que estar próxima, tanto quanto possível, do elemento nominal ou pronominal, de modo a evitar possíveis ambiguidades referenciais. Assim sendo, se no exemplo [31] o elemento nominal “*a interligação entre Álgebra e Geometria*” estiver afastado da construção participial “*iniciada com Descartes*”, existe a possibilidade de a frase resultar agramatical (cf. [32]).

Eliseu (1988:3) estabelece um paralelismo entre este tipo de construções participiais e as construções predicativas e passivas (Duarte, 1986 e Matos, 1986), defendendo que as condições de atribuição de caso são as mesmas em todas estas construções. É aqui que fundamenta a hipótese de que as construções participiais absolutas têm propriedades sintáticas que se enquadram dentro das estruturas inacusativas, que incluem as estruturas passivas e as construções com verbos inacusativos¹¹.

Em construções com verbos transitivos o particípio absoluto tem geralmente um valor passivo, como se pode verificar através da manipulação apresentada em [33].

- [33] a. O João fez os trabalhos.
b. Os trabalhos foram feitos pelo João.
c. Feitos os trabalhos, o João vai brincar.

Algumas propriedades sintáticas da construção participial absoluta de verbos transitivos são apresentadas por Raposo (1981:305,103,i,ii,iii) quando aponta a existência de verbos inacusativos em português: “i- a construção do Particípio absoluto deve conter um objecto directo. Este não necessita ocorrer abertamente na construção, mas em qualquer caso, deve ser compreendido como sendo correferente com o sujeito final da oração principal. ii- o verbo no Particípio passado concorda obrigatoriamente em género e número com o nominal que é objecto directo da construção. iii- o sujeito compreendido da construção participial não pode ocorrer abertamente na construção.”

Em termos semânticos, nomeadamente em termos temporais-aspectuais, nas construções participiais absolutas, o particípio passado exprime fundamentalmente um estado resultante de uma acção já terminada que pode ser representada como um intervalo fechado e que expressa o valor de anterioridade em relação ao valor temporal do acontecimento linguístico expresso pela relação predicativa da oração principal. Porém, por si só, o particípio absoluto não indica se esse acontecimento linguístico é passado (cf. [34]a.), presente (cf. [34]b.) ou futuro (cf.

¹¹ Analisaremos estes casos em pormenor no capítulo 3.

[34]c.) em relação ao tempo da enunciação¹². Conforme podemos verificar através dos enunciados exemplificados em [34], é a forma verbal da oração principal que precisa o tempo do acontecimento linguístico.

- [34] a. Concluídos os exames, *fomos* [pret. perf.] de férias.
- b. Concluídos os exames, *estamos* [pres.] em férias.
- c. Concluídos os exames, *iremos* [fut.] de férias.

2.2. Particípios passados em construções com verbos auxiliares

Em grande número de construções participiais, o verbo principal surge na forma de particípio passado, acompanhado (normalmente antecedido) de uma forma flexionada de um verbo auxiliar. Este conjunto de constituintes é tradicionalmente designado por *locução verbal* (Cunha & Cintra, 1984:393). Os verbos auxiliares acompanham o núcleo do sintagma verbal na expressão das categorias linguísticas de tempo, aspecto e modalidade. Ocorrem quase sempre à esquerda do verbo principal¹³ mas podem conjugar-se com diferentes formas desse verbo, e podem ou não vir acompanhados de preposição (Mateus et al., 1989:199). É o próprio auxiliar que, ao conjugar-se com a forma nominal do verbo principal, o particípio passado, transmite os valores aspectuais dos enunciados. Por exemplo, pode transmitir, entre outros, os seus sentidos perfectivo como em [35], resultante como em [36] ou imperfectivo-durativo, como em [37].

[35] Para os povos do Ocidente o nascimento de Cristo, pela sua importância, *foi adoptado* como marco cronológico, dando início à - ERA CRISTÃ. # Tot: 12 N°: 2 Ref: L0358P0010X

[36] Quando está calor, os vasos sanguíneos do nosso organismo *ficam dilatados* e os pêlos tombados. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0510P0108X

[37] As águas de circulação e os ventos *têm-se encarregado* de modelar a superfície. # Tot: 5 N°: 4 Ref: L0323P0077X

Os auxiliares têm características diferentes entre si e de língua para língua. Por exemplo, as dicotomias apresentadas pelos verbos plenos “*ser*” e “*estar*” em português podem, por vezes, aplicar-se aos mesmos verbos quando estes têm estatuto de auxiliares. Ao verbo “*ser*” é normalmente atribuído um sentido de permanência e ao verbo “*estar*” um sentido de tempo-realidade (Alves, 1987:12). O verbo “*ser*” designa normalmente uma propriedade, característica do sujeito considerada como inata, inerente, permanente; o verbo “*estar*” designa o estado do sujeito considerado como accidental, não inerente ou inato, temporário. Por exemplo, o contraste entre os predicados “*ser feliz*” e “*estar feliz*” expressa precisamente uma propriedade permanente, por um lado, e um estado temporário, por outro lado. Também os exemplos do corpus apresentados em [38] e [39], com o verbo “*ser*”, expressam propriedades

¹² Estes termos serão apresentados e desenvolvidos na parte III.

¹³ Dados empíricos revelam que em casos esporádicos os verbos auxiliares podem ocorrer à direita do verbo principal na sua forma de particípio passado, apresentando um valor enfático. Vejamos, por exemplo: “*Guardado está o bocado para quem o merecer*” e “*Descansado tenbo, mas não dormido*”.

permanentes e os exemplos apresentados em [40] e [41], com o verbo “*estar*”, expressam estados temporários:

[38] O grau é definido como a amplitude da nonagésima parte de um ângulo recto.

Tot: 44 N°: 9 Ref: L0362P0129X

[39] A Ásia das Monções é habitada de forma desigual por populações diversas.

Tot: 5 N°: 1 Ref: L0324P0027X

[40] Esse atrito diminui quando existe óleo e areia na estrada ou quando esta está molhada.

Tot: 4 N°: 2 Ref:

L0356P0071X

[41] Inicia a viagem e quando descobre a América, aportando à região das Antilhas, está convencido de que tinha chegado ao Oriente.

Tot: 7 N°: 6 Ref: L0358P0124X

Contudo, na realidade, nem sempre “*ser*” está associado com permanência e nem sempre “*estar*” está relacionado com algo que é temporário, tal como podemos verificar através das construções ilustradas nos exemplos [42] e [43]:

[42] Verifica-se que a expressão 2 n se converte numa designação cada vez que a variável é concretizada com um elemento do domínio.

Tot: 5 N°: 3 Ref: L0362P0021X

[43] Cérebro - Está dividido por um sulco longitudinal em dois hemisférios cerebrais cuja superfície apresenta numerosos sulcos que desenham circunvoluções, o que permite um aumento considerável da sua área.

Tot: 32 N°: 30 Ref: L0305P0237X

Em certos casos, em português os auxiliares “*ser*” e “*estar*” servem para marcar uma oposição entre acções e estados, como podemos ver através do contraste entre [44] e [45]. Para além disso, é de notar que no mesmo tempo verbal os dois auxiliares têm ainda sentidos e valores diferentes (cf. [46] e [47]):

[44] O artigo *foi* escrito. <acção - aspecto perfectivo>

[45] O artigo *está* escrito. <estado resultante de uma situação perfectiva>

[46] O artigo *é* escrito pouco a pouco. <acção - aspecto imperfectivo>

[47] O artigo *está* escrito. <estado resultante de uma situação perfectiva>

Relativamente ainda ao contraste entre “*ser*” e “*estar*”, Gonçalves (1990:127,(i),(ii),(iii)) apresenta também a seguinte contribuição:

“i- O complexo verbal constituído por cada um destes verbos e o Particípio Passado que se lhes segue forma uma unidade sintáctico-semântica e, como tal, só pode ocorrer um Sujeito para todo o complexo:

- (1) (a) O criminoso foi punido pelo juiz.
(b) *O criminoso foi ele punido pelo juiz.
- (2) (a) O juiz tem punido os criminosos.
(b) *O juiz tem ele punido os criminosos.

ii- Os operadores de negação frásica têm escopo sobre toda a sequência, o que nos permite concluir que essa sequência constitui uma unidade:

- (3) (a) O criminoso não foi punido pelo juiz.
(b) *O criminoso foi não punido pelo juiz.
(c) *O criminoso não foi não punido pelo juiz.
- (4) (a) O juiz não tem punido os criminosos.
(b) *O juiz tem não punido os criminosos.
(c) *O juiz não tem não punido os criminosos.

iii- Nenhum dos verbos em questão impõe restrições de selecção semântica ao Sujeito de superfície, sendo a forma participial a responsável por essa imposição:

- (5) (a) O copo foi quebrado pelo Pedro.
(b) *O papel foi quebrado pelo Pedro.
- (6) (a) O Pedro tem quebrado muitos copos.
(b) *O papel tem quebrado muitos copos.”

Em português, podemos destacar três grupos de auxiliares que se combinam com a forma participial: um possibilitando a formação de tempos compostos, outro sendo usado como o auxiliar da passiva e o último dando origem a construções de estado resultante. O tipo de conclusões apontadas por Gonçalves pode estender-se a estes três grupos de auxiliares, que passarei a analisar de seguida.

2.2.1. ter e haver em construções de tempo composto

A união de formas dos auxiliares “*ter*”, e muito pouco frequentemente “*haver*”, com formas de participios passados, permitem a formação de tempos compostos da voz activa como em [48] e da voz passiva como em [49]; exprimem o aspecto conclusivo do processo verbal e denotam eventos, estados ou actividades, de acordo com as diferentes situações ou classes aspectuais (Vendler, 1967)¹⁴.

[48] Bohr dispunha então de um vasto conjunto de conhecimentos, que, ao longo dos anos, tantos homens *tinham* laboriosamente *acumulado*. # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0363P0045X

[49] Os problemas levantados pela modernização da agricultura nos diferentes países *têm sido discutidos* e

¹⁴ Relativamente a este tema dedicarei alguma atenção mais pormenorizada na parte III da tese.

apenas em parte *resolvidos*, através dos acordos estabelecidos no âmbito do Mercado Comum.

Tot: 3 Nº: 1 Ref: L0324P0055X

Nas construções participiais com auxiliar, as formas compostas do particípio passado exprimem a anterioridade do estado de coisas descrito na oração em que ocorrem relativamente ao estado de coisas descrito na oração de que dependem. Nestas construções é a forma verbal que ocorre na oração finita que exprime o valor principal da localização temporal. Assim, no exemplo [50] a localização temporal é passado, porque a frase é marcada pela forma de pretérito perfeito simples “*gostei*”. Em [51] mantém-se a anterioridade de “*ter ido*” em relação a “*lamentarás*”, mas a localização temporal marcada pela forma finita “*lamentarás*” tem valor de futuro:

[50] Gostei de *ter ido* à festa.

[51] Lamentarás *ter ido* à festa.

Com o auxiliar “*ter*” existe um contraste interessante entre construções perifrásticas e outras construções, como construções de tempo composto do tipo da de [52] e construções predicativas perifrásticas do tipo das de [53].

[52] Tenho fechado as janelas todas.

[53] a. Tenho as janelas todas fechadas.

b. Tenho fechadas todas as janelas.

Nem todas as línguas contêm este tipo de contraste. Em italiano, por exemplo, não existe a possibilidade de concordância do particípio passado com o objecto directo na frase que exprime um valor temporal (cf. [54]), mas essa concordância é obrigatória em orações predicativas em que o particípio passado tem um valor mais próximo do adjectivo (cf. [55]).

[54] Ho chiuso/**a* la finestra.

[55] Ho la finestra chiusa.

2.2.2. *ser, estar e ficar em construções passivas*

Nas línguas acusativas, como é o caso do português, os auxiliares permitem fazer transformações de construções activas em construções passivas no domínio dos verbos passiváveis¹⁵. O tema da passiva é, de certo modo, paradigmático e, como tal, tem sido constantemente objecto de discussão e controvérsia. A noção de passiva tem vindo a ser alargada em relação ao domínio tradicional e têm sido interrogados alguns pressupostos da gramática transformacional, que considera que as frases passivas são criadas a partir de certos tipos de frases activas através de uma regra/operação transformacional opcional (Desclés & Guentchéva, 1990:73-102). Hoje em dia, considera-se

¹⁵ O domínio dos verbos passiváveis está submetido a restrições. Estas restrições não fazem parte dos objectivos deste estudo. Veja-se, entre outros, Desclés & Guentchéva (1990:73-102).

que a passiva engloba também outro tipo de construções, como a construção passiva reflexiva, por exemplo. A noção de passiva não é simples, mas não é objectivo deste estudo apresentar uma análise pormenorizada dos problemas que a passiva sustenta. Limito-me à apresentação da passiva de “*ser*”, “*estar*” e “*ficar*”, optando por uma nomenclatura tradicional e, portanto, familiar a qualquer tipo de leitor. O que interessa, na realidade, neste trabalho é destacar o papel do particípio passado nas passivas acabadas de apontar.

A passiva caracteriza-se pela ocorrência de uma forma flexionada do verbo auxiliar (na maioria dos casos “*ser*”, daí a designação tradicional de “*passiva de ser*”) e pela ocorrência do particípio passado do verbo principal transitivo¹⁶ ou inacusativo. Ao nível da oração, a passiva envolve uma reorganização de dois elementos da oração (Quirk, 1972:801): (a) o sujeito da activa (se explícito) surge depois do verbo e da preposição “*por*” e torna-se o agente da passiva e (b) o objecto directo ou indirecto da activa torna-se o sujeito da construção passiva, que recebe caso nominativo.

O sintagma preposicional constituído pela preposição “*por*” e pelo complemento **agente da passiva**¹⁷ é um elemento opcional na construção passiva. Na grande maioria dos casos estes dois elementos são suprimidos e toda a forma verbal é precedida ou seguida pelo novo sujeito sintáctico (argumento interno do verbo a partir do qual é formado e com o qual partilha os traços de concordância). Como exemplificado em [56], a estrutura sintáctica da frase activa (cf. [56]a.) torna-se diferente da estrutura da construção passiva (cf. [56]b.), mas o seu significado permanece exactamente o mesmo.

- [56] a. *Uma equipa de detectives* (suj.) está a investigar *o crime* (OD).
b. *O crime* (suj.) está a ser investigado (*por uma equipa de detectives*).

Se analisarmos no entanto as frases de [57], que correspondem aos famosos exemplos clássicos de Chomsky (1965:224, nota 9 ao cap. 3), podemos concluir que em [57]b. a presença de um quantificador na frase provoca uma alteração no significado da expressão. Este tem sido um assunto de grande interesse no campo semântico e sintáctico. A discussão de Chomsky relaciona os dois níveis.

- [57] a. *Todas as pessoas* leram *dois livros*.
b. *Dois livros* foram lidos *por todas as pessoas*.

Nas construções passivas, o argumento interno do verbo a partir do qual o particípio passado é formado pode, menos frequentemente, ocorrer em posição pós-verbal, caracterizando muitas das **passivas impessoais** (cf. [58], [59] e [60]), cujo argumento interno da forma participial é normalmente uma expressão indefinida.

¹⁶ Gonçalves (1990:126) defende que o verbo “*ser*” passivo não faz parte do grupo de auxiliares em português, mas que se comporta de modo semelhante aos verbos copulativos.

¹⁷ Apenas para consolidar, podemos acentuar que, sintacticamente o agente da passiva é um sintagma nominal regido quase sempre pela preposição “*por*”, que na paráfrase activa tem a relação gramatical de sujeito. Com certos verbos, sobretudo com verbos que exprimem sentimentos, o agente da passiva pode ser regido da preposição “*de*” e até da preposição “*entre*”. Exemplos:

Ela foi acompanhada *de* dois guarda-costas.

Esta família é estimada *entre* todas as famílias.

- [58] Foram assaltadas várias lojas. (Alguém assaltou várias lojas.)
- [59] A decisão já foi tomada. (Alguém já tomou a decisão.)
- [60] A porta das traseiras não foi bem fechada. (Alguém não fechou bem a porta das traseiras.)

Nestes casos, a razão mais comum para usar a passiva impessoal parece ser evitar fazer referência à pessoa que realiza a acção. Isto pode ser porque a identidade da pessoa não é conhecida ou porque não é necessário identificar essa mesma pessoa, por ser irrelevante ou óbvio.

Vejamos dois exemplos, um em que a presença do agente é irrelevante (passiva sem agente [61]), outro em que é obrigatório que o sujeito seja especificado (passiva com agente [62]):

[61] Alguns dias depois, os homens considerados menos capazes para as tarefas marítimas *foram abandonados* nus na praia de Melides, perto de Sines. # Tot: 2 N°: 2 Ref: L0358P0164X

[62] Os pontos médios da troposfera *são caracterizados pela inexistência destas partículas*, sendo em contrapartida poluídos, por poeira cósmica. # Tot: 21 N°: 4 Ref: L0334P0007X

A passiva com complemento agente é também denominada de “*passiva longa*” e a passiva sem agente de “*passiva curta*” (Desclés & Guentcheva, 1990:74). O sujeito pode ser o recipiente ou não de uma acção do verbo. No caso de o sujeito ser uma coisa, então, na frase passiva será designado por **instrumento**. Quer o agente, quer o instrumento, no caso de existirem, surgem no predicado.

Nas construções passivas, o auxiliar não impõe restrições de selecção semântica ao sujeito e assim não tem que ser semanticamente compatível com este. A compatibilidade tem que se verificar com a forma participial (cf. [63] e [64]):

[63] A ilha *foi descoberta* por portugueses.

[64] * O armário *foi bebido* pelas visitas.

Segundo Mateus et al. (1989:222), em português as construções com formas participiais de verbos intransitivos (cf. [65]), de verbos inacusativos (cf. [66]) e de verbos que seleccionam argumentos internos preposicionais (cf. [67]) ou que assumem superficialmente uma forma preposicional (cf. [68]), são agramaticais ((a), (b), (c) e (d) em Mateus et al., nota 1, pp: 222).

[65] *O João foi tossido pelo fumo.

[66] *O telhado foi caído pelo vendaval.

[67] *O João foi partido de Paris.

[68] *O espectáculo foi gostado pelos críticos.

Regra geral, todos os verbos transitivos podem gerar construções passivas, à excepção de um número bastante limitado de casos. Porém, a noção de passiva não se pode reduzir apenas aos verbos transitivos. Em alemão ou em latim têm sido atestados exemplos de construções passivas intransitivas, em inglês existem passivas associadas a construções de complementos de objectos indirectos e nas línguas românicas algumas construções impessoais são também passivas¹⁸. Também em português há exemplos talvez raros mas possíveis de construções passivas com verbos intransitivos¹⁹.

Apesar de o auxiliar “*ser*” ser geralmente designado como o auxiliar da passiva, e por isso merecer tratamento privilegiado neste tipo de construção, outros auxiliares predicativos como “*estar*” (cf. [69] e [70]) e “*ficar*” (cf. [71]) podem igualmente ocorrer em construções passivas com as mesmas características de “*ser*” sendo, no entanto, muito menos frequente o seu uso. Com o auxiliar “*ficar*” podemos concluir que semanticamente existe uma passagem a um estado resultante.

[69] A bobina 1 *está alimentada por uma fonte de tensão* e é colocada nas proximidades da bobina 2 ligada a um milivoltímetro. # Tot: 12 Nº: 8 Ref: L0352P0076X

[70] A vida, nesta parte da Ásia, *está condicionada pelas monções*. # Tot: 9 Nº: 7 Ref: L0324P0025X

[71] Quando a temperatura do ar é muito baixa, a sua actividade nervosa e muscular pára, **ficando** entorpecidos pelo frio. # Tot: 1 Nº: 1 Ref: L0510P0101X

Alguns autores fizeram a distinção entre a passiva com “*ser*” e a passiva com “*estar*”. Brakel (1976:15-16) compara os dois tipos de passiva, rotulando o verbo auxiliar “*ser*” passivo como “*essencial*” (cf. [72]), enquanto que “*estar*” passivo (acrescento “*ficar*”) é etiquetado de “*acidental*” (cf. [73]). De acordo com esta perspectiva, nas construções de “*ser*” (“*construções essenciais*”) a forma de particípio passado é um adjectivo que serve apenas para caracterizar o SN sujeito. Nas construções de “*estar*” (“*construções acidentais*”) a forma de particípio passado descreve um estado de coisas que pode vir a ser, e normalmente é, alterado.

[72] a. O João é desconfiado.

b. O Pedro é enjoado.

[73] a. O João está desconfiado.

b. O Pedro está enjoado.

As frases de [72] e [73] são tão simples e tão curtas que é difícil considerar se têm ou não um valor passivo. Mas quando são contextualizadas, a caracterização torna-se mais facilmente perceptível (cf. [74] e [75]).

¹⁸ As construções impessoais passivas não fazem parte dos objectivos desta análise. As passivas que me interessam são naturalmente aquelas em que há ocorrência de uma forma de particípio passado.

¹⁹ Para mais detalhes, veja-se o capítulo 3 nesta parte da tese.

[74] O João sempre foi desconfiado. Nunca acredita em nada nem ninguém.

[75] O João está tão enjoado de bolos que nem pode ouvir falar neles.

Com base nos exemplos [74] e [75], parece mais simples justificar que nenhuma das frases são construções da voz passiva, mas que o particípio tem significados diferentes: em [74] “*desconfiado*” pode funcionar como um adjetivo predicativo, mas em [75] “*enjoado*” marca um estado resultante.

Uma descrição sintáctica mais alargada acerca da construção passiva em português pode ser encontrada em Mateus et al. (1989:209; 221-226) e Raposo (1992:311-314) entre outros. Vejamos, de seguida, como os auxiliares “*estar*” e “*ficar*” podem ter várias outras funções. Destacamos a seguir a de estado resultante.

2.2.3. *estar e ficar em construções resultativas*

Para além de poderem funcionar como auxiliares da passiva, como observámos acima, o estatuto principal de “*estar*” e “*ficar*” é o de auxiliares que ocorrem com a forma participial do verbo principal para dar origem a construções como [76] e [77], designadas como construções resultativas, de estado resultante ou mudança de estado (Campos & Xavier 1991:315)²⁰. O traço distintivo de “*resultado*” inclui em si mesmo o conceito de “*completo*”, que tem surgido em muitos estudos aspectuais do “*perfeito*” (Comrie 1976:52).

[76] As crianças estão cansadas.

[77] Os livros ficaram pagos.

As construções resultativas caracterizam-se por terem predicados que, dentro da sua própria definição, incluem um limiar semântico, i.e., a passagem de uma fronteira que pode ter maior ou menor dimensão:

[78] Os sete períodos iniciam-se sempre com o preenchimento de uma orbital ns e acabam quando a orbital np *está completamente preenchida*. # Tot: 6 Nº: 4 Ref: L0363P0088X

[79] Até aos 700 metros, toda a vertente sul *está transformada* numa gigantesca escadaria, percorrida pelas levadas. # Tot: 29 Nº: 23 Ref: L0323P0177X

[80] Há quem admita que Diogo Cão, nesta 1ª viagem, ao avançar mais para sul, *ficou persuadido* devido à direcção da linha da costa, de quase ter atingido a ponta sul de África, informando do facto D. João II.

Tot: 1 Nº: 1 Ref: L0358P0129X

²⁰ O facto de considerar estas construções de estado resultante, não significa que elas não possam ser também passivas. Aliás, na minha definição de passiva, cabem perfeitamente as propriedades das construções de estado resultante. Nos exemplos que apresento, com os verbos transitivos “*cansar*” e “*pagar*”, não há qualquer critério que permita dizer que estes exemplos não são de passiva. A minha definição de passiva aceita construções passivas sem agente expresso e com “*ser*”, “*estar*” e “*ficar*”. O que posso postular para a diferença entre construções passivas e construções de estado resultante tem a ver com critérios semânticos, concretamente, com o traço distintivo “*resultado*” definido por Comrie (1976:52) que está incluído na própria definição do verbo, ou seja, que lhe é intrínseco.

3. *Propriedades sintáctico-semânticas dos predicados verbais*

Um estudo acerca dos participios passados exige naturalmente uma referência relativa ao comportamento sintáctico-semântico dos verbos lexicais dentro das construções de que fazem parte. Uma abordagem deste tipo remete-nos para definições básicas relacionadas com os diferentes tipos de verbos, nas quais se incluem as noções de transitividade e intransitividade. Alguma da nomenclatura aqui utilizada provém da literatura do quadro teórico da Gramática Generativa (Teoria Temática e Teoria do Caso incorporadas na Teoria da Regência e Ligação). Para os leitores menos familiarizados com esta terminologia, tentarei explicar brevemente alguns conceitos mais importantes durante este capítulo²¹. Antes de tudo, penso ser importante uma pequena introdução em relação aos verbos. Para o efeito, baseio-me na descrição apresentada em Campos & Xavier (1991:85-86).

Os **verbos lexicais** ou predicados seleccionam **argumentos**, têm por isso um conteúdo proposicional. Existe uma relação entre um predicado e os seus argumentos (variáveis do predicado). As variáveis associadas a um predicado lexical são representadas na construção sintáctica como um sintagma nominal (SN), que terá uma interpretação semântica (ou **papel temático**) associada ao predicado que o selecciona. Ao contrário dos verbos lexicais, os verbos auxiliares não têm um conteúdo proposicional, na medida em que não seleccionam argumentos e funcionam como elementos funcionais (auxiliares) de uma predicação. Os verbos com conteúdo proposicional têm uma **grelha temática** (ou **grelha argumental**), ou seja estes verbos seleccionam um, dois, ou três argumentos e, mais raramente, quatro argumentos. São, portanto, predicados de um lugar, de dois lugares, de três lugares ou de quatro lugares (Peres, 1984:52). O número de argumentos seleccionados por um verbo corresponde, noutra perspectiva, à valência do verbo (Büsse & Vilela, 1986). Numa frase cujo verbo é um predicado de um lugar, a estrutura sintáctica terá necessariamente uma **posição argumental**²² onde será projectado o argumento (SN) seleccionado lexicalmente pelo verbo. A posição argumental (posição sintáctica de uma categoria SN) é denominada **posição temática** porque recebe um argumento identificado semanticamente com um papel temático associado ao seu predicado. Por exemplo, os verbos “*trabalhar*” e “*dormir*” seleccionam um argumento, uma posição argumental ou posição temática. São predicados de um lugar (exemplos: “*a Catarina trabalha*”; “*o Pedro dorme*”). Os verbos “*limpar*” e “*comer*” seleccionam dois argumentos. São predicados de dois lugares (exemplos: “*a Catarina limpou a casa*”; “*o Pedro comeu o gelado*”). Os verbos “*oferecer*” e “*receber*” seleccionam três argumentos. São predicados de três lugares (exemplos: “*o Pedro ofereceu um quadro à Catarina*”; “*a Catarina recebeu um quadro do Pedro*”). Finalmente, os verbos “*comprar*” e “*vender*” seleccionam quatro argumentos. São predicados de quatro lugares (exemplos: “*o João comprou o quadro ao Pedro por 10 contos*”; “*o Pedro vendeu o quadro ao João por 10 contos*”). A posição de sujeito (uma posição argumental) existe independentemente do facto de o verbo da oração seleccionar ou não um argumento que será projectado naquela posição argumental. A posição sintáctica de sujeito é obrigatória. O mesmo não acontece relativamente à posição de objecto directo ou indirecto. Depende do tipo de verbo a existência de argumentos-complementos e a projecção de uma posição temática.

²¹ Para uma melhor compreensão destas teorias e dos seus conceitos, o leitor poderá consultar as seguintes referências em português: Raposo (1981), Eliseu (1984), Âmbar (1988), Mateus et al. (1989), Campos e Xavier (1991) e Raposo (1992).

²² A posição não argumental distingue-se da posição argumental por nela não serem projectados os argumentos seleccionados pelo verbo. Exemplos de posições não argumentais são as posições dos adjuntos circunstanciais.

3.1. Tipologia verbal

Embora muitas das propriedades sintáticas dos verbos possam ser definidas com certa facilidade, o comportamento de alguns verbos é menos susceptível de compreender ou distinguir e certas caracterizações sintáticas apresentam-se pouco satisfatórias. Do ponto de vista tradicional os verbos ou eram transitivos ou eram intransitivos. Os verbos transitivos eram definidos como a classe de verbos que têm complemento de objecto directo e os verbos intransitivos como a classe de verbos que não têm complemento de objecto directo. Alguns esforços foram feitos de forma a reformular tipologias tradicionais, baseadas em propriedades semânticas (número e tipo de argumentos seleccionados pelo verbo) e configurações estruturais (subcategorização sintáctica), e a fazer brotar, a partir de dados empíricos, novos pressupostos teóricos assentes em descrições mais abrangentes. A partir de finais dos anos 70, vários linguistas apresentaram estudos que justificam a existência de um novo grupo verbal nas línguas acusativas, baseados em dados que demonstram que os tradicionais verbos intransitivos não constituem uma classe homogénea. A investigação foi inicialmente desenvolvida por Perlmutter (1978) no âmbito da Gramática Relacional. Incluído no âmbito da mesma teoria, Raposo (1981) foi o primeiro autor a abordar este problema para o português. Burzio (1981) tratou a mesma questão para o inglês e para o italiano, mas num quadro teórico diferente, o da Gramática Generativa. No seguimento do trabalho destes, Eliseu (1984) propôs para os verbos do português uma tipologia tripartida, mais realista do que a classificação tradicional binária²³. Tendo em conta as propriedades lexicais e sintáticas dos diferentes verbos, a construção de um conjunto restrito de princípios sintáticos baseados nas Teorias Temática e do Caso permite-lhe definir uma nova classe verbal, a dos verbos inacusativos (Perlmutter, 1978), também designados como ergativos (Burzio, 1981)²⁴. Esta classe é característica de muitas línguas, especialmente das línguas indo-europeias. As propriedades destes verbos revelam a insuficiência da distinção tradicional entre verbos transitivos e verbos intransitivos. Assim sendo, podemos distinguir três grandes classes de construções verbais do português: construções transitivas, construções intransitivas e construções inacusativas. Os factores fundamentais a ter em conta na análise das propriedades das diferentes construções e que permitem definir as três classes são a existência de um sujeito temático (argumento nuclear externo do verbo, tipicamente “*agente*”), a existência de um objecto (complemento directo) e as propriedades sintáticas do verbo enquanto atribuidor de caso acusativo (caso estrutural do verbo transitivo que legitima o complemento directo SN): “[...] o critério básico no estabelecimento de uma tipologia verbal é a distinção entre sujeito temático e sujeito não temático. Este critério, associado à determinação das propriedades dos verbos enquanto atribuidores casuais é necessário e suficiente para estabelecer a tipologia básica dos verbos do português.” (Eliseu, 1984:104).

A observação destes factores nas construções participiais absolutas, nas construções predicativas, nas construções atributivas e nas construções passivas, contribui com alguns dados relevantes para a caracterização dos verbos do português. O comportamento das construções participiais absolutas revela-se particularmente interessante no estudo dos diferentes tipos de comportamento verbal. Passo a apresentar os tipos de construções que têm por base as três grandes classes de verbos acima referidas, atribuindo particular destaque à possibilidade ou impossibilidade da ocorrência do participípio absoluto nestas construções.

3.1.1. Construções transitivas

As **construções transitivas** caracterizam-se por permitirem a presença de dois constituintes nominais, i.e., seleccionam semanticamente dois argumentos nucleares: um com a função de sujeito (argumento externo - SN

²³ Ver também Guéron (1987), Mateus et al. (1989), Xavier (1989b), Campos & Xavier (1991:178-190).

²⁴ O autor utiliza o termo “*ergativo*”. Por razões puramente preferenciais, usarei o termo “*inacusativo*”.

agente), outro com a função de objecto directo (argumento interno - SN tema), tal como ilustra o exemplo [82]²⁵. Nestas construções o verbo transitivo, também designado por predicado de dois lugares (Peres, 1984), atribui caso estrutural acusativo ao seu objecto directo e define a estrutura sintáctica com um sujeito argumental, i.e., um sujeito marcado tematicamente, que tem caso nominativo.

[82] A Catarina viu o filme.
 [Suj.] [OD]
 [+nom.] [+acus.]

A formação do participípio absoluto a partir de uma construção transitiva é regularmente possível (cf. [83]), daí que possa, segundo Eliseu, ser utilizada como um teste empírico da transitividade de um verbo.

[83] Visto o filme, a Catarina partiu.

Nestas construções a determinação das propriedades sintácticas é bastante clara. A comprová-lo, e tendo em conta uma teoria sintáctica de tipo transformacional, os dados empíricos apresentados em [84] mostram que apenas o constituinte subcategorizado pelo verbo pode ocorrer no participípio absoluto se pretendermos preservar o sentido da frase.

[84] a. A Catarina viu o filme.
 b. Visto o filme, ...
 c. * Visto a Catarina, ...

Os verbos transitivos podem, para além disso, ocorrer em construções participiais predicativas, atributivas e passivas, apresentadas em [85], [86] e [87] respectivamente:

[85] O filme está visto.

[86] Os filmes vistos estão naquela prateleira.

[87] O filme foi visto.

3.1.2. *Construções intransitivas*

As **construções intransitivas**, também designadas de construções inergativas, caracterizam-se pela ocorrência de um único constituinte nominal com a função de sujeito que ocorre à esquerda do verbo (argumento externo - SN

²⁵ Existem relações semânticas entre um verbo e os sintagmas nominais por ele seleccionados, isto é, os seus argumentos, que não correspondem às funções de sujeito e objecto. Os argumentos de um verbo têm uma determinada interpretação semântica relacionada com a própria interpretação do verbo que os selecciona. Para uma reflexão mais profunda sobre a interpretação semântica dos sintagmas nominais argumentos de um predicado, consulte-se Gruber (1967) e Jackendoff (1972).

agente) e marcado por este com caso nominativo (cf. [88]).

- [88] a. O Pedro telefonou.
- b. *O Pedro telefonou a notícia.

De acordo com as suas propriedades sintáticas de predicados de apenas um lugar, não seria característico destes verbos nem a possibilidade de ocorrerem em construções participiais absolutas, nem a de ocorrerem em construções predicativas e atributivas, nem a de ocorrerem em construções passivas, tal como é geralmente defendido. Embora, na maior parte das ocorrências, este pressuposto realmente se confirme, destacam-se casos excepcionais em que verbos tradicionalmente considerados intransitivos podem comportar-se de modo relativamente diferente: pela possibilidade de ocorrerem com um nominal à direita (cf. [89]); pela possibilidade de ocorrerem no participípio absoluto (cf. [90]); pela sua posição predicativa (cf. [91]) e atributiva (cf. [92]):

- [89] a. A Ana almoçou um cozido à portuguesa.
- b. O Pedro viajou o mundo inteiro.
- [90] a. Almoçada a Ana, pudemos finalmente sair do restaurante.
- b. Aterrado o avião, todos os passageiros bateram palmas.
- [91] a. A Ana está almoçada. (A Ana terminou o seu almoço)
- b. O Pedro está (muito) viajado. (Ultimamente o Pedro tem viajado muito)
- [92] a. Considero as crianças almoçadas.
- b. Considero o Pedro muito sabido. (Considero que o Pedro sabe muito)

Embora os verbos intransitivos possam realizar um objecto directo cognato, semanticamente restringido com traços específicos, mas intimamente relacionado com a própria significação do verbo como em [89] (Campos e Xavier, 1991:190), estes verbos, em geral, seleccionam semanticamente apenas um argumento externo. De acordo com o exemplo [90], parece, pois, que a construção participial absoluta, por si só, não se apresenta como um teste empírico suficientemente válido acerca da transitividade dos verbos. Alguns verbos considerados intransitivos podem também dar origem ao tipo de ocorrências exemplificadas em [91] e [92].

Podemos distinguir dois tipos de caracterização semântica para os nominais à direita do participípio absoluto: agente e tema. Em [93]a. e [93]b. os nominais da construção participial absoluta são argumentos nucleares agente. Nos restantes construções ([93]c., [93]d. e [93]e.), os verbos normalmente conhecidos como intransitivos, funcionam como predicados de dois lugares e os nominais que acompanham a forma participial absoluta não têm a função temática de agente, mas sim de tema, tal como nas construções transitivas. O elemento que é responsável pela acção praticada, da qual se vê um resultado, i.e. o sujeito (argumento externo) que tem a função de agente, está ausente nestas últimas. Podemos considerar que, nestes casos, verbos que normalmente têm um uso intransitivo dão origem a construções inacusativas.

- [93] a. Aterrado o avião, os passageiros bateram palmas.
- b. Almoçada a Ana, pudemos sair do restaurante.
- c. Corrida a maratona, os atletas mal podiam andar.

- d. Trabalhados os textos, os alunos tiveram um intervalo.
- e. Cantados os fados, acabou-se o serão.

Diferentes tipos de verbos seleccionam diferentes tipos de nominais para acompanhar o participio absoluto. Por exemplo, verbos intransitivos como “trabalhar”, “telefonar”, “cantar”, “correr”, etc. seleccionam nominais onde existe um argumento nuclear tema, daí os contrastes de gramaticalidade entre as sequências “*corrida a maratona, ...*” (cf. [93]c.), “*trabalhados os textos, ...*” (cf. [93]d.) e as sequências [94] e [95] respectivamente:

[94] *Corrida a Ana, ...

[95] *Trabalhados os alunos, ...

Uma particularidade interessante que raramente é referida é que, em alguns casos, é possível o uso do participio passado de verbos intransitivos como adjetivo na marcação de uma característica de alto grau, ou como uma marca prosódica do tipo: “*Ele é muito lido.*”, “*Olha que ele é sabido!*”, “*Ele é sabido!*”, etc. Nestes casos o participio passado é usado como caracterizador de uma entidade que tem a propriedade definida pelo verbo, ou seja, é uma expressão predicativa do tipo “*O João é um rapaz sabido*”.

3.1.3. Construções inacusativas

O predicado das construções inacusativas partilha propriedades, quer com os verbos transitivos, quer com os intransitivos, mantendo assim um comportamento próprio. As **construções inacusativas**²⁶, à semelhança das construções intransitivas, contêm normalmente apenas um constituinte nominal: o SN sujeito (argumento externo) (cf. [96]), e, à semelhança das construções transitivas seleccionam semanticamente um SN, argumento interno nuclear com o papel temático de tema, mas não atribuem caso estrutural (cf. [97]):

[96] O navio afundou-se.

[97] Afundado o navio, poucos sobreviveram.

A possibilidade de formação de um participio absoluto confirma a identidade entre o nominal dos verbos inacusativos (cf. [98]) e os nominais dos verbos transitivos (cf. [99]), distinguindo-os por vezes, mas nem sempre, dos verbos intransitivos (cf. [100]), que os permitem apenas em casos muito mais raros.

[98] a. Os testes desapareceram.

b. Desaparecidos os testes, os alunos foram embora desconsolados.

[99] a. Os alunos compraram os livros.

b. Comprados os livros, os alunos começaram imediatamente a estudar.

²⁶ Os verbos psicológicos, com dois argumentos externos nucleares - experienciador e tema, estão incluídos no grupo daqueles que realizam construções inacusativas. Para mais informação acerca do comportamento destes verbos, veja-se, entre outros, Mateus et al. (1989); Campos & Xavier (1991:183-184); Raposo (1981).

[100]a. O cão ladrou. / O Francisco almoçou.

b. *Ladrado o cão, os gatos fugiram. / Almoçado o Francisco, todos puderam levantar-se da mesa.

Por um lado, existe uma certa afinidade entre inacusativos e transitivos quanto à possibilidade de ocorrência do participio passado com função predicativa (cf. [101]) e atributiva (cf. [102]), na maioria dos casos interdita aos intransitivos:

[101]a. As crianças estão crescidas.

b. As contas estão feitas.

c. *O rapaz está chorado. /O rapaz está almoçado.

[102]a. As folhas caídas acumularam-se no relvado.

b. O dinheiro gasto no carro foi bem empregue.

c. *As crianças ridas foram brincar. /As pessoas viajadas conseguiram resolver o puzzle mais rapidamente.

Por outro lado, existem algumas propriedades que os inacusativos partilham com os intransitivos, afastando-os dos transitivos (cf. [103]). Uma dessas propriedades, que interessa referir, é a da impossibilidade de ocorrência em construções passivas.

[103]a. *Os alunos foram chegados. (*chegar* – verbo inacusativo)

b. *A menina foi mentida. (*mentir* – verbo intransitivo)

c. O correio foi visto. (*ver* – verbo transitivo)

Curiosamente, em [104] podemos verificar a ocorrência de dois constituintes nominais, um à esquerda, outro à direita do verbo. O nominal à direita do verbo (argumento interno) tem, no entanto, características diferentes dos nominais objecto directo das construções transitivas, dado que não pode ocorrer com função predicativa ou na passiva, tal como se pode verificar pela agramaticalidade de [105]a. e [105]b., respectivamente.

[104] *O João cresceu um palmo. O João comeu um bolo.*

[105]a. **Um palmo está* crescido. *Um bolo está* comido.

b. **Um palmo foi* crescido. *Um bolo foi* comido.

Os verbos inacusativos definem estruturas sem sujeito temático e com um objecto directo que não recebe caso acusativo (daí se designarem também como verbos inacusativos). Este objecto sem caso funciona apenas como um quantificador nominal do predicado.

Estas construções participiais absolutas possuem, em todo o caso, as características das construções inacusativas, verificando-se, nomeadamente, que o constituinte nominal subcategorizado pelo verbo recebe caso nominativo e não acusativo (cf. [106]):

- [106]a. Chegadas as crianças, podemos partir.
b. * Chegadas-as, podemos partir.

[106]a. torna-se ainda preferível, para certo número de falantes, com a ocorrência de um adverbial, como exemplificado em [107]:

[107] Uma vez chegadas as crianças, podemos partir.

A análise destas construções passa, assim, pela investigação das questões que se prendem com as condições de atribuição de caso estrutural em português, nomeadamente a atribuição de caso nominativo ao constituinte nominal.

A hipótese de o participio absoluto funcionar como marca da transitividade de um verbo parece poder constituir um tema para mais desenvolvimento. Infelizmente, até ao momento não existem trabalhos em que a forma esteja devidamente estudada. Segundo Eliseu (1984:102), esta construção oferece particulares dificuldades de análise, nomeadamente no que diz respeito às condições de atribuição casual ao nominal nele ocorrente. A atribuição de caso aos nominais nestas construções é exigida pela Condição de Visibilidade²⁷ (Chomsky, 1981 e Raposo 1992:493-501), visto tratar-se de argumentos do predicador verbal.

Campos & Xavier (1991:182) apontam a existência de alguns verbos que têm a peculiaridade de funcionar como transitivos e como inacusativos. Por exemplo, “*arrefecer*”, “*aumentar*”, “*cozer*” e “*terminar*” em “*o Luis arrefeceu o leite*” versus “*o leite arrefeceu*”; “*o governo aumentou a gasolina*” versus “*a gasolina aumentou*”; “*a Emília cozeu o peixe*” versus “*o peixe cozeu*” e “*a Ana terminou o livro*” versus “*o livro terminou*”. Nas frases em que o verbo funciona como transitivo encontramos a correspondência normal entre caso e papel temático, ou seja, os argumentos agente e tema são projectados nas posições canónicas e os respectivos casos nominativo e acusativo são atribuídos regularmente a cada um daqueles argumentos. Nas construções inacusativas, onde existe um argumento nuclear tema, ocorrem verbos como “*florir*”, “*crescer*”, “*falir*” e “*desmaiar*”, entre outros.

Embora se distingam os verbos transitivos dos verbos intransitivos (os primeiros como subcategorizando um complemento de objecto directo para completar o seu significado e os segundos como não subcategorizando nada, devido a terem significado completo sem necessidade de um objecto directo), a maior parte dos verbos tanto se usam como intransitivos quanto como transitivos. A linha que separa transitivos e intransitivos não é nem segura nem fixa. O mesmo acontece com os verbos inacusativos em relação aos verbos intransitivos. Verificámos que a classificação tradicional binária não satisfaz e que os traços de subcategorização estrita são insuficientes para caracterizar as classes verbais. Uma classificação tripartida é mais representativa da realidade, no entanto, há certas propriedades semânticas próprias destes verbos cujo estudo mais aprofundado poderá contribuir com dados significativos para a explicação de certos fenómenos aqui apontados. Neste sentido, podemos ainda concluir que a determinação das propriedades sintácticas dos verbos nem sempre é linear. Apresenta-se, por vezes, problemática, principalmente no caso das construções com um único nominal. No caso particular dos verbos inacusativos, o constituinte nominal sujeito (argumento externo) partilha de algumas propriedades dos constituintes nominais objecto directo (argumentos internos) dos verbos transitivos, daí a possibilidade de formação de um participio absoluto.

²⁷ A “Condição de Visibilidade” é um dos conceitos da Gramática Generativa, introduzido por Chomsky. A Condição de Visibilidade define que um elemento só é visível para efeitos de marcação temática se tiver Caso atribuído. Os papéis temáticos são atribuídos apenas a sintagmas nominais com caso.

Verificámos que em alguns casos (número limitado) também o sujeito dos verbos intransitivos pode funcionar como o objecto directo dos verbos transitivos, daí a existência de algumas ocorrências em que esse constituinte faz parte da construção do participio absoluto. Este argumento reforça a posição de que a acção pode fazer-se de pontos de vista distintos e de que a mente pode usar um verbo com dupla função: intransitiva e transitiva. Existem certas acções que, em várias línguas, se prestam a ambas as considerações. As de movimento destacam o lugar como uma circunstância ou consideram-no como objecto de acção (cf. “*correr pelo mundo*” e “*correr o mundo*”).

As observações apontadas revelam que existem certas propriedades idiossincráticas dos verbos que lhes permitem funcionar de uma ou outra forma, por vezes permitindo comportamentos diferentes da maioria dos verbos do grupo a que pertencem. Em determinadas circunstâncias, verbos considerados transitivos podem funcionar do mesmo modo que os verbos intransitivos e vice-versa. Por exemplo, *estudar* é transitivo ou não conforme o contexto. Em “*estudada a lição, descansei*” comporta-se como transitivo e em “*a Ana estudou*” comporta-se como intransitivo. Em ambos os casos temos o mesmo verbo. Assim, a alternativa de descrever vários verbos como diferentes se têm um comportamento sintáctico diferente, parece não ser a melhor opção, daí preferir referir-me, em certos casos, ao tipo de construção e não ao tipo de verbo e, por isso, falar, por exemplo, em construções transitivas em vez de verbos transitivos.

3.2. Padrões de aceitabilidade

A partir da definição dos diferentes tipos de classes verbais e tendo em consideração tanto outros aspectos verbais de carácter semântico, como os dados resultantes da descrição empírica do corpus, apresento aqui uma pequena esquematização da boa formação de algumas construções participiais em português. Assim, são gramaticais:

- as construções participiais intransitivas de carácter resultante (*A Maria está/ficou almoçada.*); emprego predicativo

[108] Se a árvore ficar carbonizada nunca mais rebentará. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0510P0154X

[109] A capacidade de um acumulador é a quantidade de electricidade que ele pode fornecer até ficar descarregado. # Tot: 14 N°: 11 Ref: L0353P0063X

[110] Quando está calor, os vasos sanguíneos do nosso organismo ficam dilatados e os pêlos tombados. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0510P0108X

[111] É o que acontece com os solos muito ricos em argila e húmus que, por reterem água, ficam empapados. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0510P0142X

[112] Certamente verificas que a tua pele fica pálida e os pêlos ficam eriçados. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0510P0108X

[113] Quando o electrão é «retirado» do átomo, isto é, quando sai do campo da atracção nuclear, diz-se que o átomo fica ionizado. # Tot: 3 N°: 3 Ref: L0363P0063X

- as construções participiais transitivas (os verbos transitivos permitem sempre esta construção, independentemente do seu carácter) (*Terminados os trabalhos de casa, a Vanda foi andar de bicicleta.*); participio absoluto

[114] São estes aspectos, aliados à situação geográfica de Portugal, que favorecem o desenvolvimento do comércio externo. # Tot: 37 Nº: 8 Ref: L0358P0072X

- as construções participiais de carácter intrinsecamente não durativo (*O Pedro tinha telefonado.*); tempo composto

[115] Pedro Álvares Cabral tinha chegado a terras da América do Sul, a que deu o nome de Stª Cruz. # Tot: 9 Nº: 1 Ref: L0358P0139X

[116] Inicia a viagem e quando descobre a América, aportando à região das Antilhas, está convencido de que tinha chegado ao Oriente. # Tot: 9 Nº: 4 Ref: L0358P0124X

- as construções participiais que denotam processos não durativos de tipo pontual (em que o momento inicial e o momento final idealmente coincidam) (*Chegado ao trabalho depois das onze, o João teve que trabalhar até mais tarde.*); particípio absoluto

[117] A partir do séc. XIII, acabada a Reconquista, vive-se uma situação de paz que muito favorece o desenvolvimento económico do reino. # Tot: 5 Nº: 1 Ref: L0358P0063X

[118] Estabelecido o primeiro contacto com os senhores de Calecute, havia que fortalecer relações que conduzissem ao rendoso tráfico das especiarias. # Tot: 15 Nº: 13 Ref: L0358P0138X

- as construções participiais de carácter transformativo que designam um processo em que no fim o sujeito se encontra numa condição diferente da inicial (*Ressentidos, os alunos puseram-se a pensar no que tinham dito.*); particípio absoluto

[119] Estudado experimentalmente o problema a partir de dados espectroscópicos, *Hund* concluiu que: [...] # Tot: 28 Nº: 17 Ref: L0363P0081X

São inaceitáveis do ponto de vista gramatical as construções absolutas participiais formadas com o particípio passado de verbos intransitivos que indicam acções de carácter intrinsecamente durativo (que se prolongam no tempo sem implicarem autonomamente o próprio fim) (**Estudado toda a semana, a Maria descansou no domingo*). No entanto, com o mesmo tipo de particípio passado podemos ter construções de tempo composto (*A Maria tinha estudado*) e construções predicativas (*A lição está estudada*).

4. Alguns valores sintácticos das construções participiais absolutas

No capítulo anterior foram apresentados os diferentes tipos de construções verbais e a possibilidade ou impossibilidade de certos verbos em construções participiais absolutas. O presente capítulo trata de aspectos de ordem sintáctica no interior da construção participial absoluta como a ordem e função das palavras e a concordância ou não entre o particípio passado e o sujeito da construção participial. Aqui está incluída uma breve descrição acerca dos padrões de concordância entre o particípio passado e o sujeito nominal. Em primeiro lugar apresento a ordem em que os elementos surgem no interior da construção participial. Em segundo lugar refiro a função de alguns elementos, em particular a função do sujeito, e os traços de concordância.

4.1. Ordem dos elementos

Koopman (1984) e Travis (1984) propõem que a ordem das palavras é determinada em parte por um parâmetro que indica a direcção de atribuição de um papel temático pelas cabeças.

Normalmente, a estrutura da construção participial absoluta articula-se do seguinte modo: em primeiro lugar pode encontrar-se um advérbio, depois o particípio passado, seguido de um sintagma nominal com a função de sujeito ou complemento objecto (cf. [120] e [121]). Se estes dois últimos estiverem invertidos, o resultado é geralmente agramatical:

- [120]a. Recentemente chegada a mulher, o Luis sorria de contente.
- b. *A mulher chegada recentemente, o Luis sorria de contente.
- c. *A mulher recentemente chegada, o Luis sorria de contente.

- [121]a. Conhecidos os vencedores, o concurso terminou rapidamente.
- b. * Os vencedores conhecidos, o concurso terminou rapidamente.

Existem, porém, variações estilísticas: a frase [122] apresenta a ordem ‘sujeito-particípio passado’; a frase [123] apresenta a ordem ‘particípio passado-sujeito’. Ambas as frases têm uma interpretação apositiva. Porém, interessa aqui apontar que esta diferença de ordem tem a ver com o facto de, na frase de [122], o sujeito ser um pronome. Se, em vez de “*ela*” tivermos “*a Maria*”, a ordem é indiferente (cf. [124]a. e [124]b.). Neste caso, não é o facto de se tratar de um sujeito que determina a ordem pré-participial ou pós-participial.

- [122] Agora, ela recuperada, os pais estão mais descansados.

- [123] Iluminada a casa, parecia um conto de fadas.

- [124]a. Agora, recuperada a Maria, os pais estão mais descansados.
- b. Agora, a Maria recuperada, os pais estão mais descansados.

4.2. O papel do sujeito

O sujeito desempenha um papel importante em qualquer tipo de construção. Se a construção participial absoluta não tem um sujeito explícito tende-se a interpretar o sujeito da frase principal como sujeito também da construção participial. Assim, no exemplo em “*Concluídos os exames, os alunos foram de férias*”, “*os alunos*” é identificável como sujeito seja de “*concluir os exames*”, seja de “*ir de férias*”. Este é um caso de co-referência. A leitura coreferente é também possível nas construções participiais passivas (“*Uma vez vencidas, as tropas retiraram-se do local.*”) e em frases em que o sujeito da construção participial é o sujeito sintáctico (“*Dito isto, fui-me/vou-me embora.*”).

A construção participial não é possível se estiver estruturalmente privada de sujeito com quem concordar. Por exemplo, no caso dos verbos meteorológicos podemos ver que não é possível o uso da construção participial “**chovido, saímos de casa*”, “**parado de chover, saímos de casa*”²⁸, porque este não tem sujeito com quem

²⁸ Em “*Chovidas reclamações de todo o país, o programa acabou*”, o verbo “*chover*” tem um sujeito com o qual partilha traços de concordância

concordar. No entanto, a construção “*Terminada a tempestade, saímos de casa*” já é gramatical porque existe um sujeito presente com o qual o particípio passado concorda.

Para poder ser identificado como sujeito da construção participial, o sujeito deve ocupar uma posição não marcada do ponto de vista da estrutura informacional, tal como acontece em [125] em que “*a Ana*”, tema da frase principal, é interpretável como agente seja de “*sair do trabalho*” seja de “*dirigir-se a casa*”.

[125] Saída do trabalho, a Ana dirige-se a casa.

Se o sujeito da frase principal está em posição inicial em relação à frase inteira e ao interior de uma estrutura dividida, com conseqüente valor parentético da construção participial, a interpretação co-referente é possível porque, neste caso, o pronome relativo funciona como retoma temática do sujeito (cf. [126]).

[126] O palácio do conde de *x*, que foi construído em 1730, ruiu aquando do terramoto.

O sujeito não expresso da construção participial pode ser interpretado como co-referente também com um objecto indirecto (OI) da frase principal: é o caso do OI da predicação nos exemplos de [127], [128] e [129]:

[127] Apenas construído, foi deitado fogo ao edifício.

[128] Apenas licenciada, foi-lhe proposto um lugar de assistente.

[129] Apenas chegada à sala de conferências, foi-lhe dito que a reunião tinha sido cancelada.

Reconstruindo a série inteira de interpretações possíveis temos (a) frases cujo tema é o sujeito, quer da construção participial, quer da frase principal. (“*Saído de casa, o João foi trabalhar*”) e (b) frases em que a concordância participial admitiria uma ambigüidade eliminada através do papel informativo. Em muitos casos, o sujeito da frase principal é também sujeito preferencial da construção participial. (“*Saída da faculdade, a Ana procurou a sua amiga*”).

4.3. Padrões de concordância

Podemos considerar que, tal como na passiva, também na construção participial absoluta, o objecto da frase subjacente torna-se o sujeito da construção participial, como podemos ver através de [130].

[130] A partir do séc. XIII, *acabada a Reconquista*, vive-se uma situação de paz que muito favorece o desenvolvimento económico do reino.

Tot: 5 N°: 1 Ref: L0358P0063X

em género e número e a frase é gramatical. Neste caso, no entanto, “*chover*” não é um verbo meteorológico.

Assim sendo, na construção participial, o particípio passado concorda sempre com o seu sujeito (sintáctico)²⁹. Sintacticamente, uma característica importante das estruturas passivas é a existência obrigatória de concordância em género e número da forma participial com o SN sujeito que, na estrutura sintáctica base, ocupa a posição de objecto directo, como é possível observar através dos contrastes entre [131]a., [131]b. e [131]c.:

- [131]a. As casas mais antigas foram construídas pelos pescadores.
- b. *As casas mais antigas foram construídos pelos pescadores.
- c. *As casas mais antigas foram construída pelos pescadores.

Eliseu (1988) aponta que a concordância do particípio passado pode ser analisada nos termos da regra de “concordância do particípio” de Burzio (1986): “ O particípio passado concorda em género e número com um elemento que mantém uma ‘relação de ligação’ (binding relation) com o seu objecto”.

A concordância do particípio passado com o seu complemento objecto é, nas construções participiais, obrigatório, assim como a concordância do particípio passado dos verbos inacusativos com o próprio sujeito, tal como exemplificado em [132]:

- [132] Apresentado o João, a Maria resolveu sentar-se.

Mas, no entender de Kayne (1987b), várias línguas românicas têm construções em que parece que o particípio passado concorda com o SN objecto. Kayne argumenta que o particípio passado nunca concorda directamente com o SN na posição de objecto, mas, no caso de haver concordância, esta deve-se ao facto do SN se ter deslocado de uma posição governada por um elemento abstracto AGR gerado como irmã do SV encabeçado pelo particípio passado. Este ponto de vista não exige uma regra específica como a de Burzio (1986:55).

5. Alguns valores semânticos das construções participiais

O particípio passado é ambíguo/vago³⁰ entre várias possibilidades que não são exclusivas e que, por vezes, o contexto selecciona. Nas construções participiais, o particípio passado marca diferentes valores em relação aos valores temporais associados ao acontecimento linguístico principal. Vejamos alguns desses valores.

5.1. Anterioridade

As construções participiais apositivas, construídas com particípios passados de verbos transitivos que indicam um estado ou uma condição intrinsecamente durativa (cf. [133]) ou resultante (cf. [134]) denotam anterioridade:

²⁹ A concordância entre o particípio passado e o SN sujeito é um traço típico das línguas românicas (Kayne, 1984, 1986). A concordância é suspensa em tempos compostos formados com o auxiliar “ter”. Para os mais familiarizados com os conceitos da gramática generativa, Kayne assume que X tem que ser AGR, representado como um constituinte separado que governa localmente uma projecção-V máxima. Considera-se X como V e AGR como um afixo opcional, gerado na base em V.

³⁰ Sobre questões relacionadas com a vagueza, veja-se Santos (1997a).

[133] Depois de *ter estado/sido afastado durante uma temporada*, o jogador retoma a sua posição na equipa. - anterioridade (significa que antes o jogador esteve afastado, mas que agora já voltou à equipa)

[134] *Considerado o melhor actor do ano*, x subiu ao palco das estrelas. - há anterioridade de um acontecimento que se prolonga e passa também a contemporâneo.

Ao valor de anterioridade associa-se normalmente um valor causal, contingente, como podemos ver através de algumas paráfrases de [134]:

[135] Porque foi considerado o melhor actor do ano, X subiu ao palco das estrelas.

[136] Ao ser considerado o melhor actor do ano, X subiu ao palco das estrelas.

[137] Ser considerado o melhor actor do ano fez com que X subisse ao palco das estrelas.

Estas paráfrases permitem sublinhar a ideia de que a organização de uma narrativa é feita com uma “cola” que tem a ver com contingência, resultados, e não principalmente com ordem temporal (Moens & Steedman, 1988).

5.1.1. Significado causal

Em certos casos, a construção participial tem uma interpretação causal. A interpretação causal da frase [138] não depende de razões intrínsecas à construção participial, mas emerge da relação entre a construção participial e a frase principal de acordo com o conhecimento que temos do mundo.

[138] Chegada às cinco e dez, a Ana já não apanhou o comboio das cinco.

O valor causal está sempre associado ao valor temporal. Na frase [139] a interpretação mais natural é aquela que estabelece uma relação causal entre os dois eventos:

[139] Afundada a embarcação, os pescadores morreram no mar.

A interpretação da sequência temporal conduz, muitas vezes, a uma passagem ao significado causal, concessivo ou condicional das situações (dos estados de coisas ou eventos) indicadas pela frase principal e pela construção participial quando no participípio passado prevalece a componente perfectiva. Isto acontece particularmente no caso

dos verbos de carácter pontual (“*explodir*”, “*morrer*”, “*chegar*”, “*cair*”, etc.) mas é válido, em geral, para todos os verbos télicos.

5.1.2. Significado concessivo

A presença de adverbiais do tipo “*ainda*”, “*mesmo assim*” e semelhantes na frase principal atribui à construção participial um sentido concessivo³¹:

[140] Atrasado o autocarro, ela ainda conseguiu ser pontual.

[141] Licenciada com uma média alta, mesmo assim a Maria não consegue trabalho.

5.1.3. Significado hipotético ou condicional

Se a frase principal está no presente, futuro ou condicional, a construção participial pode revelar funções de uma frase interpretada como hipotética. Nos dois exemplos seguintes, as frases [142]a. e [143]a. têm valor hipotético e são equivalentes a frases introduzidas por “*se*” (“*Se for ...*”), enquanto que as frases [142]b. e [143]b., no passado, tem valor causal (“*Uma vez que ...*”):

[142]a. Casados em segredo, ninguém pode impedir o matrimónio.

b. Casados em segredo, ninguém impediu o matrimónio.

[143]a. Diagnosticado a tempo, o glaucoma pode ser travado.

b. Diagnosticado a tempo, o glaucoma conseguiu ser travado.

6. Resumo

De modo a pôr em perspectiva todos os dados que apresentei e discuti nesta primeira parte, resumo em breves palavras aquilo que me parece fundamental. Uma das tarefas básicas é a de definir com acuidade os vários conceitos. O participípio passado foi definido como uma forma verbal que, em certos casos, assume um papel adjectival. Os vários tipos de construções de participípio passado definidos foram a construção participial absoluta, a construção participial apositiva, a construção passiva, a construção atributiva, a construção predicativa e a construção resultativa e a construção temporal. Algumas destas construções rejeitam a presença de um verbo auxiliar, outras aceitam-na ou exigem-na, ora confundindo-se com o adjectivo (função atributiva), ora exprimindo um estado (função predicativa) ou exprimindo um valor passivo, ora um estado resultante (participípio absoluto). O tipo de auxiliar associado ao participípio passado reflecte-se em diferentes tipos de construções. As construções com “*estar*” descrevem estados e as construções com “*ser*” expressam propriedades. As construções com “*ter*” reflectem um tempo composto e exprimem normalmente o aspecto conclusivo de uma situação. A passiva pode ser construída através da combinação dos auxiliares “*ser*”, “*estar*” e “*ficar*” com um verbo transitivo. Os auxiliares “*estar*” e “*ficar*” desempenham também um papel importante nas construções resultativas, que normalmente implicam as noções de “completo” e “perfeito”. Verificámos que a observação, nas construções participiais absolutas, nas construções predicativas, nas construções atributivas e nas construções passivas, de factores como a existência de um sujeito temático, a existência de um complemento objecto directo e as propriedades sintácticas do verbo atribuidor de caso, pode contribuir com dados pertinentes para a caracterização dos verbos do português em três grandes classes: transitivos, intransitivos e inacusativos, não obstante as idiosincrasias que, por vezes, os desviam dos seus padrões mais normais. Algumas das características sintácticas da construção participial absoluta que foram

³¹ Por vezes há sentido concessivo mesmo sem a ocorrência de expressões como “*ainda*”, etc..

aqui analisadas são a concordância entre particípio passado e sujeito nominal e a ordem das palavras nesta mesma construção: advérbio (opcional), particípio passado, SN sujeito e objecto. O sujeito desempenha um papel muito importante nas construções participiais e a sua concordância com o particípio passado elimina ambiguidades e agramaticalidades que possam ser plausíveis. Do ponto de vista semântico, o particípio passado contribui para a marcação de diferentes valores temporais. Vimos em particular o valor temporal de anterioridade ao qual se podem associar valores causais, contingentes. Outros valores possíveis são o valor concessivo e o valor hipotético ou condicional.

PARTE II - PARTICÍPIOS PASSADOS VERBAIS E PARTICÍPIOS PASSADOS ADJECTIVAIS.....	49
7. TERMINOLOGIA.....	50
8. DADOS DIACRÓNICOS E SINCRÓNICOS.....	51
8.1. <i>Origem e natureza dos participios passados</i>	52
8.2. <i>Perspectivas lexical e passiva</i>	52
9. SÚMULA DE DIVERSOS PONTOS DE VISTA.....	53
9.1. <i>Ponto de vista sintáctico</i>	56
9.1.1. <i>Perspectiva morfológica</i>	57
9.2. <i>Ponto de vista semântico aspectual</i>	59
10. GENERALIZAÇÃO DESCRITIVA	61
10.1. <i>Valor verbal</i>	61
10.2. <i>Valor adjectival</i>	62
10.2.1. <i>Interpretação activa e interpretação passiva</i>	65
10.3. <i>Participios passados e adjectivos</i>	66
10.3.1. <i>Características comuns</i>	67
10.3.2. <i>Características distintas</i>	72
11. TIPOS DE PARTICÍPIOS PASSADOS	75
12. RESUMO.....	77

PARTE II - Particípios passados verbais e particípios passados adjectivais

As designações atribuídas às formas de particípio passado têm sido diversas. Os particípios passados têm sido igualmente designados de “*particípios passivos*”, “*adjectivos verbais*” ou simplesmente “*verbos usados como adjectivos*” (Schmitz, 1984:549). Estas designações, controversas que são, prendem-se com aspectos relacionados com a origem, natureza, e uso dos particípios e têm constituído motivo para discussões relevantes.

Uma das questões mais importantes relaciona-se com a categoria gramatical a que pertencem os particípios passados. Na parte I desta tese tivemos oportunidade de verificar que os particípios passados são formas gramaticais que assumem ora um valor verbal, ora um valor adjectival. Com valor verbal são usados em combinações mais ou menos complexas de tempo e aspecto (“*temos trabalhado no projecto*”), como analisarei em pormenor na parte III da tese. Com valor adjectival desempenham o papel de modificadores de nomes (“*um lençol bastante trabalhado*”)

³²

Suposto que existem dois valores diferentes para uma forma gramatical, sendo um mais verbal e outro mais nominal, será admissível e natural questionar a origem desta forma gramatical. Assim sendo, uma das questões que será lícito levantar é a seguinte: os particípios passados são verbos ou são adjectivos? A resposta merece alguma discussão. A parte II da tese, além de colocar *pari passu* os dois valores participiais, assenta substancialmente nesta discussão. Um dos pontos pertinentes está relacionado com uma distinção particular mais subtil que não foi até ao momento suficientemente referida nesta tese: a distinção entre particípio passado passivo³³ e adjectivo passivo. Esta distinção, por sua vez, levanta uma nova questão que tem a ver com a forma como as construções passivas são derivadas na gramática, em sintaxe ou no léxico.

Um dos aspectos que apresenta mais dificuldades na análise e categorização de contextos com a forma do particípio passado é, precisamente, o de estabelecer esta distinção. No decorrer da anotação do corpus dei-me conta da dificuldade que, por vezes, existe em saber se em determinada construção estamos perante um particípio passado verbal ou perante um particípio passado adjectival e, dentro destes, se estamos perante um particípio passivo ou um adjectivo passivo. As dificuldades em distinguir se estamos perante uma ou outra categoria devem-se, em primeiro lugar, ao facto de as duas formas serem homógrafas. Os particípios passados verbais e adjectivais de um determinado verbo envolvem um único morfema: “*o café foi aquecido*” “*o café aquecido foi bebido de imediato*”. O mesmo afixo está associado com a derivação de ambos os particípios passados, precisamente por estes partilharem muitas das suas características e propriedades. O facto de particípios passados verbais e particípios passados adjectivais partilharem especificidades e ocorrerem em contextos semelhantes, pode ser considerado como o segundo factor mais relevante na dificuldade da distinção que aqui se aponta. Veremos algumas das propriedades comuns a ambas as categorias tendo em conta os trabalhos de Pimenta (1979) e de Casteleiro (1978). As propriedades divergentes das duas formas são, contudo, aquelas que nos interessam de modo especial e devem ser associadas à diferença categorial entre particípios passados e adjectivos passivos, que explicaremos através de aspectos das análises de autores como Pimenta (1979), Schmitz (1984) e Varela (1992), entre outros. Um dos objectivos desta parte é, pois, o de mostrar que em português contemporâneo, apesar de terem uma base comum e dividirem muitas das suas propriedades, particípios passados verbais e particípios passados adjectivais são entidades

³² Por vezes o particípio passado ocorre sozinho, “disfarçado” de adjectivo (“*os meninos lavados foram para a cama*”) e por vezes “disfarçados” de nomes (“*os seleccionados este ano foram poucos*”). É importante notar que o sentido das construções com o nome modificado pelo particípio passado é quase sempre passivo, obviamente “*os meninos lavados*” foram lavados por alguém e “*os seleccionados*” foram seleccionados por alguém. Assim, os particípios passados adjectivais são geralmente particípios passados passivos. Os particípios passados adjectivais são usados para exprimir o modo como as pessoas se sentem, i.e., referem-se ao experienciador (“*a Catarina está muito interessada na lição*”, “*a Catarina é interessada*” e “*a Catarina é uma aluna muito interessada*”).

³³ Doravante particípio passivo.

distintas que ocorrem em diferentes tipos de construção.

A dificuldade em estabelecer se determinado particípio passado é verbal ou adjectival também envolve uma série de componentes linguísticas que se inter-relacionam. A combinação das perspectivas morfológica, sintáctica e semântica pode contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno³⁴. Do ponto de vista morfológico existem descrições alargadas dos processos de formação de palavras que reúnem aspectos interessantes para este estudo. O assunto estritamente morfológico tem, todavia, que ser submetido a considerações sintácticas ou semânticas. Do ponto de vista sintáctico existem vários trabalhos que apresentam dados para determinar em que contextos é que o particípio tem uma leitura verbal e em que contextos é que tem uma leitura adjectival. Porém, estas duas vertentes, por si só, não conseguem explicar o fenómeno de duplicidade. A componente semântica, que por vezes é ignorada, é indispensável para a justificação e interpretação dos valores que aqui são assumidos. Assim sendo, tentarei reforçar os aspectos semânticos indispensáveis neste tipo de estudo, baseando-me no trabalho de Varela (1992). Varela usa como teste particípios passivos (i.e., os que aparecem em construções passivas) e adjectivos passivos terminados em *-do* em espanhol, para tentar mostrar como as propriedades aspectuais estão relacionadas com a estrutura morfológica. O seu ponto de vista implica que a diferença de escopo relativo dos marcadores aspectuais ligados às formações em *-do* pode explicar as conhecidas diferenças no comportamento sintáctico bem como na interpretação semântica destas formas derivadas.

Relativamente ao estudo da distinção entre particípios passados verbais e particípios passados adjectivais, vários autores empregam termos diferentes, dando, por vezes, a sensação de estarem a tratar de assuntos diferentes, quando, de facto, tecem considerações sobre o mesmo tema. No capítulo 7 tento definir os termos usados nesta parte da tese e clarificar os termos usados por vários autores, procurando, assim, uniformizar a terminologia. No capítulo 8 apresento alguns dados diacrónicos que contêm argumentos a favor do estudo sincrónico da divisão dos particípios passados em duas categorias diferentes. Faço referência à origem e natureza dos particípios passados e às perspectivas lexical e passiva. No capítulo 9 apresento uma súmula das perspectivas mais importantes para este estudo. Segue-se no capítulo 10 a parte descritiva, dedicada à apresentação de dados empíricos, começando em primeiro lugar com a apresentação, numa análise contrastiva, dos valores verbal e adjectival. Em segundo lugar, incluo as diferenças e semelhanças entre particípios passados e adjectivos, discutindo os argumentos que me parecem mais importantes, baseados em posições de investigadores diferentes. Tentarei trazer à luz a definição do problema, demonstrar que esta análise não é uma análise arbitrária e apresentar as bases teóricas que considero satisfatórias para esta definição. O capítulo 11 apresenta esquematicamente vários tipos de particípios passados verbais e adjectivais. O capítulo 12 resume alguns dos aspectos mais importantes desta parte da tese.

7. Terminologia

Existem dois termos importantes que surgirão constantemente ao longo desta parte da tese. Estes termos são os de particípio passado verbal e de particípio passado adjectival. Embora tenham sido já definidos na parte I, convém aqui relembrar a distinção entre ambos. Os **particípios passados verbais** referem-se, em geral, àqueles particípios passados que não podem funcionar como adjectivos e que contribuem para a manifestação de valores temporais-aspectuais. Como forma verbal, o particípio passado pode ocorrer em todos os tempos compostos, por vezes pode também surgir isolado, exprimindo quase sempre uma acção temporal. Veremos, porém, que existem outros tipos de particípios passados verbais, como muitos particípios passados passivos e predicativos. Os

³⁴ Esta posição depende de considerar que a definição de categoria linguística precisa de input dos três níveis: morfológico, sintáctico e semântico. Este é um problema muito discutido na definição de “*part-of-speech*” em inglês (Lyons, 1977). Todas as discussões de incerteza em relação a uma categoria linguística vão ao encontro do facto de que alguns critérios são semânticos, outros sintácticos.

participios passados adjectivais ou adjectivos verbais são adjectivos formados a partir de um verbo ou, como alguns autores defendem, a partir da forma de participio passado verbal desse mesmo verbo. Com valor adjectival, o participio passado tem uma função qualificativa (atributiva ou predicativa), exprime uma propriedade. Na ausência de um verbo auxiliar o participio passado tem geralmente (mas nem sempre) um sentido passivo e concorda em género e em número com a palavra a que está ligada. Em geral, os participios passados adjectivais distinguem-se dos adjectivos plenos pela sua forma: terminação em *-do*³⁵ e por ocorrerem, em muitos casos, em construções diferentes.

É comum encontrar os termos **participio passivo** e **adjectivo passivo** como sinónimos de participio passado verbal e participio passado adjectival respectivamente. Este caso de sinonímia é, em meu entender, demasiado abrangente. Os participios passados passivos são apenas uma subclasse de participios passados verbais. Porém, nem todos os participios passados verbais são participios passivos, assim como nem todos os participios passados adjectivais são adjectivos passivos. Assim, por exemplo, em “*O Pedro tem estudado*” temos um participio passado verbal que não é passivo. Um participio passivo é, por exemplo, “*O Francisco é respeitado (por todos)*”. Do mesmo modo, podemos apresentar como exemplo de um participio passado adjectival a frase “*As crianças cansadas foram dormir*”, e como exemplo de adjectivo passivo a frase “*A perna partida dói*”. Alguns exemplos dos diferentes tipos de categorias, extraídos do corpus, podem ser vistos a seguir. Em [144] temos um participio passado verbal, em [145] temos um participio passivo, em [146] temos um participio passado adjectival acompanhado de um intensificador, em [147] temos um participio passado adjectival e em [148] temos um adjectivo passivo.

[144] O foguetão **teria realizado** um movimento de translação. # Tot: 89 Nº: 86 Ref: L0362P0132X

[145] Nos meios urbanos as pessoas **são absorvidas** pelos sectores secundário e terciário.
Tot: 5 Nº: 5 Ref: L0323P0154X

[146] É pois durante os períodos de **crescimento mais acelerado** que a alimentação terá de ser mais cuidada.
Tot: 43 Nº: 31 Ref: L0305P0268X

[147] Um espelho é uma **superfície polida** que reflecte regularmente a luz.
Tot: 17 Nº: 13 Ref: L0356P0205X

[148] De qualquer modo, o Algarve tornou-se um grande cartaz turístico para Portugal. É a província das grandes raias douradas **banhadas** por águas tranquilas, das amendoeiras em flor, das aldeias de casario branco com típicas chaminés.
Tot: 2 Nº: 1 Ref: L0323P0191X

Alguns autores, dos quais se destaca Wasow (1977), fizeram ainda a distinção entre uma passiva com um adjectivo passivo como cabeça do predicado (**passiva lexical**) e uma passiva cuja cabeça do predicado é um participio passivo (**passiva sintáctica**).

8. Dados diacrónicos e sincrónicos

³⁵ Na maior parte dos casos, os participios passados, sejam eles adjectivais ou verbais, terminam pelo morfema *-do*, a menos que derivem de um verbo que possua duas formas de participio passado, sendo uma delas irregular em relação à maioria (cf. Apêndice A).

8.1. Origem e natureza dos participios passados

Estudos realizados acerca da história dos participios passados desde o latim até às línguas românicas (Laurent, 1995) referem que os participios passados em latim começaram como um tipo de adjectivo verbal em indo-europeu. Muitos verbos em latim não tinham participio passado. Os verbos que sobreviveram adquiriram um à medida que o participio passado começou a desempenhar um papel sintáctico mais importante em construções perfectivas e passivas.

Os participios passados assumidos no latim mais tardio e os participios passados atestados nas línguas românicas não são os mesmos comparados e contrastados com os do latim clássico, ou seja, nem todos os tipos de participios passados do latim sobreviveram nas línguas românicas. Alguns tipos irregulares mais antigos desapareceram, outros proliferaram. Novos tipos de participios passados surgiram. A expansão ou contracção destes tipos têm razões subjacentes. Por exemplo, os participios passados acentuados no final de reflexos de -ATUM (*sempre*), -ITUM (*quase sempre*) e -UTUM (*normalmente*) expandiram-se. Excepto na Sardenha e no sul de Itália, os reflexos das formas de -u ITUM como COGNITUM (*conhecido*) quase que desapareceram. Reflexos de formas em -TUM depois de uma raiz de consoante final, como FACTUM (*feito*), permaneceram populares em italiano e também um pouco em francês mas sobreviveram apenas em verbos de alta frequência em romeno, catalão, espanhol e português. Em espanhol e português os tipos -UTUM já não terminam participios passados mas proliferam em adjectivos (muitos deles com sentido pejorativo) como “*cabeludo, orelhudo, cabeçudo, narigudo, etc.*”³⁶. Em romeno, reflexos de -UTUM são quase restritos à marcação de participio passado. Reflexos do tipo em (s), como MISSUM (*mandado*) tornaram-se mais comuns em romeno do que em latim; alguns gozam de grande popularidade também em italiano. Este tipo tornou-se menos comum em francês e desapareceu em espanhol e em português. A principal função do sufixo -IARE do latim oral mais tardio era derivar verbos factivos a partir de adjectivos e de participios passados.

As origens dos participios passados existentes hoje nas línguas românicas parecem não ser cem por cento transparentes. Se alguns participios revelam uma evolução clara, outros há cujas razões de aparecimento são quase desconhecidas. Devido a processos de mudança linguística, nomeadamente de mudança sintáctica, determinadas formas emergem, outras desaparecem e outras ainda são recategorizadas. Este é um fenómeno natural da evolução das línguas e, a meu ver, representa uma das explicações para o aparecimento de duas formas paralelas muito semelhantes entre si, mas com peculiaridades que marcam a sua distinção e que deixam marcas visíveis conhecidas através da análise dos dados da língua.

8.2. Perspectivas lexical e passiva

Desde muito cedo se afirmou que alguns dos participios passados têm propriedades adjectivais, e alguns linguistas (Freidin, 1975, entre outros) sugeriram que todos os participios passados passivos são, de facto, adjectivos. Wasow (1977) foi o primeiro a distinguir sistematicamente entre dois tipos de participios passados, um que exhibe propriedades adjectivais - o participio passado adjectival - e um que exhibe propriedades verbais - o participio passado verbal. Deste modo, a partir dos trabalhos de Freidin e Wasow definiram-se duas perspectivas distintas quanto à origem das formas de participio passado: a **perspectiva lexical** e a **perspectiva passiva**. Freidin propôs

³⁶ Alguns autores defendem que estas formas são consequência de uma mudança de categoria, i.e., são formas que sofreram um processo mais ou menos longo de recategorização de um participio passado a um adjectivo. Não penso que tenha havido uma recategorização neste caso, mas simplesmente o desaparecimento da forma de participio passado.

que a relação activa-passiva está estipulada no léxico e não é fruto de uma transformação, daí resulta que os participios passados passivos são gerados lexicalmente. A hipótese passiva, criada por Wasow e desenvolvida por Lightfoot (1979), é a de que as passivas verbais têm que ser derivadas em sintaxe e que a derivação é uma inovação na história da gramática³⁷. Para o português podemos apontar dois autores que basearam as suas análises nos trabalhos de Freidin e Wasow. Pimenta (1979) opta por argumentar a favor de uma análise lexical dos participios passados, seguindo a posição de Freidin. Propõe que existe no léxico dois adjectivos, por exemplo “*assustado*”, sendo um por natureza estativo (“*O menino está assustado*” e o outro passivo (“*O menino foi assustado*”). Schmitz (1984) argumenta a favor da posição de Wasow³⁸. Segundo a análise de Wasow uma frase passiva com agente explícito do tipo “*A Emília foi presenteada com um relógio pelo Luis*” seria transformacionalmente derivada da frase “*O Luis presenteou a Emília com um relógio*”. Schmitz aceita a análise léxico-transformacional de Wasow e rejeita a análise lexical de Freidin, nomeadamente através da contra-argumentação à solução lexical de Pimenta para a passiva.

Para Pimenta um participio passado como “*seleccionado*” no exemplo “*O Pedro foi seleccionado para a final*” é adjectival porque concorda em género e número com o SN sujeito da frase. A argumentação que apresenta é a de que nenhuma forma verbal em português tem marca de género. Schmitz (1984:557) aponta dados do português clássico que revelam que é possível que os verbos sejam marcados com género. A comprová-lo, em frases clássicas como “*Porém já cinco sois eram passados...*”, “*Uma semana estava decorrida.*”, “*Era chegada a hora de partir.*”, “*Um mês não era ainda passado...*”, os auxiliares “*ser*” e “*estar*” ocorrem com participios passados com marcas de género. A par da evidência do português clássico, apresenta também dados do português do Brasil que revelam que algumas formas verbais podem ser marcadas para a concordância. Existe também evidência de outras línguas tais como o russo, o hindí e o árabe de que as formas verbais podem ter concordância.

9. Súmula de diversos pontos de vista

Para que tenhamos uma visão mais geral do problema da divisão de duas categorias dentro do participio passado, importa aqui referir diversas opiniões diferentes. Alguns dos pontos de vista fazem parte de quadros teóricos distintos e outros remontam a uma certa distância no tempo. Embora nem sempre concordemos com tudo aquilo que escreveram os gramáticos, não podemos negligenciar o seu legado e os seus esforços assim como não podemos deixar de reconhecer os seus méritos que, em alguns casos, expressaram conhecimentos importantes e ideias avançadas, úteis para o desenvolvimento das teorias actuais. Em relação ao estudo dos participios passados verbais e adjectivais, é importante salientar algumas dessas ideias e destacar a forma como a partir delas se pode evoluir para estudos mais específicos. Casteleiro (1978:69-104) apresenta, no seu capítulo sobre participios passados e adjectivos, uma introdução bem organizada das ideias dos gramáticos tradicionais relativamente à distinção entre os usos verbal e adjectival dos participios passados. O contributo é importante e, por isso, entre outras citações, apresenta-se aqui um resumo das suas referências:

Barbosa (1822:293-294) distinguiu três grupos para os participios verbais, em dois dos quais se inserem os participios passados. Um grupo diz respeito ao participio passado dos tempos compostos, conjugado com os auxiliares “*ter*” e “*haver*” (o último pouco frequente na língua portuguesa actual) e designa-o de *participio perfeito*

³⁷ Mais recentemente, alguns autores entre os quais Hedlund (1992) argumentam que as formas participiais passivas são formadas na componente morfológica e não em sintaxe.

³⁸ Wasow (1977) rejeita uma análise lexical para as frases do inglês “*The United Fund was given* (\$10) - \$10 was given (to the United Fund)*” e “*Someone gave the United Fund *(\$10) - Someone gave \$10 (to the United Fund)*” argumentando que essas frases são transformacionalmente derivadas.

activo. Outro grupo diz respeito ao particípio passado ou adjectivo verbal, em função predicativa ou atributiva (adnominal), designando-o de *particípio perfeito passivo*. Ambos os tipos de particípios passados são considerados por Barbosa como adjectivos, sendo o primeiro indeclinável e o segundo declinável, o que de acordo com Casteleiro é extremamente discutível. Em relação ao particípio passado e ao seu emprego, Barbosa diz o seguinte: “Este também he um particípio; porque participa do verbo a sua significação activa, não já exercitada pelo sujeito da oração, como o particípio activo, mas recebida nelle, e produzida por outro: e participa outro sim do nome adjectivo a propriedade de modificar qualquer nome substantivo, concordando com elle em género e em número; que por isso sempre he declinavel.” “ou se tomão como particípios passivos, e nesse caso sempre se conjugão, e andão junctos com os verbos substantivos *Ser*, ou *Estar*, como: *Sou amado*, *Estou perdido*: ou como adjectivos verbaes, oppostos aos substantivos para os modificarem, como: *Hospede bem*, ou *mal agasalhado*; *Lugar povoado*: *Campos semeados*, *Terrenos pousios*, etc.: ou como nomes substantivados por meio dos artigos, v. gr. *Hum agasalhado gostoso*, *O povoado*, *Os semeados* [...]. No primeiro caso cumpre notar, que os particípios passivos dos verbos intransitivos, chamados neutros, se acomodão melhor com o verbo *Estar*, do que com o verbo *Ser*; e os particípios passivos dos verbos transitivos se dão melhor com este, do que com aquelle. Assim, diremos: *Ser amado*, e *Estar quêdo*; *Ser morto* (por *matado*) e *Estar morto*; *Ser nascido*, e *Estar vivo*; *Ser lembrado*, e *Estar esquecido*, etc.”

Tal como Barbosa, muitos outros gramáticos apontaram que os particípios passados podem funcionar como adjectivos verbais.

Epifânio Dias (1917:245) refere que o “partic. passivo (= passado) simples, além de entrar na formação da voz passiva e na dos tempos compostos da activa, emprega-se, ou como simples qualificação, servindo já de attributo, já de n. predicativo, ou ligado, em forma de apposto, a uma palavra substantiva d’uma or., ou com sujeito proprio, servindo nestes dois últimos casos de exprimir causa, hypothese, etc.”

Já mais recentemente, Mattoso Câmara (1970:93) apresenta o assunto da forma seguinte: “Entretanto, o particípio foge até certo ponto, do ponto de vista mórfico, da natureza verbal. É no fundo um adjectivo com marcas nominais de feminino e de número plural em /s/. Ou em outros termos: é um nome adjectivo, que semanticamente expressa, em vez de qualidade de um ser, um processo que nele se passa. O estudo morfológico do sistema verbal português pode deixá-lo de lado, porque morfológicamente ele pertence aos adjectivos, embora tenha valor verbal no âmbito semântico e sintáctico.”

Segundo Óscar Lopes (1972:210-211) “às formas nominais adjectivas chama-se em geral ‘*particípios*’. Certas línguas, como o grego clássico ou o russo, dispõem de muitos desses adjectivos verbais, que equivalem a moldes proposicionais adjectivos. Em português, só normalmente, se reconhece a existência de um particípio passado passivo, que ora funciona como simples material de construção para os tempos compostos ou passivos, ora se confunde com um adjectivo qualificativo. Mesmo assim, vê-se bem a equivalência de ‘pessoa louvada’ a ‘pessoa que é louvada’.”

Para Figueiredo & Ferreira (1975:91), “O particípio, como *forma nominal*, emprega-se: a) como *adjectivo qualificativo*, servindo de attributo e de adjectivo predicativo: ‘Que rostos tão *macerados!*’, ‘Estou *farto* de o aturar.’, ‘Encontrei-o *desanimado*.’; b) como *absoluto*, isto é, com sujeito próprio: ‘*Acabado* o jantar, todos foram para o teatro.’ Neste caso equivale a uma oração.”

Rocha Lima (1976:107) descreve: “O *particípio* tem valor e forma de *adjectivo*: modifica substantivos com os quais concorda em género e número; apresenta o feminino em *-a*, e o plural em *-s*.”

De acordo com Cunha & Cintra (1984:457) “O particípio apresenta o resultado do processo verbal; acumula as

características de verbo com as de adjectivo, podendo, em certos casos receber como este as desinências *-a* de feminino e *-s* de plural. [...] O particípio desempenha importantíssimo papel no sistema do verbo com permitir a formação de tempos compostos que exprimem o aspecto conclusivo do processo verbal.”

As descrições disponíveis para o português revelam unanimemente que o particípio passado acumula as características do verbo com as do adjectivo³⁹. Estas levam a considerar que, do ponto de vista semântico, podemos estabelecer uma importante distinção: um particípio funciona como adjectivo quando exprime um estado ou uma propriedade (cf. [149]) e como verbo quando exprime uma acção temporal (cf. [150]).

[149] O rapaz é disciplinado.

[150] O professor tem disciplinado os seus alunos.

A análise das propriedades que aproximam ou afastam os dois tipos de particípios passados foi um dos pontos fracos nas descrições tradicionais. Em geral, outra lacuna das descrições tradicionais é que apenas consideraram ou uma leitura activa ou uma leitura passiva para os particípios passados. O que por vezes acontece é que uma forma participial pode ter ambas as leituras, quer em construções distintas como em [151] e [152], quer dentro da mesma construção, como em [153]. Mais concretamente, em alguns casos, existe ambiguidade⁴⁰ entre um valor passivo (em que o particípio passado funciona como um verbo) e um valor activo (em que o particípio passado funciona como um adjectivo predicativo).

[151] A resposta é sabida (por todos).

[152] O Luis é (muito) sabido.

[153] Este autor é muito *lido*.

Em [151], temos uma leitura passiva. Se a “*resposta é sabida*” é porque “*x sabe(m) a resposta*”. Estamos perante uma relação predicativa do tipo: “*x saber y*”. Nesta construção o particípio passado tem também um valor verbal. A leitura de [152] pode ser apenas uma leitura activa em que “*sabido*” tem um valor adjectival, i.e., caracteriza “*o Luis*”, atribuindo-lhe uma propriedade. A partir desta caracterização podemos concluir que “*o Luis tem muitos*

³⁹ A gramática tradicional recorre ao conceito de metabase (Varela, 1992:220) para relacionar as formas de particípio passado e de adjectivo verbal. Este conceito infere que a forma do particípio adquire, em algumas construções, uma função adjectival.

⁴⁰ Santos (1997:43-69) define esta relação de valores (ou sentidos) como “vagueza”, distinguindo-a da ambiguidade. A vagueza é apresentada como uma propriedade essencial da linguagem natural relativa às categorias definidas pela própria língua. Aponta como exemplo de vagueza entre um adjectivo e um particípio passado a seguinte construção: “o muro pintado de branco tem de ser deitado abaixo”. Como sugere, aqui é difícil saber se a referência cabe ao “muro que está pintado de branco” ou ao “muro que foi pintado de branco”. A noção de vagueza é assim contrastada com a noção de ambiguidade. Nas palavras de Santos: “tanto a vagueza como a ambiguidade podem ser caracterizadas de forma muito geral como *casos em que uma expressão tem mais de uma interpretação / classificação*. Contudo, as duas interpretações excluem-se mutuamente no caso da ambiguidade, e não se tivermos uma expressão vaga. Além disso, o fenómeno da vagueza encontra-se tanto na competência linguística como no desempenho (“performance”), enquanto a ambiguidade é uma propriedade apenas deste último.”

conhecimentos”. A relação predicativa é do tipo “*x saber*”. A construção representada em [153] pode ter duas leituras, uma activa, outra passiva. “*Este autor é muito lido*” pode significar que “*este autor lê muito*”⁴¹ ou que “*muitas pessoas lêem obras deste autor*”. De acordo com a leitura activa, estamos perante um particípio passado com valor adjectival e de acordo com a leitura passiva estamos perante um particípio passado com valor verbal. Penso poder concluir que o tipo de ambiguidade apresentado em [153] está relacionado quer com a determinação nominal, quer com o tipo de verbo de que o particípio passado deriva. Como vimos na parte I da tese, certos verbos normalmente considerados como verbos intransitivos, em certos contextos podem funcionar também como verbos transitivos. É a esta versatilidade característica desses verbos que se deve a ambiguidade entre uma leitura passiva e uma leitura activa.

Igualmente relacionadas com determinação nominal e com o tipo de verbo estão as construções representadas em [154] e [155]. Aqui, os auxiliares “*estar*” e “*ficar*” servem simultaneamente para predicar uma propriedade e definir um estado resultante. Este estado resultante implica a passagem de uma fronteira que estabelece a diferença entre o “*antes*” e o “*depois*”. É curioso, no entanto, verificar que nestes enunciados as propriedades semânticas dos predicados parecem modificar-se. Se compararmos os dois enunciados, verificamos que em [154] o estado resultante da aplicação da propriedade predicativa “*ler um livro*” tem consequências sobre o objecto, enquanto que em [155] o estado resultante da aplicação da propriedade predicativa “*almoçar*” tem consequências sobre o sujeito. Como defini no capítulo três (parte I), existe uma afinidade entre verbos inacusativos e verbos transitivos quanto à possibilidade de ocorrência do particípio passado em construções predicativas, afinidade esta que não é partilhada pelos verbos intransitivos. Podemos acrescentar que, em construções resultativas também é partilhada a possibilidade de ocorrência de particípios passados derivados de verbos transitivos como “*ler*” e a de particípios passados derivados de verbos com um comportamento de inacusativos, como é o caso de “*almoçar*”.

[154] Li um livro. → *O livro está lido.*

[155] Almocei uma bela mariscada. → *Estou almoçado.* → *Fiquei bem almoçado.*

9.1. Ponto de vista sintáctico

A gramática generativa, embora apresentando uma análise mais subtil do que a gramática tradicional, restringe-se fundamentalmente a uma transposição sintáctica. Deixando de parte diferenças específicas, é possível dizer que a maioria dos estudos acerca dos particípios passivos e adjectivos passivos dentro do quadro teórico generativo classifica a relação entre estas duas formas como um processo de recategorização (baseado crucialmente na estrutura dos argumentos e no verbo subjacente) que tem consequências sintácticas muito precisas. Alguns destes trabalhos, ainda que principalmente centrados em sintaxe, veiculam uma hipótese morfológica. O particípio passado adjectival é, de acordo com autores como Williams (1981), Bresnan (1982b), Borer (1984) e Levin &

Rappaport (1986), formado a partir do particípio passado verbal. Segundo estes autores, existem certas regras morfológicas que efectuem uma mudança na função gramatical.

De acordo com a perspectiva morfológica de Bresnan (1982b), quando um particípio passado é convertido num adjectivo, através da regra de conversão particípio-adjectivo, as propriedades temáticas lexicais do verbo são projectadas no adjectivo, como podemos ver através dos esquemas representativos: [[partir_v]-ido_v]; [[[partir_v]

⁴¹ Apenas alguns predicados permitem este tipo de leitura. A grande maioria não o permite.

-ido_V]_{ADJ}].

Dentro do quadro da Teoria da Regência e Ligação, Borer (1984) aponta que o processo que deriva um particípio passivo adjectival do verbo base é normalmente assumido como efectuando as seguintes mudanças:

- afixação do morfema passivo *-do*;
- mudança de categoria: [+V, -N] \times [+V, +N];
- supressão do argumento externo do verbo de base;
- externalização de um papel interno do verbo de base;
- absorção de caso;
- eliminação da posição [SN, SV].

Estas mudanças são designadas e classificadas como propriedades da formação da passiva adjectival. Assim, duas propriedades que o particípio passado adjectival partilha com o particípio passado verbal são a afixação do morfema *-do* e a supressão do papel temático externo do verbo base. O particípio passado adjectival é criado a partir do particípio passado verbal. Sob este ponto-de-vista, a mudança de categoria corresponde à conversão de um particípio passado verbal num adjectivo.

Levin & Rappaport (1986) defendem que o particípio passado adjectival é construído através de um processo de recategorização sintáctica. Assim, propõem uma regra lexical para a formação da passiva adjectival: $V_{[Part]} \rightarrow [V_{[Part]}]_A$ e propõem uma regra lexical que implica uma ordem canónica em que primeiro surge a flexão e em seguida surge a derivação. Uma vantagem importante da análise de Levin & Rappaport é a de que minimiza as diferenças entre os dois tipos de particípios passados e suporta o facto de que um simples morfema é usado para derivar ambos os tipos de particípios passados. Mas a regra proposta por estes autores não é facilmente sustentada se o particípio passado é considerado parte do paradigma verbal, ou seja, gerado na subcomponente da flexão da morfologia e o adjectivo é considerado como uma formação de derivação gerada pela “Regra de Formação de Palavras”.

9.1.1. Perspectiva morfológica

Vários autores têm apontado a componente morfológica como uma componente relevante na classificação e análise dos particípios passados. Em Eliseu (1988) o particípio é definido do seguinte modo: “O Particípio é uma forma derivada do verbo através de um processo lexical que afecta a especificação categorial, a estrutura argumental e as propriedades de atribuição casual do radical verbal.”

Mateus et al. (1989:382) fazem particular referência aos particípios quando, no capítulo dedicado a morfologia derivacional, descrevem os processos morfológicos de formação de palavras, apresentando-os como casos problemáticos, por vezes de excepção: “Relativamente às formas do particípio passado, registam-se ocorrências onde é possível identificar marcas de flexão de género e de número, características do sistema nominal, por oposição a outras que não são flexionáveis:

- (3) (a) *ele foi avisado a tempo*
 (b) *ela foi avisada a tempo*
 (c) **ela foi avisado a tempo*
 (d) *eles foram avisados a tempo*
 (e) **eles foram avisado a tempo*
 (f) *elas foram avisadas a tempo*
 (g) **elas foram avisado a tempo*
- (4) (a) *ele tem avisado toda a gente*
 (b) *ela tem avisado toda a gente*
 (c) **ela tem avisada toda a gente*
 (d) *eles têm avisado toda a gente*
 (e) **eles têm avisados toda a gente*
 (f) *elas têm avisado toda a gente*
 (g) **elas têm avisadas toda a gente*

Este contraste permite aceitar a hipótese, formulada fundamentalmente com base em argumentos de natureza sintáctica segundo a qual o participio passado que ocorre em (3) é diferente daquele que ocorre em (4).

De acordo com a proposta de Duarte (1986), a forma participial que ocorre em (4) é uma forma flexionada, pelo que a categoria sintáctica da forma flexionante ([-N, +V]) é mantida, impedindo o aparecimento da flexão nominal de género e de número. A forma participial de (3) é, pelo contrário, considerada como uma forma derivada, obtida a partir de uma forma derivante [-N, +V], pela perda do traço categorial [-N], o que permitiria explicar a concordância, semelhante à dos adjectivos.”

Posições posteriores dentro da mesma teoria admitem que a formação do participio envolve estruturas argumentais sem argumento externo e com um argumento interno (Williams, 1981 e Burzio, 1986), o que exclui, em palavras de Eliseu (1988) “*quer a ocorrência de formas derivadas de verbos inergativos, quer a ocorrência de argumentos externos nestas construções [...] Note-se que o argumento externo de um verbo transitivo pode ocorrer, como argumento internalizado do Participio, nas construções absolutas, desde que ocorra nas mesmas condições em que ocorre nas frases passivas*”. Mais adiante continua “*por outro lado, o fenómeno da concordância do Participio pode também ser derivado dos mesmos princípios que se aplicam às restantes construções participiais, através do Princípio de Concordância do Participio formulado em Burzio (86)*”.

Alguns argumentos de natureza morfológica incluem processos derivacionais. A análise de Siegel (1973) das construções não passivas defende que certos afixos podem ser apenas ligados a adjectivos. Existem dois tipos de passiva com um estatuto categorial diferente. Um é o adjectivo passivo que, como formação lexical, pode alimentar palavras complexas novas tais como adjectivos derivados. O outro é o participio passivo que, como formação não flexionada, não pode alimentar formas lexicais novas através do processo de derivação.

Para explicar o fenómeno dos participios passados, alguns autores falaram de “*conversão*” (Lieber, 1980, Bresnan, 1982b, Quirk et al., 1985) referindo-se a um caso de transposição lexical sem efeitos morfológicos. A conversão foi igualmente designada de “*conversão funcional*”, “*mudança funcional*”, “*derivação-zero*”. A ideia subjacente é a de que é possível conceber a existência de mudanças na estrutura argumental que não sejam necessariamente o resultado de mudanças formais. Sustém-se a posição de que as manipulações na estrutura argumental estão relacionadas com a *conversão* (uma relação lexical sem carácter derivacional) e também com a afixação. Em Quirk et al. (1985:1558), o termo é definido da seguinte forma: “Conversion is the derivational process whereby an item is adapted or converted to a new word class without the addition of an affix. [...] Certain difficulties arise in describing conversion, in that one does not have the addition of a suffix as a guide when deciding which item should be treated

as the base and which as the derived form [...] we treat conversion not as a historical process, but rather as a process now available for extending the lexical resources of the language.”⁴²

Segundo Varela (1992), a relação que existe, dentro das línguas românicas, entre participípio passado verbal (passivo) e adjectivo passivo não consegue ser resolvida do ponto de vista morfológico através do processo de conversão. Segundo a autora o processo de conversão que estamos a descrever é (i) um processo de formação de palavras com consequências sintácticas, (ii) um processo de formação de palavras com possíveis consequências semânticas e (iii) um processo formal nulo. É necessário haver uma mudança formal para supor que uma categoria lexical tenha sido efectuada. Numa teoria formal de formação de palavras, tal como aquela assumida em “*Lexical Morphology*” (Scalise, 1984), as regras consistem de uma parte formal, uma parte semântica e uma parte sintáctica.

9.2. Ponto de vista semântico aspectual

Segundo Varela (1992) não é necessário recorrer a uma recategorização sintáctica para relacionar as formas de participípio passado e de adjectivo verbal. Existe uma simples modificação sintáctica devido a um marcador aspectual que não é foneticamente realizado na estrutura lexical. O seu ponto de vista pressupõe que o reflexo morfológico deste tipo de propriedades aspectuais é de natureza transitiva e pode ser manifestado através de processos de afixação, i.e., regras de formação das palavras que as formações em *-do* podem comportar, de acordo com a natureza aspectual dual deste afixo. Esta concepção vem em favor da hipótese de Tenny (1987) de que o aspecto é uma verdadeira categoria que pode ser realizada independentemente de categorias lexicais. Varela destaca que o aspecto pode ser relevante em alguns processos morfológicos, mas não faz referência à sua relação com as características sintácticas. A análise de Varela, para além de abordar o tema em discussão de um ponto de vista inovador, apresenta também bases teóricas fundamentadas aplicáveis também ao português.

Como veremos na parte III desta tese, o aspecto é uma categoria verbal independente do tempo, embora possa ser e muitas vezes seja manifestado em simultâneo. As distinções aspectuais geralmente fazem-se em conjunto com o tempo. Existe um sincretismo entre a realização do aspecto e a realização do tempo. Num sistema concatenador de formação de palavras, como o das línguas românicas, os afixos são também considerados como entidades lexicais que são definidos por uma categoria e que revelam traços subcategoriais que exigem que eles sejam afixados a bases lexicais precisas. A derivação morfológica é entendida como uma função que relaciona um elemento ligado e uma base.

Assumindo que, tanto o participípio passado verbal como o participípio passado adjectival derivam de uma mesma base verbal, Varela refere que, embora a categoria da base mude através da ligação do sufixo *-do*, perdendo assim as marcas de flexão de pessoa e tempo, ela conserva as marcas aspectuais que herdou do verbo. O aspecto, embora escondido, mantém-se lá presente. O aspecto deve ser relevante na morfologia, visto que é um conceito semântico que pode ser naturalmente apropriado pela derivação lexical e ocorre noutros tipos de processos lexicais.

As passivas em *-do* contêm uma única categoria definida como [+N, +V] com um traço aspectual comum perfectivo. Esta propriedade aspectual, partilhada por todas as formas verbais em *-do*, pode ser subdividida em dois traços aspectuais diferentes: [delimitado] e [não delimitado] (Tenny, 1987:17): “Delimitedness refers to the boundeness over time of an event as described by a linguistic expression [...] The sentence or event is delimited if it is understood to mean that there is some point in time after which the event is no longer continuing.”

Quando uma acção não está completa e por isso o aspecto é [não delimitado], como é o caso do progressivo

⁴² Para uma leitura mais detalhada acerca de vários outros tipos de conversão, veja-se Quirk et al., 1985:1558-1567.

representado em [156], é possível a coocorrência com um agente controlador directo. Assim, se o verbo de base da formação lexical tem um argumento que é um agente-controlador, a forma *-do* projecta o traço aspectual [não delimitado], obtendo-se um particípio passado. Ao contrário, se o verbo de base não tem um agente controlador, a forma *-do* projecta o traço [delimitado], dando origem a um adjectivo verbal, como no caso da construção não progressiva representada em [157].

[156] A casa *tem sido construída* lentamente.
<progressivo> <agente controlador> <aspecto não delimitado>.

[157] A casa *estará construída* em Março.
<não progressivo> <agente não controlador> <aspecto delimitado>.

Com alguns verbos de actividade, o uso do particípio passado com o auxiliar “*ser*” no presente não expressa uma acção pontual, mas uma acção habitual que envolve um aspecto frequente. Isto deve-se ao facto de o agente, presente de uma forma ou de outra, poder repetir a acção sucessivamente. Verbos de actividade como “*fechar*”, usados com o auxiliar “*ser*”, expressam uma acção habitual, um aspecto frequente, não delimitado (cf. [158]).

[158] A porta é fechada (todos os dias) (à mesma hora) pelo porteiro do banco.

Quando se menciona uma derivação formal, o ponto de partida é geralmente o particípio passado passivo. A razão principal deve-se ao facto de esta forma lexical ser totalmente produtiva, enquanto que a passiva adjectival não o é. Deve-se também ao facto de que o particípio passado passivo aparentemente não está sujeito a excepções de natureza idiossincrática, ao contrário do adjectivo passivo.

Varela aponta algumas questões problemáticas que têm sido veiculadas através do estudo das passivas em *-do*. Em muitas línguas existem adjectivos terminados em *-do* derivados de verbos intransitivos tais como: “*atrevido*”, “*decidido*”, “*arrepentido*”, “*aproveitado*”. Estas **passivas intransitivas** representaram um papel importante num longo debate acerca do tipo de argumento escolhido como argumento externo pelo adjectivo predicativo. Este debate circula em redor de três grandes posições: (i) o argumento escolhido é o que suporta o papel temático (Bresnan, 1982b); (ii) o argumento externo do adjectivo passivo é sempre o objecto directo do verbo (Dryer, 1985); (iii) o argumento potencial externo é identificado por meio de propriedades configuracionais da estrutura de complemento do verbo de base, “*an argument that may stand as a sole NP complement to a verb can be externalized by APF (AdjPass Formation)*” (Levin & Rappaport, 1986:631).

Existem adjectivos terminados em *-do* derivados de verbos transitivos aos quais falta a interpretação passiva, tal como apresentado no contraste entre [159] e [160].

[159] um autor muito lido - leitura activa e passiva

[160] um jovem entendido em política - leitura passiva

Um caso problemático é também o das **passivas adjectivais** derivadas de **verbos intransitivos**. Em todos os casos

considerados, os verbos surgem com um único argumento de natureza interna, tendo o papel de tema ou experienciador. Isto é, não existe um agente-controlador e o aspecto delimitado será projectado do afixo *-do*.

As diferentes interpretações para a escolha do argumento para o adjectivo verbal como argumento externo resumem-se apenas a uma asserção: será o elemento que delimita a propriedade aspectual perfectiva da forma *-do*. Esta função podia ser atribuída ao tema (Bresnan, 1982b), ao objecto directo (Dryer, 1985) ou ao argumento único (Levin & Rappaport, 1986), porque estes conceitos gramaticais são todos diferentes para especificar o aspecto delimitado de uma acção, actividade ou processo.

Alguns dos participípios podem tornar-se em nomes concretos do tipo “*o ferido*”, “*o tratado*”, “*o empregado*”, sem vestígios de herança verbal. Segundo Varela, este tipo de nominalizações representa a manifestação, nos nomes verbais, do aspecto delimitado. Os SNs verbais têm um nome núcleo que absorveu o argumento temático do verbo subjacente. Estas nominalizações são designadas de nominalizações de objecto (*aquele que foi V_do*).

Varela aponta ainda, para reforçar a importância do aspecto, a existência de alguns adjectivos puros terminados em *-do*, tais como “*alaranjado*”, “*azulado*”, etc., que apresentam distinções aspectuais semelhantes às das formas verbais. Nestes casos o afixo marca a origem, o ponto de partida do processo, e o resultado perfectivo. Dado que não existe nenhum verbo subjacente, não existe a possibilidade de existir um agente, mas estas formas apresentam uma leitura aspectual delimitada.

10. Generalização descritiva

Neste capítulo terá lugar a apresentação de dados empíricos que representam os dois paradigmas do participípio passado: quando tem valor verbal e quando tem valor adjectival. Um dos pontos básicos mais importantes na classificação das construções participiais de um corpus é precisamente ultrapassar as dificuldades de identificar em que construções é que o participípio passado tem um ou outro valor. Assim, antes de tudo, é importante estabelecer uma relação de diferenciação entre os dois valores dos participípios passados. Mais uma vez procuro apresentar dados do meu corpus sempre que seja realizável e/ou apropriado.

10.1. Valor verbal

Tal como foi visto anteriormente, o participípio passado verbal exprime uma acção que se desenrola no tempo, transmitindo valores aspectuais aos enunciados. Os valores aspectuais podem ser perfectivo-conclusivo (cf. [161] e [162]), imperfectivo-durativo (cf. [163] e [164]) ou de estado resultante (cf. [165] e [166]).

[161] O livro está lido.

[162] [...] os sete períodos iniciam-se sempre com o preenchimento de uma orbital *ns* e acabam quando a orbital *np* **está completamente preenchida**.

Tot: 6 N°: 4 Ref: L0363P0088X

[163] A professora tem corrigido os trabalhos dos alunos.

[164] Este fenómeno é uma das principais características da agricultura moderna e **tem afectado** cada vez com

maior intensidade, a Europa mediterrânea, embora ainda se mantenham algumas áreas onde a produção agrícola é quase totalmente **consumida pelos agricultores**. # Tot: 13 Nº: 1 Ref: L0324P0051X

[165] O livro ficou/foi estragado.

[166] Em 1941 este problema **ficou completamente resolvido**. # Tot: 15 Nº: 8 Ref: L0510P0216X

Em todas as línguas a expressão deste tipo de valores é linguisticamente concreta e visível, mesmo que por vezes na presença de particularidades específicas dessa língua. Vejamos, por exemplo a manifestação, em inglês e em francês, dos valores aspectuais perfectivo-conclusivo (cf. [167] em inglês e [170] em francês), imperfectivo-durativo (cf. [168] em inglês e [171] em francês onde o “passé composé” tem um valor de presente dando origem ao que se designa por “temps logique”. O valor imperfectivo não é marcado pelo verbo mas pelo sintagma preposicional “*depuis hier*”) e de estado resultante (cf. [169] em inglês e [172] em francês).

[167] The leg is broken.

[168] The leg has been broken since last week.

[169] The leg was broken when he fell from the horse.

[170] Ils sont arrivés.

[171] L'accusé est interrogé depuis hier.

[172] Tout a été détruit.

Em algumas destas construções podemos encontrar ocorrências do particípio passivo (cf. [167] e [170], por exemplo). Podemos de novo salientar que a função do particípio passivo é precisamente a de indicar que estamos

perante um valor passivo e não activo. A passiva verbal ilustrada através de uma construção como “*O Pedro é conhecido por ser bom aluno*” é, entre outros, um bom exemplo de particípio passivo, naturalmente verbal.

10.2. Valor adjectival

Em todas as línguas românicas e também em inglês e em alemão, existe um tipo de adjectivo formal e semanticamente relacionado com o particípio passado do paradigma verbal. Este tipo de adjectivo tem o mesmo sufixo que os particípios passados verbais e por isso, para além de particípio passado adjectival é normalmente designado de adjectivo participial ou adjectivo verbal.

Em português, muitos dos adjectivos tem uma forte relação com os particípios passados de diferentes verbos. Por

exemplo, o particípio passado do verbo “*cansar*” (“*cansado*”) pode ser flexionado em género e número e, assim, funcionar como adjectivo quer em posição predicativa (cf. [173], [174] e [175], quer em posição atributiva (cf. [176]). A função atributiva corresponde à posição sintáctica de modificador.

[173] Os homens, cansados, foram para casa.

[174] Cansados, os homens foram para casa.

[175] Os homens estão (bem) cansados.

[176] Os homens cansados foram para casa.

Em espanhol, o fenómeno é exactamente idêntico. O particípio passado de “*cansar*” (“*cansado*”), quando flexionado, funciona quer como adjectivo atributivo (cf. [177], quer como adjectivo predicativo (cf. [178]):

[177] Los niños cansados están durmiendo. - As crianças cansadas estão a dormir.

[178] Los niños están (muy) cansados. - As crianças estão (muito) cansadas.

Em italiano, o particípio passado de “*rinnovare*” (“*rinnovato*”), quando flexionado, funciona como adjectivo atributivo (cf. [179]) e como adjectivo predicativo (cf. [180]).

[179] La casa rinnovata sembra nuova. - A casa renovada parece nova.

[180] La casa é rinnovata. - A casa está renovada.

Em francês, o particípio passado de “*sauvegarder*” (“*sauvegardé*”) tem tanto um uso atributivo (cf. [181]) como um uso predicativo (cf. [182]):

[181] Les fichiers sauvegardés son parfaits. - Os ficheiros guardados são perfeitos.

[182] Le fichier est sauvegardé. - O ficheiro está guardado.

Em inglês, o particípio passado de “*to break*” (“*broken*”) funciona como adjectivo atributivo (cf. [183]) e como adjectivo predicativo (cf. [184]), mesmo sem marcas visíveis de flexão⁴³.

⁴³ O adjectivo atributivo ocupa sempre a posição pré-verbal como em “*I saw the dead fish*” e o adjectivo predicativo pode ocupar a posição pós-verbal “*I saw the fish dead*”.

[183] The broken leg is very painful. - A perna partida dói muito⁴⁴. / A perna partida é muito dolorosa.

[184] The leg is broken. - A perna está partida.

Em alemão o particípio passado do verbo “*brechen*” (“partir”) é “*gebrochen*” (“partido”). Este particípio pode ser usado como adjectivo em posição atributiva (cf. [185])⁴⁵, e em posição predicativa (cf. [186]).

[185] Er hat ein gebrochenes Bein. - Ele tem uma perna partida.

[186] Sein Bein ist gebrochen. - A perna dele está partida.

Do ponto de vista morfológico um dos testes utilizados para diagnosticar um particípio passado adjectival ou, de acordo com alguns autores, uma passiva adjectival consiste no aparecimento de formas morfológicas negativas como *des-*, *de-*, etc. que se ligam a um número considerável de particípios passados, tais como “*despreocupado*”, “*deformado*”, etc. Levin & Rappaport (1986:626) defendem que os particípios passados que têm estes prefixos são categorialmente adjectivais e não verbais. No mesmo âmbito de pensamento, Casteleiro (1978:82) já tinha apontado que os particípios passados admitem alguns prefixos mais próprios dos adjectivos predicativos, tais como *in-*, *-des*, *super-*, etc. Dá como exemplos, entre outros: “*cartões desactualizados*”, “*salas super-abarrotadas*”, “*conferência bi-partida*”, “*empresa pluri-dimensionada*”. Um outro aspecto morfológicamente motivado referido por Casteleiro é a possibilidade de grande parte dos particípios passados adjectivais se combinarem com o morfema *-mente* para formarem advérbios de modo, como acontece, por exemplo, nos pares “*desconfiado - desconfiadamente*”, “*desprezado - desprezadamente*”, “*irritado - irritadamente*”.

Sob o ponto de vista sintáctico, tem-se defendido que as propriedades de um sintagma adjectival encabeçado por um particípio passado adjectival são determinadas pela estrutura de complementos do verbo de base. Assim, alguns verbos seleccionam complementos adjectivais e não verbais. Por exemplo, um particípio passado que surja depois de um verbo do tipo de “*parecer*”, “*ver-se*” e “*permanecer*” é considerado como um particípio passado adjectival e não verbal.

[187] Como exemplo, temos o facto de nos parecer mais próximo o fundo de um lago de águas límpidas; uma pessoa de pé dentro de água, parece ter as pernas mais curtas; uma palhinha mergulhada num refresco **parece estar partida** na superfície de separação ar/ refresco; [...] # Tot: 37 Nº: 20 Ref: L0356P0217X

[188] Assim sendo, a apreçoada liberdade de informação **parece comprometida**. # Tot: 2 Nº: 2 Ref: L0367P0102X

[189] As áreas que fornecem maiores contingentes à emigração **vêm-se**, progressivamente, **abandonadas** com

⁴⁴ Segundo alguns autores, em português “*partida*” tem um significado passivo, o que implica que a “*perna partida*” deriva de a “*perna que foi partida*”. Esta construção é, porém, uma construção ambígua (ou vaga, segundo Santos (1997)) e, para além da leitura passiva, pode igualmente ter uma leitura activa que pode ser simplesmente “*a perna está partida*”.

⁴⁵ Em posição atributiva o adjectivo flexiona e tem que concordar com o nome, tal como nas línguas românicas.

populações envelhecidas e com algumas actividades económicas em recessão.

Tot: 5 N°: 1 Ref: L0323P0106X

[190] Um homem consome 7 l de ar quando corre, 2 l quando marcha e 1 l quando **permanece deitado** por minuto.

Tot: 1 N°: 1 Ref: L0502P0163X

[191] O papel **permanece encurvado** quando se coloca o funil em várias posições porque o ar exerce sobre ele uma pressão em todos os sentidos.

Tot: 1 N°: 1 Ref: L0259P0169X

Assumindo que os participios passados adjectivais retêm as propriedades temáticas lexicais do verbo de base, os padrões de gramaticalidade ou agramaticalidade resultam da possibilidade ou não de formação do participio passado a partir de um determinado verbo.

Em geral assume-se que um participio passado adjectival é criado a partir de um participio passado verbal. Bresnan (1982b) aponta que o participio passado de um verbo intransitivo pode converter-se num adjectivo, mas apenas se o argumento do verbo comporta o papel “tema”. Vejamos o contraste entre [192] e [193]:

[192] uma folha caída, pés inchados, uma civilização desaparecida, um passaporte recentemente expirado, um banco falido.

[193] *um homem corrido, *um paciente tossido, *uma rapariga nadada, *as crianças choradas, *o artista cantado, * um palhaço rido.

Bresnan explica o contraste em termos da condição temática na sua regra de conversão participio passado-adjectivo. Os participios passados em [192] baseiam-se em verbos inacusativos e os de [193] em verbos inergativos. Isto significa que estes dois participios passados diferem: os de [192] são baseados em verbos monádicos⁴⁶ com um único argumento interno, enquanto que os de [193] têm como base verbos monádicos com um único argumento externo.

10.2.1. Interpretação activa e interpretação passiva

Uma das questões mais problemáticas tem consistido em definir quando é que o participio passado adjectival tem uma interpretação activa e quando é que tem uma interpretação passiva. Esta não é uma questão simples, dada a complexidade da definição de passiva.

De acordo com o que alguns autores têm defendido, os participios passados adjectivais em diversas línguas, têm geralmente uma interpretação passiva quando em uso atributivo (cf. [194], [195], [196], [197] e [198]):

[194] O homem detido. - O homem que foi detido. (x deteve o homem.)

⁴⁶ A expressão “verbo monádico” é sinónima das expressões “predicado de um lugar” ou “predicado com apenas um argumento”.

- [195] Un chef respecté. - Un chef qui est respecté.
 [196] The offended man. - The man who was offended.
 [197] Una donna sorpresa. - Una donna che é stata sorpresa.
 [198] Un niño herido. - Un niño que fue herido.

Uma das omissões é a de que, de facto, em muitos destes casos, para além de uma interpretação passiva existe também uma interpretação activa. Em [194], por exemplo, a sequência “o homem detido” pode ser ambíguo entre um sentido passivo “o homem que foi detido” e um sentido activo “o homem que está detido”, como pode ser ilustrado através da frase “o homem detido foi chamado para depor, enquanto o que anda fugido está a ser procurado pela polícia”⁴⁷.

Em certos casos, porém, o particípio passado adjectival está relacionado com o uso intransitivo do verbo tornando impossível a interpretação passiva. Se um verbo apenas puder ser usado intransitivamente, então a interpretação será activa (cf. [199], [200], [201], [202] e [203]):

- [199] O rapaz crescido. - O rapaz que cresceu.
 [200] The departed guests. - The guests who have departed.
 [201] Un homme réfléchi. - Un homme qui réfléchit.
 [202] Un niño dormido. - Un niño que duerme.
 [203] Una ragazza partita. - Una ragazza che é partita.

10.3. Particípios passados e adjectivos

Estabelecer se determinado particípio passado é verbal ou adjectival é uma tarefa que nem sempre se apresenta fácil. No caso do português, tem existido uma certa discussão baseada em argumentos que estabelecem quando é que um particípio passado tem valor verbal e quando é que tem valor adjectival. A maioria dos autores começa por estabelecer um paralelo entre particípios passados e adjectivos.

Relativamente a bases sintácticas, Pimenta (1979) aponta quatro semelhanças na distribuição de verdadeiros adjectivos e de particípios passados adjectivais: ambos ocorrem em posições de pós-cópula; ambos ocorrem em posição pós-nominal em SNs sujeitos e predicativos; ambos recebem complementos de verbos como “*parecer*”, “*julgar*”; ambos recebem expressões de complemento de adjectivos.

Restringindo-se apenas à descrição, Casteleiro (1978:83) apresenta as propriedades sintácticas que os particípios passados apresentam em comum com os adjectivos e chega a duas conclusões importantes: “1.º) Muitos particípios

⁴⁷ O tipo de ambiguidade que aqui referimos parece ter em inglês uma interpretação mais clara. Quirk et al. (1972:243) apresenta exemplos de frases ambíguas onde a ambiguidade depende de a palavra ser um particípio passado verbal (“*They were relieved (by the next group of sentries)*”) ou um particípio passado adjectival (“*They were (very) relieved (to find her at home)*”).

passados comportam-se como adjectivos, visto que contêm a maior parte das propriedades destes, mas outros não se comportam como tal. Pertencem ao primeiro grupo os participios passados que contêm, entre outras, as propriedades predicativa (ou pós-cópula) e adnominal (pós-nominal e/ou pré-nominal). E pertencem ao segundo grupo, ou seja, não se comportam como adjectivos, os participios passados que não aceitam aquelas propriedades. Neste grupo encontramos um grande número de participios passados de verbos intransitivos e pronominais. Sendo assim, não se pode atribuir, de forma generalizada, como o fazem as gramáticas, a designação de adjectivo verbal ao participio passado. 2.º) De entre os participios passados que se comportam como adjectivos temos de distinguir dois subgrupos: o dos participios passados predicativos, que admitem o contexto pós-cópula (e são a quase totalidade), e o dos participios passados não predicativos, que não aceitam aquele contexto mas ocorrem na posição pós-nominal (como é o caso dos participios passados de certos verbos existenciais: acontecido, ocorrido, sucedido, etc.)”.

Vejamos então de seguida uma série de características relevantes comuns e distintas entre participios passados e adjectivos, baseadas nas propriedades definidas por Pimenta (1979) e Casteleiro (1978:69-102). Os exemplos apresentados por estes autores são atestados e reforçados com exemplos extraídos do corpus que analisei.

10.3.1. Características comuns

Uma das características comuns está relacionada com a possibilidade de ambos aceitarem o contexto predicativo, quer com os verbos “*ser*” e “*estar*”, quer com os chamados verbos pseudo-copulativos (“*ficar*”, etc.), quer ainda com outros verbos que permitem este contexto:

[204] As crianças *são/estão/ ficam* simpáticas/bonitas/curiosas.

[205] Os meninos *são/estão/ ficam* sossegados/afectados/admirados⁴⁸.

[206] O número de forças actuantes, bem como o modo como essas forças **são aplicadas** em simultâneo num corpo, pode diferir de caso para caso. # Tot: 32 N°: 16 Ref: L0356P0024X

[207] Atenta, mais uma vez, no mapa nº 41, onde os meses secos das diferentes estações meteorológicas **estão cartografados** a cor diferente. # Tot: 6 N°: 2 Ref: L0323P0057X

[208] Se está frio, os pêlos **ficam levantados** impedindo de certo modo a circulação do ar junto à pele, e os vasos sanguíneos, contraíndo-se, diminuem a perda de calor. # Tot: 4 N°: 3 Ref: L0510P0108X

[209] Ele chegou/deslocou-se furioso.

⁴⁸ Note-se que em [205], a mesma forma de participio passado “*admirados*” pode corresponder a dois verbos diferentes. Por exemplo: “*admirados*” em “*os meninos são admirados*” tem um significado passivo, o que implica que “*alguém admira os meninos*”, mas em “*os meninos estão/ ficam admirados*”, “*admirar*” é uma propriedade que se refere aos “*meninos*” e não a uma entidade externa. Com “*ficar*”, houve uma causa que levou a que “*os meninos*” ficassem “*admirados*” (estado resultante).

[210] Ele *chegou/deslocou-se* cansado/apressado.

[211] Já foi anteriormente referido que a mensagem pode **chegar deformada** ao receptor.

Tot: 5 N°: 2 Ref: L0367P0112X

[212] Se **te deslocas apressado** ou mesmo a passo normal, és quase obrigado a parar, avançando com dificuldade, devido às rajadas de vento que actuam no sentido oposto ao do teu deslocamento.

Tot: 1 N°: 1 Ref: L0356P0145X

[213] A ilha *continua/mantém-se* selvagem.

[214] A ilha *continua/mantém-se* desabitada/parada.

[215] Se colocarmos um «peso» de 15 em cada um dos pratos, a balança deverá **continuar equilibrada**.

Tot: 35 N°: 30 Ref: L0362P0080X

[216] O electroscópio **manter-se-á carregado** se estiver bem isolado.

Tot: 17 N°: 17 Ref: L0357P0073X

Certos participípios passados, sobretudo os de verbos intransitivos e pronominais, não admitem a construção predicativa. Por exemplo, do ponto de vista sintáctico é agramatical uma sequência do tipo “*o bolo *é/está/fica gostado*” devido às propriedades conjugadas dos verbos auxiliares com o participípio passado do verbo “gostar”. Do ponto de vista semântico são impossíveis sequências do tipo “*o rapaz *é/está/fica rido*”. A agramaticalidade com o participípio passado “rido” tem a ver com a incompatibilidade entre o conteúdo semântico do verbo de base “rir” e o SN sujeito “o rapaz”. Ambos os participípios passados “gostado” e “rido” são admitidos em construções de tempo composto com valor verbal como em “as crianças *têm gostado dos bolos*” e “as crianças *tinham rido muito com os palhaços*”.

Outra característica que os participípios passados partilham com os adjectivos é a possibilidade de aceitarem a posição pós-nominal na construção apositiva. Normalmente a possibilidade de desempenhar a função de aposto dos nomes restringe-se aos participípios passados que aceitam a posição predicativa como já tivemos oportunidade de ver na parte I da tese. A função de aposto pode ser desempenhada, quer com o participípio passado posposto ao SN como em “*a casa, aquecida/iluminada/pintada, torna-se muito mais acolhedora*” (cf. exemplo [217] do corpus), quer com ele anteposto, tal como em “*descansados, os alunos dormiram melhor*”, conforme acontece com os adjectivos predicativos(cf. exemplo [218] do corpus).

[217] Pode dizer-se também que o fogo foi um elemento de organização social, na medida em que **o lar, aquecido e iluminado**, se tornou um lugar privilegiado de convívio familiar e social.

Tot: 16 N°: 10 Ref: L0359P0033X

[218] Mais **afastadas** da fenda longitudinal do Atlântico, **Santa Maria e S. Miguel** são as ilhas que mais formas de relevo residual apresentam.

Tot: 16 N°: 4 Ref: L0323P0077X

A possibilidade de aceitar a flexão em género e número, em concordância com os nomes a que se referem, quer no contexto predicativo “*as crianças estão agitadas/*agitado*”, quer em posição atributiva “*as crianças agitadas/*agitado, são muito mais difíceis de adormecer*” é mais uma das características semelhantes entre participios passados e adjectivos.

A possibilidade de aceitar desempenhar a função de predicativo do objecto directo de verbos de opinião, é apontada por Casteleiro como sendo outra das propriedades comuns entre os adjectivos predicativos e os participios passados adjectivais (cf. [219] e [220]):

[219] Acho essas crianças desembaraçadas.

[220] Imagino esses vidros partidos.

A estas construções pode aplicar-se, como no caso dos adjectivos, a topicalização do objecto, resultando desta manipulação as frases de [221] e de [222].

[221] Essas crianças, acho-as desembaraçadas.

[222] Esses vidros, imagino-os partidos.

No caso dos participios passados compatíveis com a posição predicativa, existe a possibilidade de estes aceitarem grau, tal como os adjectivos predicativos, a seguir a advérbios como “*muito*”, “*mais*”, “*bastante*”, “*demasiado*”, “*tão*”, “*bem*”, “*pouco*”, etc.:

[223] Muito caladas, as raparigas iam observando a paisagem.

[224] Vi as raparigas muito caladas.

[225] Na maior parte dos países subdesenvolvidos as desigualdades sociais são **muito mais acentuadas** que nos países industrializados.

Tot: 1 N°: 1 Ref: L0305P0300X

[226] Esta floresta está **muito alterada** pela acção do homem.

Tot: 3 N°: 3 Ref: L0510P0243X

[227] Essa hipótese diz respeito à constituição da matéria de que são feitos todos os corpos, sem excepção, desde os astros até aos grãos de pó, e permite interpretar tanto os fenómenos **mais complicados** como os factos de mais fácil observação.

Tot: 3 N°: 2 Ref: L0259P0218X

[228] As informações recolhidas directamente pelos nossos sentidos são **bastante limitadas** pelo que o Homem

recorre frequentemente à utilização de instrumentos auxiliares dos sentidos.

Tot: 2 N°: 1 Ref: L0259P0031X

[229] Estes são uma espécie de interruptores que desligam automaticamente ("saltam"), interrompendo o circuito, quando a intensidade da corrente atinge valores **demasiado elevados**.# Tot: 6 N°: 3 Ref: L0357P0136X

[230] Nos locais frios como, por exemplo, junto aos pólos, o número de animais é **tão reduzido** que, por vezes, só existem os que conseguem conservar o calor do corpo como os mamíferos e as aves.

Tot: 8 N°: 8 Ref: L0510P0199X

[231] O embrião vai crescendo **bem abrigado** contra os choques e variações de temperatura.

Tot: 1 N°: 1 Ref: L0502P0084X

[232] Este ficará **mais bem caracterizado** por uma grandeza que dependa simultaneamente da massa e da velocidade do corpo.

Tot: 4 N°: 4 Ref: L0355P0201X

[233] Esta é uma regra **pouco seguida** pelos Portugueses que, normalmente, prolongam esse jejum ou mitigam-no com uma refeição pobre e insignificante.

L0305P0028X

Tot: 33 N°: 28 Ref:

[234] Os ímanes naturais foram **muito pouco usados** até que se descobriu que, quando se suspendia um íman de forma a poder girar livremente, ele tomava uma posição tal que uma das suas extremidades apontava sempre para o norte geográfico.

Tot: 10 N°: 1 Ref: L0357P0148X

Estes exemplos concretos recolhidos do corpus apontam que a pré-modificação por um intensificador (advérbio de quantidade) “*muito, mais, etc.*” é uma indicação explícita de que as formas alcançaram um estatuto adjectival⁴⁹. Estes indicadores servem para distinguir participípios passados adjectivais (passivos) de participípios passados verbais.

Devemos notar, porém, que nem todos os verbos permitem o uso de um participípio passado adjectival [+conc], como podemos observar através de uma sequência como “*os homens estavam (*muito*) idos”. Aqui, a agramaticalidade deve-se ao facto de o participípio passado ser derivado de um verbo que não permite um uso adjectival. É considerável o número de verbos que têm o mesmo comportamento de “*ir*”. Alguns desses verbos são “*poder*”, “*ser*”, “*estar*”, “*caber*”, “*haver*”, etc.

Muitos verbos intransitivos também não têm formas participiais adjectivais. Por exemplo “*nadar*”, “*saltar*” não têm valores adjectivais como se pode ver através das sequências “*o Francisco está nadado” e “*a Ana está saltada”. Os dados indicam que o significado intrínseco dos verbos desempenha um papel importante em relação à possibilidade de obter participípios passados adjectivais. Mas, na realidade, nem sempre a agramaticalidade se deve ao facto de determinado verbo não poder aceitar a formação de um participípio passado adjectival. Por exemplo, em “*a

⁴⁹ Na ausência de um indicador explícito como “*muito*”, o estatuto do participípio passado com valor passivo pode ser ambíguo: “*O homem foi ofendido*”. Neste exemplo, a interpretação de participípio passado verbal foca um processo, enquanto que a interpretação de participípio passado adjectival foca o estado resultante do processo.

rapariga está muito cantada” a agramaticalidade é de natureza aspectual, resultando de propriedades semânticas do verbo de base. “*Cantar*” é um verbo intransitivo e funciona como “*nadar*”, i.e., não lhe é permitido um estado resultante (marcado por “*estar*”). O estado resultante só se verifica se este verbo passar a verbo télico pela delimitação por um objecto directo como “*uma canção*”. Neste caso já se poderá dizer: “*Pronto! A canção foi/está cantada*”. Também podemos verificar que o grau de gramaticalidade pode variar com a mesma base verbal dependendo da determinação nominal e do tipo de auxiliar que é empregue. Assim, a sequência “*Foi uma festa muito cantada*” é uma frase perfeitamente normal.

De um modo geral, os adjectivos predicativos (cf. [235]) e os participios passados (cf. [236], [237], [238], [239] e [240]) são compatíveis com os mesmos advérbios e complementos adverbiais de tempo e de modo, quando se encontram em contexto predicativo:

[235] O tempo *é/está* incrivelmente/lamentavelmente/subitamente/sempre quente/frio/morno de tarde/na Primavera.

[236] O tempo *é/está* incrivelmente/lamentavelmente/subitamente/sempre enevoado de tarde/na Primavera.

[237] As varizes são dilatações nas paredes das veias, **geralmente provocadas** por permanência exagerada em pé ou uso de vestuário muito apertado.

Tot: 2 N°: 1 Ref: L0502P0179X

[238] A incidência de alcoolismo é **principalmente acentuada** nas zonas onde a produção vinícola é mais importante.

Tot: 4 N°: 2 Ref: L0305P0310X

[239] Todos os ossos da cabeça estão **rigidamente articulados** entre si, excepto o maxilar inferior, que se articula com os temporais por dois prolongamentos arredondados chamados cêndilos, que lhe permitem o movimento.

Tot: 3 N°: 2 Ref: L0305P0215X

[240] Em tempo de guerra, os excessos cometidos pelas tropas inimigas são **largamente divulgados** enquanto que as atrocidades dos exércitos aliados são quase **sempre esquecidas** ou nem chegam mesmo a circular.

Tot: 1 N°: 1 Ref: L0367P0114X

A coordenação é uma outra propriedade partilhada entre as duas categorias. A coordenação é a ligação através de uma conjunção de duas ou mais palavras ou orações que desempenham a mesma função. Esta pode tomar várias faces, destacamos aqui a coordenação copulativa (conjunção “*e*”) e a coordenação disjuntiva (conjunção “*ou*”). No corpus existem muitos exemplos de coordenação dos dois elementos: participio passado “E” participio passado, participio passado “OU” participio passado, participio passado “E” adjectivo, participio passado “OU” adjectivo, adjectivo “E” participio passado, adjectivo “OU” participio passado, adjectivo E adjectivo e adjectivo OU adjectivo. Todavia, só os participios passados compatíveis com o contexto predicativo aceitam ser coordenados entre si e com os adjectivos predicativos, quer naquele contexto, quer em posição predicativa. Os participios passados compatíveis com o contexto predicativo aceitam os mesmos tipos de construções sintácticas que admitem os adjectivos predicativos. Vejamos alguns exemplos em [241], [242] e [243].

[241] É muito importante, por isso, no estudo da Física, esse espírito crítico aplicado aos factos por nós *vivid*os e *observados*. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0356P0052X

[242] Rochas sedimentares - São muito *variadas* e bastante *abundantes* à superfície da Terra. # Tot: 9 N°: 5 Ref: L0259P0140A

[243] Também nas crianças as observações mostram que uma alimentação *insuficiente* **ou** *carenciada* tem como consequência uma atrofia do encéfalo. # Tot: 5 N°: 5 Ref: L0305P0261X

10.3.2. Características distintas

Como já vimos, os participios passados verbais contribuem para a formação de tempos compostos, ao contrário dos adjectivos (e dos participios passados adjectivais). Um dos argumentos de Casteleiro é usar como teste os verbos auxiliares “*ter*” e “*haver*”. Estes dois auxiliares seguidos de participios passados não flexionados, i.e., com traços [-*conc.*] têm um valor verbal não predicativo e por isso nunca têm valor adjectival⁵⁰ (cf. [244]). Os participios passados seguidos de um SN, têm valor circunstancial de tempo e valor aspectual conclusivo. Têm, neste caso, um valor verbal (cf. [245] e [246]). De acordo com o que defini na parte I, estas são ocorrências do participio absoluto. Em [245] e [246], podem ocorrer em posição inicial, partículas como “*depois de*”, “*uma vez*”, entre outras (cf. [247] e [248]).

[244] Os bolos que temos comido/*comidos vêm de Sintra.

[245] *Realizadas estas experiências*, podemos comparar os vários tipos de solo.

[246] *Enunciadas essas leis*, há que definir e quantificar as grandezas que nelas intervêm.

[247] **Depois de realizadas** estas experiências, podes comparar os vários tipos de solo. # Tot: 41 N°: 21 Ref: L0510P0139X

[248] Ora, **uma vez enunciadas** essas leis, há que definir e quantificar as grandezas que nelas intervêm. # Tot: 5 N°: 3 Ref: L0356P0007X

A grande maioria dos verbos copulativos (“*ser*”, “*estar*”) e pseudo-copulativos (“*andar*”, “*continuar*”, “*viver*”) têm apenas valor verbal, nunca podendo ocorrer como adjectivos:

⁵⁰ “*Ter*” seguido de um participio passado flexionado, i.e., com traços [-*conc.*] é um verbo principal e por isso, o participio passado que lhe segue não tem um valor verbal, mas sim adjectival “*os bolos que temos comprados vêm de Sintra*”. Esta é uma construção pouco comum. Apenas é possível com certos predicados semânticos. Há predicados que nunca admitem o traço [+*conc.*]: “**sidas*”, “**podidos*”, “**cabida*”, “**estados*”, etc.

- [249] *Vi os livros *sidos* do Júlio. (Vi os livros que são do Júlio)
- [250] *Vi os livros *estados* sobre a mesa. (Vi os livros que estavam sobre a mesa)
- [251] *Vi pessoas *andadas/continuadas/vividas* felizes. (Vi pessoas que andam/continuam/vivem felizes)

Do mesmo modo, os participios passados de certos verbos auxiliares que marcam valores de tempo (cf. [252]), de aspecto (cf. [253]) e modo (cf. [254]) não apresentam comportamento de adjectivos:

- [252] *Vi os livros *tidos* chegado(s) à biblioteca. (Vi os livros que *têm chegado* à biblioteca)
- [253] *Vi os livros *continuados* a chegar à biblioteca. (Vi os livros que *continuam a chegar* à biblioteca)
- [254] *Vi os livros *podidos* encontrar na biblioteca. (Vi os livros *que podem ser encontrados* na biblioteca)

Contudo, se os participios passados de verbos como “*andar*”, “*continuar*”, “*viver*”, etc., não forem empregues em contexto pseudo-copulativo, podem comportar-se como adjectivos:

- [255] Os *quilómetros andados* por aqueles jovens, tiveram um resultado positivo.
- [256] Os *tempos vividos* em Paris foram os melhores da sua vida.

[257] É muito importante, por isso, no estudo da Física, esse espírito crítico aplicado aos **factos** por nós **vividos** e observados.

Tot: 1 N°: 1 Ref: L0356P0052X

Verbos auxiliares de aspecto como “*acabar de*”, por exemplo, podem igualmente ter comportamento de adjectivo:

- [258] Vi os livros *acabados* de chegar à biblioteca. (Vi os livros que *acabaram de chegar* à biblioteca)
- [259] As duas fórmulas **acabadas de** escrever são também válidas para forças variáveis.

Tot: 1 N°: 1 Ref: L0355P0204X

De modo geral, os participios passados dos verbos transitivos podem ocorrer como adjectivos:

- [260] Li os *livros comprados* na feira. (Li os livros que *comprámos* na feira)
- [261] Li os *livros dados* ao Júlio. (Li os livros que *dei* ao Júlio)
- [262] A **imunidade adquirida** é específica, isto é, a antitoxina só neutraliza a toxina respectiva.

Os verbos inacusativos não foram apontados por Casteleiro, no entanto, interessa aqui referir que estes permitem a formação de participios passados adjectivais, tal como o confirma a frase “*apanhei as flores caídas no jardim. (apanhei as flores que caíram no jardim)*”. Em [263] e [264], exemplos extraídos do corpus, podemos encontrar ocorrências do participio passado com valor passivo.

[263] Pode citar-se, além de outros factores climáticos, a quantidade de chuvas **caídas** (pluviosidade), a temperatura, a luz e o modo como esses factores variam ao longo das estações do ano.

Tot: 2 N°: 1 Ref: L0510P0082X

[264] Foi tal o entusiasmo de Arquimedes ao perceber que tinha encontrado a solução do seu problema que, conta-se ainda, saltou completamente **despido** da tina onde tomava banho e, gritando “Eureka! Eureka!” [...]

Tot: 1 N°: 1 Ref: L0356P0095X

Os exemplos [265] e [266] a seguir, apresentam um paralelismo sintáctico e semântico existente entre as construções com verbos inacusativos e as construções com os participios passados correspondentes, empregues como adjectivos. Nestas construções não existe concordância entre o participio passado e o SN sujeito se o auxiliar “*ter*” estiver presente, tornando-se, porém, obrigatória se o auxiliar for apagado:

- [265]a. Encontrámos as *folhas que tinham caído* no chão.
b. Encontrámos *folhas caídas* no chão.

- [266]a. Socorremos as *peessoas que tinham naufragado*.
b. Socorremos as *peessoas naufragadas*.

Nos casos [265]b. e [266]b., o participio passado veicula o valor temporal de pretérito e o valor aspectual conclusivo ou perfectivo. O morfema *-do* do participio passado contém o mesmo valor temporal e, sobretudo, aspectual, que é expresso pela sequência “*ter + participio passado*”. Se o objectivo é apenas manter o mesmo valor temporal, o uso de “*ter*” é redundante.

No caso do pretérito-mais-que-perfeito (“*tinham caído/fundeado/naufragado*”), os participios passados não flexionados são utilizados na construção de uma ocorrência de evento (“*cair/fundear/naufragar*”), portanto há mudança de estado. Os participios passados flexionados (“*caídas/fundeados/naufragados*”), revelam o estado resultante do evento. Assim, as formas de participio passado na primeira instância não veiculam o mesmo valor aspectual que as formas de participio passado na segunda instância. Também não veiculam o mesmo valor temporal. O pretérito mais-que-perfeito tem valor temporal de pretérito anterior ao tempo da primeira oração (“*as folhas caíram no chão antes de as encontrarmos*”), que por sua vez é anterior ao tempo da enunciação. Mas o participio passado flexionado (sem auxiliar), devido ao seu valor aspectual, corresponde a um estado cujo tempo é anterior ao

tempo da primeira oração, mas não tem qualquer relação com o tempo da enunciação: “*vamos socorrer as pessoas naufragadas*”, “*nunca varrerei folhas caídas no chão*”.

Desta forma, nos exemplos supracitados, poderíamos derivar as segundas construções com particípio passado adjectival a partir das primeiras, em que o verbo aparece conjugado com o auxiliar temporal-aspectual “*ter*”. Nestes casos, o particípio passado adjectival resultaria assim do apagamento daquele auxiliar, cujo valor ficaria integrado no particípio passado. Esta é, segundo Casteleiro (1978), a explicação para o funcionamento como adjectivos dos particípios passados de alguns verbos intransitivos. Os verdadeiros intransitivos, como foi visto anteriormente, apenas em casos marginais permitem ocorrências deste tipo. A concordância entre o particípio passado e o SN sujeito se o auxiliar “*ter*” estiver apagado seria, porém, consequência natural da passagem do particípio passado a adjectivo, após o apagamento do auxiliar. O apagamento do auxiliar implicaria também a supressão de “*que*”. Note-se que tal apagamento é paralelo ao que se verifica na derivação de certos adjectivos adnominais a partir da frase relativa, mediante supressão de “*que-(ser + estar)*”:

[267] Adoro as paisagens que são calmas. - Adoro as paisagens calmas.

O obstáculo que se coloca é que, ao contrário do que foi proposto por alguns autores, “*as paisagens calmas*” não deriva de “*as paisagens que são calmas*”. Se analisarmos bem, “*paisagens calmas*” é muito mais abrangente do que “*as paisagens que são calmas*”, não só porque pode ser “*que estão calmas*”, como “*que inspiram calma*”, como “*que parecem calmas*”. Se nos referíssemos a “*peçoas calmas*” poderia ainda ser “*que andam calmas*”, etc.

Por último, existem construções onde podem ocorrer particípios passados adjectivais mas não verdadeiros adjectivos (cf. [268]).

[268]a. O Pedro foi seleccionado para a final.
b. O Pedro foi *estratégico para a final.

11. Tipos de particípios passados

A revisão da literatura que apresenta o estudo dos particípios passados em português e a análise da manifestação na própria língua dos seus diferentes valores conduzem à distinção de diferentes grupos. A sugestão tipológica que a seguir se apresenta assume os diferentes tipos:

- particípios passados verbais de natureza temporal aspectual. Estes particípios passados são invariáveis e precedidos por uma forma do verbo “*ter*”, onde não poderia ocorrer um adjectivo pleno: “*a Ana tinha lido o livro* / **a Ana tinha bonita*”.

[269] Ao longo da história da vida humana os hábitos alimentares **têm experimentado** grandes modificações.

- participípios passados verbais que ocorrem apenas em frases passivas e nunca como adjectivos predicativos: “*o Pedro é lembrado por todos / *o Pedro é lembrado*”.

[270] Os nervos raquidianos **são formados pela** junção das raízes anterior e posterior.

- participípios passados simultaneamente verbais e adjectivais. Este participípios passados são semanticamente ambíguos entre uma **interpretação passiva** e uma interpretação de **adjectivo predicativo**, dependendo do contexto: “*o Pedro é convencido*”. Uma leitura diz respeito à passiva: “*o Pedro é convencido a ir-se embora*”, parafraseando, “*alguém convence o Pedro a ir-se embora*”. Outra leitura está relacionada com a função predicativa: “*o Pedro é muito convencido*” ou parafraseando, “*o Pedro tem a propriedade de ser convencido*”, expressão de um defeito acerca do sujeito. Pode haver casos de ambiguidade quer semântica, quer sintáctica em participípios como “*ser/estar convencido*”, “*ser/estar prevenido*”, “*ser/estar aborrecido*”.

- participípios passados intermédios entre um valor verbal estativo: “*a Maria está aborrecida*” e um valor adjectival predicativo: “*a Maria é aborrecida*”.

- participípios passados ambíguos entre um valor verbal e um valor adjectival, com significados relacionados figurativamente. Actualmente no português oral e no português escrito informal ocorrem frequentemente participípios passados adjectivais com significados diferentes mas relacionados com a sua origem verbal: “*chegado*”, “*fingido*”, “*oferecido*”, “*ousado*”, “*levado*”, etc. Estes participípios passados são uma fonte rica para o desenvolvimento de novos significados, especialmente em registos informais.

- participípios passados verbais passivos cuja força verbal é explícita quando existe um agente pessoal introduzido pela partícula “*por*”, tal como representado em “*o barco foi arrastado pelas ondas*”⁵¹.

[271] No caso das aves, o ovo é chocado **pelos** pais, em muitos répteis, pelo sol ou pelo ambiente que os rodeia.

- participípios passados com valor totalmente verbal que ocorrem num contexto V_SN; os participípios passados

⁵¹ Esta posição vem como objecção à análise de Pimenta para quem os participípios passivos são adjectivais.

adjectivais não ocorrem neste contexto: “*o João é nomeado capitão de equipa*” (particípio passado verbal) versus “**o João é sabido capitão de equipa*” (particípio passado adjectival).

[272] Este tecido ósseo é **chamado tecido** esponjoso. # Tot: 22 N°: 22 Ref: L0305P0225X

[273] Até ao século XVII, o peso de um corpo **foi considerado uma propriedade** inerente a todos os corpos e que não necessitava de maior explicação. # Tot: 23 N°: 23 Ref: L0355P0151X

12. Resumo

A questão da natureza dos participios é um assunto que surge na maior parte das gramáticas e que ainda hoje continua problemático. Os participios passados adjectivais e os participios passados verbais são morfologicamente idênticos em português e a distinção semântica entre eles é bastante subtil. Em português, os participios têm quatro variáveis: como verbos têm tempo e voz⁵² e como adjectivos têm género e número.

Nesta parte da tese apresentámos uma descrição dos contextos em que o participio ocorre com valor verbal e com valor adjectival e explorámos algumas das propriedades que permitem distinguir os participios passados verbais dos adjectivos puros e dos participios passados adjectivais. Verificámos que o português partilha com outras línguas o mesmo tipo de questões gerais. Pudemos concluir que há certas propriedades sintácticas comuns aos participios passados e aos adjectivos, que os tornam, por vezes, difíceis de distinguir. Estas propriedades estão relacionadas com os diferentes tipos de verbos e com as propriedades semânticas desses verbos na forma participial. As propriedades dos participios passados adjectivais são determinadas pelas propriedades lexicais dos verbos de base desses mesmos participios e por algumas características gerais dos adjectivos (características do morfema passivo).

Os participios passivos adjectivais têm o mesmo afixo que os participios passivos verbais. Uma descrição do processo que permite derivar o participio passivo adjectival deve ser capaz de explicar porque é que este está associado ao afixo específico *-do* e não, por exemplo, ao afixo do participio activo.

Um ponto importante aqui apresentado baseia-se no trabalho de Varela (1992) e aponta para a necessidade de ter em consideração aspectos formais para a distinção entre as formas verbais e adjectivais. O afixo *-do* é de natureza aspectual dual e esta propriedade é relevante nos processos morfológicos. Este único afixo lexical que é subcategorizado por um verbo, projecta dois traços aspectuais que não determinam o comportamento da forma resultante. Assim, não existe uma mudança categorial entre o participio passado verbal e o adjectivo verbal passivo, mas apenas diferente instanciação aspectual.

Quanto ao fenómeno de duplicidade de categorias apresentado pelos participios passados, trata-se de um caso de ambiguidade, que define uma relação semântica bastante forte entre os participios passados e os adjectivos verbais. Perspectivas distintas tentam explicar este fenómeno.

⁵² Em relação aos participios passados não temos vindo a considerar a voz activa dado que esta é uma variável aplicada essencialmente aos participios presentes.

PARTE III - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	79
13. ALGUMAS DEFINIÇÕES E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS GERAIS	80
13.1. <i>Aspecto, Aktionsart e tempo</i>	80
13.1.1. Tipologias de Aktionsart ou aspecto lexical.....	81
13.1.2. Aspecto gramatical	83
13.1.2.1. Perfectivo, imperfectivo e progressivo	84
13.1.3. Tempo.....	85
13.2. <i>Relação aspecto/tempo</i>	86
14. PERSPECTIVA CULIOLIANA E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO	86
14.1. <i>Enunciado e enunciação</i>	87
14.2. <i>Operações predicativas</i>	88
14.3. <i>Operações enunciativas</i>	88
15. PREDICADO DO ENUNCIADO: SITUAÇÕES E CLASSES ASPECTUAIS.....	89
15.1. <i>Eventos</i>	89
15.2. <i>Actividades e estados</i>	92
15.3. <i>Propriedades comuns e diferentes das várias situações</i>	93
16. INTERLIGAÇÃO DOS ELEMENTOS NA CONSTRUÇÃO DE VALORES REFERENCIAIS TEMPORAIS E ASPECTUAIS DOS ENUNCIADOS	94
16.1. <i>Valores referenciais relacionados com a determinação nominal</i>	99
16.2. <i>Valores referenciais dos enunciados com elementos preposicionais</i>	100
16.3. <i>Valores referenciais dos enunciados com adverbiais</i>	101
16.3.1. Adverbiais de referência temporal	101
16.3.2. Adverbiais de referência aspectual	102
16.3.2.1. Adverbiais frequenciais temporais de referência aspectual	105
16.4. <i>Valores referenciais dos enunciados com participios passados</i>	106
16.4.1. Tempos compostos: ter + participio passado	107
16.4.1.1. Valores referenciais dos enunciados com tempos compostos.....	108
17. RESUMO.....	111

PARTE III - Enquadramento Teórico

"The past three centuries of science have been predominantly reductionist, attempting to break complex systems into simple parts, and those parts, in turn, into simpler parts. The reductionist program has been spectacularly successful, and will continue to be so. But it has often left a vacuum: How do we use the information gleaned about the parts to build up a theory of the whole? The deep difficulty here lies in the fact that the complex whole may exhibit properties that are not readily explained by the understanding of the parts. The complex whole, in a completely nonmystical sense, can often exhibit collective properties, "emergent" features that are lawful in their own right" (Kauffman, 1995).

Uma das maiores dificuldades de qualquer teoria é, de acordo com Kauffman (1995), agrupar as partes para a construção de um todo. Em linguística, têm-se verificado esforços no sentido de reunir análises de aspectos particulares para a construção de uma teoria geral globalizadora e coerente. O **princípio de composicionalidade** (Frege, 1971, Montague, 1970:227) funciona como guia na procura de princípios através da manifestação nas línguas naturais. Pretende-se com o princípio de composicionalidade, tornar mais fácil a interpretação formal e computacional da linguagem natural⁵³. O seu objectivo é construir um todo através da junção de todas as partes. A ideia básica deste princípio é a de que o valor de uma expressão resulta do valor dos seus constituintes e da forma como estes estão estruturados. Por exemplo, o tempo e o aspecto são formas que não ocorrem isoladas, os verbos finitos têm uma forma temporal e uma forma aspectual. O significado da combinação das duas é o produto do significado da forma do tempo e do significado da forma do aspecto. Existem diferentes graus de composicionalidade (Van Eynde, 1988). A ideia de que nenhum termo é isolado é mais vasta e mais abstracta. Há sempre uma relação de um termo relativamente a um outro termo a todos os níveis de descrição. A actividade da linguagem não é directamente observável. A linguística é a ciência que estuda a actividade da linguagem (realidade não observável) através da diversidade das diferentes línguas naturais (diversidade directamente observável). O motor de avanço das teorias linguísticas passa pela diversidade das línguas naturais, cada uma com as suas configurações específicas, mas também com certas características estáveis comuns entre si. A **actividade do linguista** deve ter como principal objectivo definir a actividade da linguagem através da observação. Podem considerar-se três níveis de representação na descrição linguística: representação mental (noções e operações) - actividade da linguagem, representação linguística (observáveis) e representação metalinguística.

É com base nos princípios acima descritos de composicionalidade que se desenvolve esta parte da tese, em que se dá a conhecer uma teoria formal que pretende ir para além de uma descrição/enumeração de formas e valores não contextualizados. O objectivo da teoria é, partindo da noção predicativa, descrever e explicar os mecanismos subjacentes à construção dos valores referenciais que a determinam, constituindo a significação do enunciado. Essa significação corresponde a um acontecimento linguístico. Este estudo incidirá, em particular, sobre os valores temporais e aspectuais, tendo como finalidade chegar à descrição destes valores nos enunciados com participio passado.

O capítulo 13 destina-se ao estudo das categoriais gramaticais aspecto e tempo. Estas categorias serão definidas com algum pormenor através de informações obtidas a partir das gramáticas (perspectiva clássica) e de alguns estudos mais ou menos recentes realizados neste campo. Aqui é apresentada e discutida a distinção entre aspecto gramatical e aspecto lexical ou *Aktionsart*, tempo e a relação aspecto-tempo. No capítulo 14 é apresentada a perspectiva culioliana⁵⁴ desenvolvida para o português por Campos (1984, 1985, 1987, 1992 e 1996). São descritos os conceitos

⁵³ Alguma discussão relativa ao funcionamento do princípio de composicionalidade pode ser encontrado em Santos, 1996a:102.

⁵⁴ A teoria de Culioli é por vezes designada por teoria formal enunciativa, outras vezes por teoria dos invariantes da linguagem e outras vezes ainda por teoria das operações enunciativas. De acordo com a primeira designação, põe-se em destaque o facto de se

de enunciado, enunciação, operações predicativas e operações enunciativas. No capítulo 15 faz-se particular referência ao predicado, elemento fundamental do enunciado, às classes aspectuais eventos, actividades e estados e à relação entre estas. No capítulo 16 observamos de perto a interligação dos elementos na construção de valores referenciais temporais e aspectuais dos enunciados. Com base nesta teoria veremos que para a construção dos valores temporais-aspectuais dos enunciados concorrem muitos elementos. Alguns dos constituintes que participam na definição destes valores são: o predicado (verbo lexical ou sintagma verbal), sujeito, argumentos nominais objecto, tempo verbal, adverbiais temporais-aspectuais e o próprio contexto discursivo. As perífrases são também de extrema importância quando se trata de participios passados. Alguns destes valores referenciais estão relacionados com a determinação nominal, outros com a presença no enunciado de certos elementos preposicionais, outros ainda com a presença de adverbiais quer de referência temporal, quer de referência aspectual, estes serão destacados. O capítulo centra-se e termina na análise dos valores referenciais dos enunciados em que há ocorrência de participios passados. Um dos principais objectivos é estabelecer o valor dos participios passados na expressão das categorias linguísticas tempo e aspecto. Veremos que o participio passado desempenha um papel de relevo em certas distinções verbais aspectuais. Por último, o capítulo 17 é um resumo do que mais importante se pode destacar desta parte da tese.

13. Algumas definições e considerações teóricas gerais

13.1. Aspecto, Aktionsart e tempo

Não obstante algumas definições consensuais, o aspecto é uma categoria difícil de definir e, como tal, tem sido muito discutida, havendo, ainda hoje, uma falta de standardização ou uniformização de conceitos. Várias têm sido as definições e diversos têm sido os termos usados para denotar distinções semânticas respeitantes à estrutura interna das situações (eventos, actividades e estados) que se centram à volta da noção de aspectualidade.

Para alguns autores o aspecto apresenta-se como uma categoria gramatical que se refere ao modo distinto de ver ou experienciar a acção expressa pelo verbo, segundo predomine nela o estado temporário, a reiteração, a duração, o começo ou a perfectividade (Abad, 1986:57). Mas a significação do verbo não é a única coisa que importa, a relação do verbo com vários outros elementos que o podem acompanhar são igualmente importantes na medida em que, no conjunto, permitem chegar à significação de toda a frase ou do discurso. O aspecto também depende da ênfase que se pretende dar a um determinado valor em detrimento de outro, segundo as circunstâncias, daí que para alguns autores o aspecto seja visto como uma escolha:

“the same bit of reality can be conceptualized either as event- or as state-like, depending on how we look at it” (Kamp & Reyle, 1993:507);

“aspect is a more or less SUBJECTIVE category in that it involves the speaker/writer’s choice between a ‘perfective’ or ‘imperfective’ description of the situation referred to by a verb” (Bache, 1982:64).

Por exemplo, em “*Saltei um muro*” destacam-se os valores perfectivo e momentâneo-pontual dados pelo próprio verbo, enquanto que em “*Corri das seis às sete*” predomina o valor durativo, que é atribuído pelo adverbial.

tratar de uma teoria que trata os parâmetros enunciativos como parâmetros teóricos formalizáveis. Na segunda designação acentua-se o facto de se visar a definição dos invariantes da linguagem, tal como são definidos ao longo da teoria: elementos metalinguísticos, subjacentes à diversidade das línguas naturais. A terceira designação é a mais usada actualmente. Esta última designação mostra que o importante são as operações enunciativas de que resulta o enunciado. O termo “perspectiva culioliana” que aqui utilizo, pretende incluir as três designações apontadas, unificando, deste modo, a nomenclatura para esta teoria.

É importante distinguir se o aspecto da acção verbal advém do significado do verbo ou é conseguido por meios gramaticais. Alguns gramáticos chamam “**modo de acção**” ou, mais comumente, *Aktionsart*⁵⁵ ao que provém do conteúdo semântico do verbo e reservam o nome de aspecto ao que provém do emprego de um meio gramatical. Assim sendo, no primeiro caso o verbo tem significado incoativo, perfectivo, iterativo, etc. e no segundo caso determinados morfemas gramaticais dão-lhe um aspecto incoativo, perfectivo, iterativo, que não é inerente à sua significação léxica. As perífrases verbais denotam aspectos da acção (progressivo, durativo, perfectivo, etc.), através de meios gramaticais aplicáveis a qualquer verbo, por exemplo, “*ir saindo/entrando*” ou “*ir a sair/entrar*”; “*estar para sair/entrar*”. Por outro lado, o aspecto perfectivo de “*acabar*” e o aspecto iterativo de “*saltar*” não dependem da construção em que se encontram, mas do significado próprio de cada um dos verbos.

Por vezes, a distinção entre aspecto e *Aktionsart* é ignorada discutindo-se se se deve ou não manter uma separação entre estas duas categorias da aspectualidade. Jespersen (1924:286) identifica os dois termos com um só conceito: “I must here very briefly deal with a subject which has already been touched upon and which has been very warmly discussed in recent decades, namely what has generally in English been called the aspect of the verb, and in German aktionsart, though some writers would use the two terms for two different things”. Mas, ao contrário de Jespersen, a maior parte dos autores distingue aspecto de *Aktionsart*⁵⁶, ainda que prefiram designar *Aktionsart* por outro nome: “*inherent meaning*” (Comrie, 1976) ou “*aspectual character*” (Lyons, 1977), em inglês e “*modo de acção*”, “*modalidade de acção*”, “*modo de processo*” entre outros, em português. A partir da separação dos termos, cria-se uma dicotomia entre aspectos gramatical e lexical da aspectualidade (Campos 1984:14)⁵⁷. O primeiro diz respeito à sintaxe e semântica dos auxiliares aspectuais, dos adverbiais e dos tempos gramaticais. O segundo diz respeito à semântica dos verbos principais e das proposições.

Intrinsecamente ligado à categoria aspecto, está a categoria tempo. Embora as duas sejam categorias gramaticais diferentes, elas estão relacionadas na análise, interferindo uma com a outra⁵⁸. Assim, os seus valores referenciais não devem ser separados. Tal como em muitas outras línguas (Reichenbach, 1947), em português os tempos verbais são marcadores linguísticos básicos quer de valores temporais, quer de valores aspectuais (Campos & Xavier, 1991:305). Mas, como veremos adiante, ainda que a aspectualidade esteja tradicionalmente ligada a formas verbais,

outros elementos podem veicular valores aspectuais. A expressão da função aspectual não é necessariamente limitada a verbos nem a nenhuma classe específica ou categoria de formas verbais.

13.1.1. Tipologias de Aktionsart ou aspecto lexical

⁵⁵ O termo metalinguístico alemão *Aktionsart*, vastamente conhecido desde o início dos anos 20 (Jespersen, 1924:286), está também relacionado com a aspectualidade e geralmente refere-se a distinções semânticas subtis, relacionadas com os significados lexicais dos verbos.

⁵⁶ Na base de uma dicotomia, Comrie (1976:41-52) vê *Aktionsart* como “aspecto inerente ou semântico”, o que está de acordo com a visão de que o aspecto é gramatical, enquanto que *Aktionsart* é lexical.

⁵⁷ Campos (1984:14-15) - “O aspecto manifesta-se através do sistema gramatical e do léxico. No primeiro caso é designado por aspecto gramatical ou aspecto simplesmente e corresponde à oposição de determinados tempos gramaticais (imperfecto/perfeito simples, por exemplo). O segundo caso, habitualmente referido como “Aktionsart”, modo de acção, modalidade de acção, modo de processo (entre muitas outras designações), engloba uma grande diversidade de formas: os próprios lexemas verbais a que é inerente determinada característica aspectual (por exemplo, chegar em oposição a caminhar), determinadas perífrases verbais (por exemplo estar a + INFINITIVO, estar + PARTICÍPIO PASSADO, pôr-se a + INFINITIVO), operadores suplementares de tempo, modo, etc, em relação intra ou interproposicional com o marcador verbal (por exemplo todos os dias, até hoje, às vezes, quando...).”

⁵⁸ Para uma visão clássica geral deste tipo de noções, podemos apontar ainda como referências: Vendler (1967), Mourelatos (1981), Dowty (1979 e 1986), Gross (1980), Jackendoff (1990), Parsons (1990), entre outros.

Como acabámos de referir, o aspecto é considerado de muitos pontos de vista diferentes, tendo quase tantas classificações como o número de linguistas que tentaram tratar este tema. Cada predicado pertence a determinada classe aspectual. Os critérios de distinção entre classes aspectuais e a sua explicação variam de autor para autor. Para uma visão geral dos diferentes tipos de organização da categoria gramatical aspecto, podem destacar-se os trabalhos de Vendler (1967), Bolinger (1971) e Verkuyl (1972)⁵⁹, onde o aspecto lexical que advém dos predicados e das proposições ocupa uma posição de relevo.

Diferentes tipos de situações são representadas por diferentes tipos de predicados. É com base neste facto que Vendler (1967) definiu uma tipologia de classes aspectuais para o inglês tendo precisamente em conta os predicados verbais e os seus complementos. Assim, distingue entre dois tipos principais de verbos: os que admitem tempos contínuos ou progressivos e os que não admitem. Os verbos que admitem tempos contínuos podem ser verbos de **actividade** (“*dirigir uma orquestra*”) ou verbos de **eventos prolongados** (“*accomplishments*”) (“*desenhar um círculo*”) e os verbos que não admitem tempos contínuos subdividem-se em verbos de **eventos instantâneos ou pontuais** (“*achievements*”) ⁶⁰ (“*vencer uma corrida*”) e verbos de **estado** (“*amar alguém*”). Segundo Vendler, expressões verbais como “*vencer a corrida*” e “*alcançar o topo*” são termos de eventos instantâneos e por isso não se combinam com tempos contínuos. No que diz respeito à distinção entre os termos de eventos prolongados e termos de actividade, Vendler aponta que, por exemplo, “*desenhar um círculo*” tem que ser terminado, enquanto que não faz sentido falar em terminar de “*empurrar um carrinho de supermercado*”.

Para Verkuyl (1972) a classificação do aspecto baseia-se nas qualidades semânticas das expressões verbais, incluindo objectos e modificadores verbais. De acordo com Verkuyl, o aspecto pode ser durativo como em [274] ou não durativo. O aspecto não durativo pode ser conclusivo como em [275] ou momentâneo como em [276]:

[274] O Francisco nadou durante uma hora. (podemos perguntar “*por quanto tempo?*”)

[275] O Francisco escreveu uma carta (alcança-se necessariamente um ponto final).

[276] O Francisco cortou a meta (apenas um momento indivisível é coberto).

A tipologia de Verkuyl vem ao encontro da distinção entre tónico e atónico. **Tónico** implica a passagem de um limiar semântico, o atingir de uma finalidade⁶¹. A definição de Garey (1957:106) de tónico exige a necessidade de incluir um objectivo, uma meta ou uma conclusão, ou o que Jespersen (1924:272-4) refere como objectivo final (*Endzweck*). **Atónico** remete para processos independentes da ideia de limite, processos que podem ser prolongados indefinidamente⁶².

⁵⁹ Estes autores apresentam cada um uma tipologia diferente. Estas tipologias foram criadas para o inglês. Os exemplos de Vendler foram traduzidos para o português por minha autoria. Podem apontar-se aqui outras categorizações de destaque: Mourelatos (1978), Dowty (1979 e 1986), Bach (1981), Carlson (1981), Borillo (1984, 1986, 1988 e 1991), Smith (1986 e 1991) e Moens (1987). Para o português destacam-se os trabalhos de Campos (1984, 1987 e 1996); Leiria (1991), Oliveira (1992 e 1994), Peres (1993) e Santos (1991a, 1996a e 1996b), entre outros.

⁶⁰ As traduções de “*accomplishment*” para “*eventos prolongados*” e de “*achievement*” para “*eventos instantâneos*” são usados em Campos (1984), em Mateus et al. (1989). Os termos em inglês são propostos por Vendler (1957 e 1967).

⁶¹ Tobin (1993:11) define a noção de tónico como inerente ao traço semântico marcado “*resultado*”. Este traço incluirá todas estas interpretações possíveis se e só se o enunciador quer fazer uma afirmação orientada para o resultado de qualquer espécie num discurso ou texto específico.

⁶² A categorização de tónico/atónico (do grego “*telos*”), bem como vários fenómenos de orientação temporal, tem sido fonte de

Em português, os verbos télicos podem ser expressos por verbos como “*nascer*”, “*morrer*”, “*cair*”, “*chegar*”, “*florir*” e os verbos atélicos podem ser expressos por verbos como “*amar*”, “*andar*”, “*chover*”, “*estar*”, “*viver*” (ver Campos, 1984:15). Campos opta, contudo, pelos termos transitório e não-transitório. Esta diferenciação permite explicar certas compatibilidades ou incompatibilidades aspectuais. Por exemplo, com os verbos télicos/transitórios podem co-ocorrer advérbios do tipo “*às duas horas*” (adverbiais pontuais) (cf. [277]a.) e com os verbos atélicos podem co-ocorrer advérbios como “*durante duas horas*” (adverbiais durativos) (cf. [278]b.), como os referidos por Verkuyl (cf. [132]). A ocorrência de verbos télicos com adverbiais durativos e a ocorrência de verbos atélicos com advérbios pontuais não é aceitável, resultando em sequências agramaticais (cf. [277]b. e [278]a.).

- [277]a. Ele chega (chegou) às duas horas.
b. *Ele caminha (caminhou) às duas horas.

- [278]a. *Ele chega (chegou) durante duas horas.
b. Ele caminha (caminhou) durante duas horas.

Os pontos de vista de Vendler e de Verkuyl completam-se de certa forma. O aspecto durativo de Verkuyl cobre os termos de actividade e de estado de Vendler, e os aspectos conclusivo e momentâneo correspondem respectivamente aos termos eventos prolongados e eventos instantâneos. A diferença mais marcante está relacionada com o facto de que as designações para os aspectos de Verkuyl são baseadas em valores temporais associados com o uso de diferentes verbos, i.e., a noção de duração, enquanto que a terminologia de Vendler tenta captar os valores incorporados no próprio verbo.

Por outro lado, para Bolinger (1971) os verbos podem ser classificados como descrevendo acções, estados, eventos instantâneos, etc. mas ainda podem partilhar o mesmo traço semântico distintivo (mais ou menos resultante). Bolinger relaciona consistentemente os conceitos de condição ou estado resultante com orientações para “fim”, “resultado”, “evento instantâneo” e “perfectividade”.

13.1.2. Aspecto gramatical

O aspecto gramatical, como vimos anteriormente, está relacionado com a sintaxe e semântica não dos predicados, mas de adverbiais, auxiliares e tempos gramaticais. Para Dahl (1974) os verbos ou sintagmas verbais podem descrever estados (cf. [279]a.), eventos ou processos. Os eventos denotam uma mudança de um estado a outro a um certo ponto no tempo, podendo ser intencionais (cf. [279]b.) ou não intencionais (cf. [279]c.). Os processos denotam uma sequência de eventos no tempo. Tal como os eventos, também os processos podem ser intencionais (ou actividades) ou não intencionais. Tanto os primeiros como os segundos podem ser construídos como limitados ou ilimitados (cf. [279]d., [279]e., [279]f. e [279]g.).

- [279]a. As crianças estão a dormir.

inspiração para trabalhos relacionados com a tipologia de diferentes verbos e formas verbais. Esta oposição foi originalmente formulada para duas percepções alternativas de situações “*durativas*” no que diz respeito à presença ou ausência de um ponto conclusivo. Esta distinção vem do tempo de Aristóteles e tem vindo a ser redescoberta e renomeada repetidamente como conclusivo/não conclusivo, limitado/não limitado, transitório/não transitório, durativo/não durativo, perfectivo/imperfectivo, etc.

- b. Eles ganharam a corrida.
- c. A Ana adormeceu.
- d. Eu estava/estou a escrever uma carta.
- e. O João está a tocar piano.
- f. Eu estava a adormecer.
- g. A água está a ferver.

13.1.2.1. Perfectivo, imperfectivo e progressivo

Alguns autores (Greenbaum, 1991:51 entre outros) consideram dois tipos de contrastes aspectuais para os verbos: o contraste perfectivo/imperfectivo e o contraste progressivo/não progressivo. A distinção aspectual mais frequente é a que opõe perfectivo e imperfectivo. Em Pollak (1976:294) o aspecto é definido como: “une catégorie grammaticale dans les paires en corrélation forment une unité tout en s’opposant. Les deux composantes de l’aspect sont qualifiées d’imperfectif et de perfectif. On parle habituellement d’aspect imperfectif et perfectif, ce qui logiquement n’est pas tout à fait exact: il s’agit plus précisément de membres imperfectif et perfectif à partir desquels la catégorie de l’aspect se constitue”.

O aspecto perfectivo apresenta uma situação como um todo não analisável, enquanto que o aspecto imperfectivo representa uma situação do seu interior e foca o início, fim ou na continuação dessa situação (Comrie, 1976:3-4). Nos exemplos seguintes, [280]a. tem valor perfectivo e [280]b. e [280]c. têm valor imperfectivo:

- [280]a. A Ana *leu* o livro.
- b. A Ana *estava a ler* o livro (quando o João chegou).
- c. Não o *tenho visto* desde Abril.

O valor habitual ou iterativo expresso através da construção de uma classe de ocorrências de um mesmo acontecimento linguístico que se repete *x* vezes, pode ser considerado também como um valor imperfectivo:

- [281] O Luis vai ao cinema *uma vez por semana*.
- [282] Os dois amigos encontram-se *muitas vezes*.

Bolinger (1971) mostra que o traço aspectual perfectivo se aplica tanto a verbos transitivos como a verbos intransitivos e que o conceito gramatical tradicional de transitividade não marca perfectividade *per se*. Fala-se aqui de aspecto, que abrange o verbo (transitivo ou intransitivo) mais os tempos gramaticais, as perífrases, os adverbiais, etc. Os adverbiais aspectuais, que referirei mais detalhadamente no capítulo 16, desempenham um papel importante no aspecto final do enunciado. Estes referem-se, entre outras coisas, ao facto de a situação estar ou não terminada:

- [283] A Emília pintou a parede *em duas horas*.
Valor perfectivo - “a parede está pintada”

[284] A Emília pintou a parede *durante duas horas*.

Valor imperfectivo - a parede não está totalmente pintada, “*mais tarde ela vai continuar a pintá-la*”.

Veremos também com mais pormenor que em português o aspecto progressivo indica temporalidade e aspectualidade, indica que a situação/acção está em curso num tempo T determinado. Em português, a **forma progressiva** pode manifestar-se de através de “*estar a + infinitivo*”, como em “*O Pedro está a brincar*”. Em geral, o progressivo implica a duração por apenas um período limitado de tempo, mas não indica que uma situação tenha sido terminada (cf. [285]a.)⁶³. A interpretação de terminado pode ser dada através de uma segunda oração que marque todo o enunciado com o valor de “completo”. No exemplo [285]b. é o segundo membro do enunciado que permite a interpretação “terminado” e o estado resultante da actividade “*ler um livro*”.

[285]a. *Estive a ler um livro* a noite passada.

b. *Estive a ler um livro* a noite passada e fiquei com insónias depois de o ter lido todo.

Alguns predicados podem ocorrer com o aspecto progressivo, outros não o permitem. A combinação com o progressivo pode servir para distinguir entre predicados dinâmicos como “*ler*” e “*aprender*” (cf. [286]) e predicados estativos como “*ser gordo*” e “*ser alto*” (cf. [287]). Este é um dos critérios utilizados na tipologia apresentada por Vendler. Podemos notar, porém, a existência de certos predicados estativos que se combinam com a forma progressiva dando origem a frases gramaticais (cf. [288] e [289]). Esta permissibilidade parece depender do facto de o adjectivo ser caracterizado pelo traço de intencionalidade.

[286] O Pedro está a aprender a nadar.

[287] *A Alexandra está a ser gorda.

[288] O Pedro está a ser cuidadoso.

[289] A Ana está a gostar do curso.

13.1.3. Tempo

A par do valor aspectual há a construção do valor da categoria gramatical tempo. Para Cohen (1924:13) a categoria tempo marca a época da ocorrência do processo verbal em relação ao momento em que se fala. A noção de tempo “é subjectiva: só tem sentido para o sujeito falante, que concebe o tempo de maneira abstracta, como uma linha ideal, e aí traça divisões em relação a si mesmo: o que está por trás dele (no momento em que fala), o passado; o que está ante ele, neste momento preciso, o presente; o que está adiante dele, o futuro.

Em qualquer língua natural, a cada enunciado corresponde um acontecimento linguístico ao qual se associa um tempo abstracto (tempo nocional), que pode ter valores diferentes. Esse valor abstracto é designado por “**tempo do acontecimento linguístico**” (Campos & Xavier, 1991:300). Por exemplo, os valores temporais de anterioridade (<),

⁶³ De acordo com Quirk et alii (1972), existe um número de outros significados concomitantes que acompanham o aspecto progressivo, tais como o de duração limitada e de incompletude.

simultaneidade (=) e posterioridade (>) resultam de uma operação de localização em que há um termo localizado (o tempo do acontecimento) e um termo localizador (o tempo da enunciação ou outro parâmetro temporal). A anterioridade é geralmente designada pela forma gramatical do pretérito; a simultaneidade é geralmente designada pelo presente gramatical ou pela forma perifrástica do presente “*estar a + infinitivo*” e a posterioridade é geralmente designado pelo futuro gramatical ou pela forma perifrástica do futuro “*ir + infinitivo*”.

O tempo associado aos diferentes enunciados pode ser representado como uma sequência de pontos ou instantes, que corresponde a cada uma das expressões temporais. A sequência de instantes pode ser constituída por um único instante, no caso de se tratar de um acontecimento pontual. As sequências de instantes podem ser representadas por meio de intervalos, ou seja, sequências contínuas de pontos. O intervalo é uma subparte contínua da linha do tempo. Segundo Campos (1985a:119), “num enunciado, a referência temporal manifesta-se fundamentalmente através do tempo gramatical do verbo, que localiza o acontecimento linguístico em relação à enunciação origem. Em interação com o tempo gramatical outros marcadores podem coocorrer, determinando mais especificamente essa referência.”⁶⁴

13.2. Relação aspecto/tempo

A categoria tempo confunde-se, por vezes, com o aspecto. Ambas as categorias existem flexionalmente em português. No entanto, podemos distinguir estas duas categorias: a categoria tempo diz respeito à localização no eixo temporal⁶⁵, enquanto que a categoria aspecto diz respeito ao tipo de situação descrita.

As formas de tempo e aspecto não ocorrem isoladas: a mesma forma (morfema flexional) marca os valores das duas categorias. O significado da combinação dos dois é o *produto dos significados* da forma do tempo e dos significados da forma do aspecto. Existe uma interdependência na construção dos valores das categorias gramaticais tempo e

aspecto. Para Johnson (1981), a semântica das formas do aspecto especifica a relação entre o tempo da referência e o tempo do evento num enunciado.

O enunciado com participio passado, representado em [290] (extraído de Campos, 1985a:115) tem valor aspectual perfectivo e a localização temporal-aspectual do acontecimento linguístico construído é representada por um intervalo fechado e compacto adjacente ao tempo expresso linguisticamente pelo adverbial “*quando o telefone tocou*”. O acontecimento linguístico é construído como um todo.

[290] O Gil *tinha acabado de entrar quando o telefone tocou.*

14. Perspectiva culioliana e construção de significado

A descrição de uma língua deve estender-se além do domínio do imediatamente observável e, como tal, deve ser acompanhada por uma representação teórica que descreva fenómenos de diferentes níveis. De acordo com Campos

⁶⁴ Em português o sistema verbal organiza-se “em torno de um eixo temporal, dividido em passado e presente, ou em passado, presente e futuro, localizando o enunciador e o seu enunciado em relação ao momento da sua enunciação, origem da estruturação da temporalidade discursiva.” (Campos, 1984a:13).

⁶⁵ A ordem temporal é um problema clássico, mas tem sido ultimamente actualizado através de trabalhos desenvolvidos no âmbito da semântica do discurso. Num discurso existe uma ordem temporal de modo que, a sucessão dos acontecimentos aos quais se referem os enunciados coincidem com a ordem do discurso.

(1984a:23): “parte-se da hipótese de que todo o enunciado é o produto final de um conjunto organizado de **operações predicativas** e **operações enunciativas**, a partir de um primeiro nível, pré-lexical, de noções e de relações entre noções, caracterizadas por propriedades físico-culturais, entre as quais propriedades aspectuais (primitivas) que virão a manifestar-se no modo de processo”. Apresento aqui um sistema de representação metalinguística, assente num modelo de construção da significação integrada no modelo de funcionamento geral da linguagem proposto no quadro da teoria formal enunciativa (Culioli 1978 e 1982 e Desclés 1980, entre outros) e desenvolvida para o português por Campos (1984a, 1985a, 1987, 1992 e 1996). A descrição teórica que a seguir se apresenta foi, em grande parte, baseada nos trabalhos de Campos.

14.1. Enunciado e enunciação

“Para Culioli, o **enunciado** resulta de um conjunto de operações de localização abstracta (“*repérage*”) que incidem sobre um termo, o termo localizado (“*repéré*”) e o localizam em relação a um segundo termo, o termo localizador (“*repère*”). O termo localizado ganha, assim, uma determinação que não tinha antes”. A estrutura abstracta que está na origem do enunciado designa-se por **proposição**. A proposição é uma relação entre termos, através da qual se faz uma predicação, ou seja, a proposição que está na origem do enunciado é uma **relação predicativa** (conceito definido e localizado com precisão no modelo de funcionamento da linguagem). A relação predicativa tem um sentido, que corresponde à relação entre os termos predicado e os seus argumentos e se pode representar, por exemplo, como: <ler, Pedro, livro> (Campos & Xavier, 1991:295).

Enunciar é construir referência, é construir determinação. E construir determinação é construir relações. “Partindo de uma estrutura abstracta à qual se associa um sentido, vai-se, por sucessivas operações de localização abstracta, atribuindo determinação a essa estrutura, globalmente e em cada um dos seus termos. A estrutura abstracta de origem é, assim, afectada de valores referenciais, passando a ser um enunciado, dotado de significação.” (Campos & Xavier, 1991:295). Resumindo, das operações de localização que podem incidir sobre a relação predicativa, e que lhes conferem determinação, resulta um número teoricamente infinito de enunciados, a cada um dos quais é associada uma significação.

Os argumentos da relação predicativa sofrem diferentes operações de determinação que lhes conferem valores de quantificação e/ou qualificação que não possuíam antes.

A passagem de **sentido** - da estrutura de origem - à **significação** - do enunciado - corresponde, como vemos, à construção de valores referenciais, isto é, à construção de um acontecimento linguístico, localizado em relação ao parâmetro **Situação de enunciação** (simbolicamente representado como **Sit** (**S₀**, **T₀**) ou simplesmente **Sit₀**), parâmetro abstracto definido pelos parâmetros enunciativos abstractos **S₀** (**Sujeito da enunciação - Sujeito enunciador origem**) e **T₀** (**Tempo(-espaço) da enunciação - Indicador temporal origem**). Na cadeia de operações de localização, o parâmetro enunciativo Sit₀, criado pelo enunciador S₀ em T₀, é o localizador origem de todas as localizações, é o “*repère*” enunciativo origem. Estes são parâmetros teóricos na descrição-explicação de diferentes tipos de fenómenos linguísticos.

É em torno de Sit₀ que se organizam as restantes coordenadas enunciativas:

- coordenadas da situação de enunciação relatada (“*rapporté*”) ou situação de locução: S₁, T₁, Sit (S₁, T₁).
- coordenadas da relação predicativa ou do acontecimento construído pela enunciação: S₂, T₂, Sit (S₂, T₂).

- coordenadas do ponto de referência intermédio entre Sit₂, e Sit₁, a partir do qual se constrói o ponto de vista sobre o acontecimento: S₃, T₃, Sit (S₃, T₃).

14.2. Operações predicativas

Das **operações predicativas** resulta uma relação predicativa. A **relação predicativa** (*lexis*), uma vez localizada no espaço enunciativo construído pelo sujeito enunciador no acto da enunciação, torna-se num enunciado. A lexis (λ) pode ser representada através da fórmula: $\langle\langle\lambda \underline{\in} \text{Sit}_2\rangle \underline{\in} \langle\text{Sit}_3 \in \text{Sit}_1\rangle\rangle \underline{\in} \text{Sit}_0$. Aqui o símbolo de localização $\underline{\in}$ é o operador primitivo de “*repérage*”, que pode tomar os valores de identificação (=), diferenciação (\neq) ou ruptura (ω). Se não houver localização, utiliza-se o símbolo $\underline{\notin}$.

O valor de identificação é usado na enunciação directa (“*eu digo T₀, o João está a escrever um romance T₁*” (T₀ = T₁)); o valor de diferenciação é usado na enunciação relatada (“*disseste T₀ que o João estava a escrever T₁* (T₀ \neq T₁)); o valor de ruptura é usado na enunciação histórica, em que Sit₂ se situa fora do plano da enunciação (Campos, 1987:25).

14.3. Operações enunciativas

As **operações enunciativas** definem o espaço enunciativo pela construção de um sistema de coordenadas enunciativas, sistema referencial, e localizam a relação predicativa em relação a esse sistema. Existem **valores referenciais** que dizem respeito à globalidade do enunciado e de que são marcadores os morfemas da flexão verbal: o tempo (tempos gramaticais, flexão verbal, auxiliares aspectuais), o aspecto e a modalidade (verbos aspectuais e verbos modais (*dever, poder, ter de*) e adverbiais (adjuntos)). Existe, pois, uma interdependência de valores na construção destes três tipos de categorias gramaticais, tal como se pode observar através de [291]:

[291] O Francisco *deve ter chegado ontem às cinco da tarde.*

As relações de localização de um argumento já lexicalizado, por exemplo “*homem*” podem corresponder a uma predicação de existência “*há um homem*”, a um processo de anaforização “*de quem te falei*”, a um processo de referência deíctica “*aqueles homens, este homem*” e, ainda, ao estatuto de **pré-construído** “*(o homem) que vendeu o livro do Gil*”. Aqui a identificação referencial dos termos localizados manifesta-se em diversos tipos de sintagmas nominais. Esses sintagmas nominais adquirem maior grau de determinação através da predicação que sobre eles incide e na qual constituem termos localizados “*aquele homem é simpático*” “*aquele homem é vendedor de jornais*”. O termo localizador pode ser ainda um outro sintagma nominal usado referencialmente, sendo a relação de localização expressa linguisticamente por um predicado de dois ou mais lugares. Por exemplo em “*o tal homem vai vender o livro que ganhou o prémio Nobel*”, o termo localizado é “*o tal homem*”, o termo localizador é “*o livro que ganhou o prémio Nobel*” e a relação de localização é especificada pelo predicado “*vender*” (“*vai vender*”) (Campos & Xavier, 1991:296-297)⁶⁶.

⁶⁶ Outros exemplos de operações de localização podem ser encontrados na obra citada, páginas 297-300, onde se destacam ainda construções com marcador linguístico do valor de alto-grau.

15. Predicado do enunciado: situações e classes aspectuais

A relação predicativa é um objecto metalinguístico ao qual se associa um sentido, sentido esse que consiste na relação entre o predicado e os seus argumentos. O sentido da relação predicativa corresponde a um tipo de **situação** ou classe aspectual (Campos & Xavier, 1991:314). Quando essa relação predicativa for localizada em relação aos parâmetros que definem a situação de enunciação (isto é, quando for afectada de valores referenciais), passará a ser um acontecimento linguístico. Já tivemos oportunidade de verificar aquando da apresentação das tipologias de Aktionsart, a importância do predicado constitutivo da relação predicativa. Este é um elemento central na definição do tipo de situação. As diferentes classes aspectuais são constituídas por diferentes tipos de situação que podem ser expressos pelos predicados verbais. Neste capítulo completaremos a análise das diferentes classes aspectuais e os seus respectivos valores. Viu-se também que por predicado verbal não se entende apenas o verbo (exemplo: “*ler*” - actividade), mas a totalidade do sintagma verbal (exemplo: “*ler um livro*” - evento prolongado) que define a natureza aspectual da relação predicativa.

15.1. Eventos

Os enunciados [292], [293], [294] e [295] contêm predicados que correspondem a **eventos**, tal como foi proposto por Vendler (1967).

[292] O João desmaiou.

[293] A Ana adormeceu logo que se deitou.

[294] A Catarina comeu a sopa toda.

[295] O Francisco leu o jornal de domingo.

Os eventos exprimem situações que incluem a passagem de um limiar semântico, que pode fazer parte da própria definição do verbo (“*desmaiar*” significa passar do estado de “*não desmaiado*” (estado consciente) ao estado de “*desmaiado*” (estado inconsciente); “*adormecer*” significa passar do estado de “*acordado*” ao estado de “*não acordado*”) ou do sintagma verbal (“*comer a sopa*” significa fazer com que a sopa passe do estado de “*não comida*” ao estado de “*comida*”; “*ler o jornal*” significa fazer com que o jornal passe do estado de “*não lido*” ao estado de “*lido*”)⁶⁷. Esta passagem ou transição de um estado a outro estado, também designado de **estado resultante**, constitui um **limiar semântico**. Aqui atinge-se uma finalidade (“*telos*”), que já foi referida anteriormente. Os eventos são **situações transicionais**, **situações télicas**. São situações **heterogéneas**. As situações heterogéneas não gozam da **propriedade de subintervalo**⁶⁸. A propriedade de subintervalo, tal como definida em Bennett & Partee (1978:14), é a propriedade de predicados (como “*nadar*” e “*estar doente*”) cuja relação predicativa validada para um

⁶⁷ O alcance do limiar semântico apresentado pelos eventos põe em paralelo dois complementares linguísticos. Por exemplo, o evento representado linguisticamente pelo predicado “*adoecer*” opõe “*estar bom*” ou “*estar de boa saúde*” a “*estar doente*”.

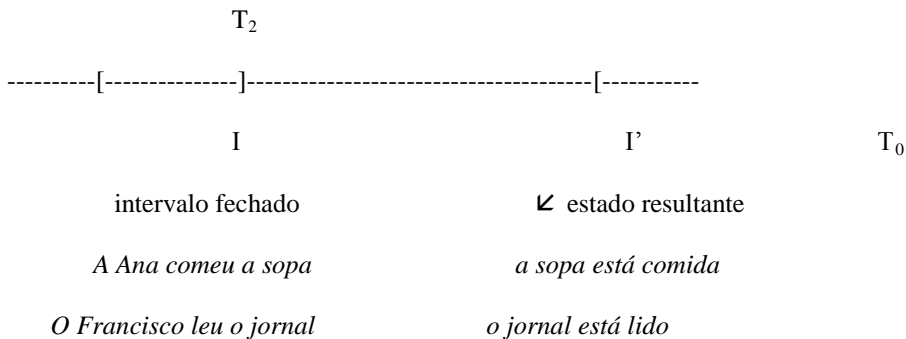
⁶⁸ Acerca da semântica dos intervalos veja-se Bennett & Partee (1978) e Partee (1984). A definição de intervalo é apresentada na nota 73.

intervalo I, é também validada para qualquer subintervalo de I⁶⁹.

Os eventos expressos pelos predicados dos enunciados [292] e [293] consistem na passagem de uma fronteira sem dimensão ou, por outras palavras, a uma passagem ou transição instantânea do limiar semântico e por isso, são chamados **eventos instantâneos** podendo ser representados por um intervalo fechado, i.e., apenas um instante. Exemplos: “*desmaiar*”, “*chegar*”, “*cair*”, etc.

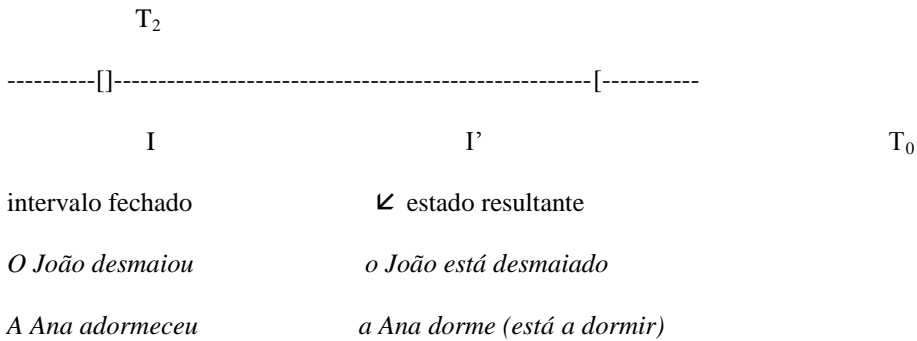
Outros eventos estendem-se por mais tempo e, por isso mesmo, são chamados **eventos prolongados** e podem ser representados por um intervalo aberto à direita, valor aspectual imperfectivo, se não tiver sido atingido o “telos”. Caso contrário, como em [294] e [295], são representados por intervalos fechados. Podemos distinguir três fases na caracterização dos eventos prolongados: o início do evento, que corresponde a uma passagem de fronteira e que pode ser expresso pela forma perifrástica “*começar a*” (“*começar a comer a sopa/ler o jornal*”); o decorso ou prolongamento do evento que é geralmente expresso pela forma progressiva “*estar a*” (“*estar a comer a sopa/ler o jornal*”); e o final do evento, que corresponde a uma segunda passagem de fronteira, e que pode ser expresso pela forma perifrástica “*acabar de*” (“*acabar de comer a sopa/ler o jornal*”).

Quer o início, quer o final do evento correspondem à passagem de fronteiras: o início corresponde à passagem de uma **fronteira de abertura** para o evento e o final corresponde à passagem de uma **fronteira de fechamento** do evento. O diagrama a seguir representa os intervalos associados a um evento prolongado e o estado resultante da realização do mesmo evento:



Normalmente a cada evento (instantâneo ou prolongado) corresponde um estado resultante. Em português, a forma composta pela combinação do verbo “*estar*” com o particípio passado de um verbo que exprime um evento representa o estado resultante desse evento: “*o peixe está morto*” exprime o estado resultante do evento instantâneo expresso por “*morrer*”; “*o fugitivo foi/está encontrado*” exprime o estado resultante do evento instantâneo “*encontrar o fugitivo*”; “*a carta está escrita*” exprime o estado resultante do evento prolongado expresso por “*escrever a carta*”. Na parte I da tese estas construções foram designadas de construções resultativas. Os estados resultantes dos eventos expressos por “*desmaiar*” e “*adormecer*” são “*estar desmaiado*” e “*dormir*”, respectivamente. Estas transições ou mudanças de estado são características dos verbos télicos. O diagrama que a seguir se apresenta ilustra os intervalos associados a um evento instantâneo e o estado resultante da realização desse evento:

⁶⁹ Veremos neste capítulo mais exemplos de predicados que gozam da propriedade de subintervalo.



Podemos dizer que ao evento está associado o tempo T_2 , representado por meio de um intervalo fechado (I) com um ponto (evento instantâneo) ou vários pontos (evento prolongado). Ao estado resultante está associado o intervalo semi-aberto, ou aberto à direita (I'), que é adjacente ao intervalo I. Há construção de um valor aspectual imperfeito. O localizador temporal e aspectual T_0 é um dos instantes do intervalo I' . Podemos dizer que um evento está em curso em relação a um localizador T quando T é um dos instantes da sequência de instantes T_2 associada ao evento, ou seja T é simultâneo a T_2 . Os eventos podem ser representados da seguinte forma:

- <r> - T_2 (pontual)
- ↙ tempo de validação da relação predicativa
- sequência não nula de instantes → evento prolongado
- sequência constituída por um único instante → evento instantâneo

As relações predicativas “comer a sopa” e “ler o jornal” correspondem a uma passagem de fronteira não instantânea, ou seja, o acontecimento “comer a sopa” pode durar 2 minutos, 5 minutos, 10 minutos, ou até mais e o acontecimento “ler o jornal” pode demorar uma hora, duas horas, etc.. Há, todavia, em ambos os casos, passagem do limiar semântico com um resultado daí proveniente “a sopa está comida” e “o jornal está lido”. Os eventos são situações dinâmicas, não estativas.

No predicado “desmaiar”, tal como em noutros predicados de evento instantâneo como “adormecer”, “adoecer”, “acordar”, etc., a fronteira corresponde a um intervalo com apenas um ponto, que podemos representar do seguinte modo:

“desmaiar”	“adormecer”	“adoecer”	“acordar”
[] ∃ estar desmaiado	[] ∃ dormir	[] ∃ estar doente	[] ∃ estar acordado

[298] A Catarina está a dormir.

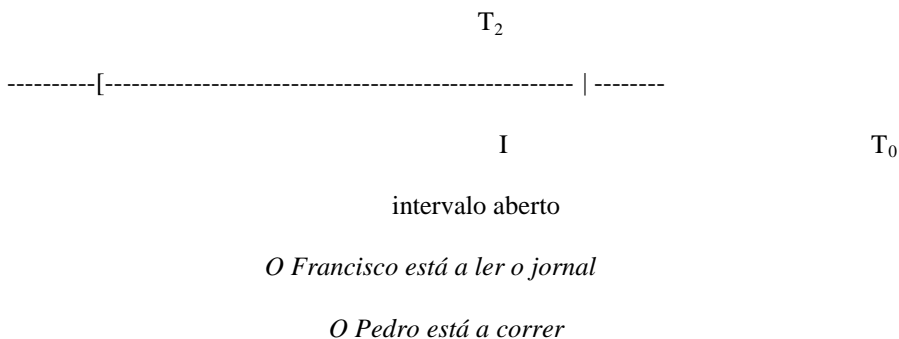
[299] *A Alexandra está a estar doente.

15.3. Propriedades comuns e diferentes das várias situações

Tal como para os eventos prolongados (cf. [300]), também para as actividades (cf. [301]) o valor temporal de simultaneidade é expresso pela combinação do predicado verbal com a forma progressiva. Nestes casos, há simultaneidade entre T_2 e T_0 . Se existir um T_3 , então existe simultaneidade entre o T_2 e o T_3 (cf. [302] e [303]). Podemos observar este fenómeno através dos diagramas apresentados a seguir aos respectivos exemplos.

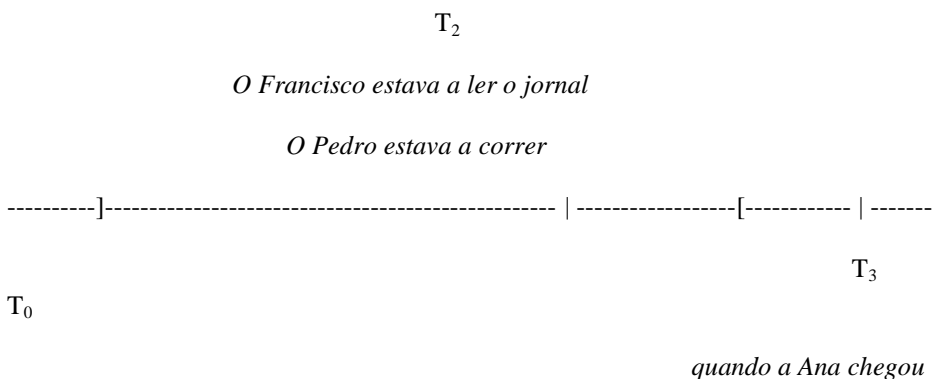
[300] O Francisco está a ler o jornal.

[301] O Pedro está a correr.



[302] O Francisco estava a ler o jornal (quando a Ana chegou).

[303] O Pedro estava a correr (quando o Luis o viu).



casos em que esta combinação é possível (“O Pedro está a ter bons resultados”).

Assim, quer os eventos prolongados, quer as actividades, são compatíveis com a forma progressiva “*estar a*“. Os eventos prolongados não são homogéneos e não gozam da propriedade de subintervalo. Os eventos instantâneos não se combinam naturalmente com a forma progressiva, o que não significa que não possam ocorrer em casos excepcionais (cf. [304] e [305]). Nestes casos há, porém, uma significação de iminência, de futuro iminente, e não de simultaneidade.

[304] O Francisco está a chegar.

[305] A Ana está a desmaiar.

Cada predicado verbal é caracterizado pelos seus traços aspectuais que devem ser respeitados de forma a impedir sequências mal formadas. Existem certas restrições que fazem com que um predicado verbal não possa ocorrer com determinados argumentos ou com determinados adjuntos.

Podemos concluir que diferentes predicados verbais especificam diferentes tipos de relações entre os seus argumentos. Essas relações entre predicado e argumento(s) correspondem a diferentes tipos de situação. A situação é, assim, a representação por classes predicativas. Há situações que são homogéneas e há situações que são heterogéneas. Nas situações homogéneas não há qualquer alteração na estrutura da situação. Nas situações heterogéneas há uma alteração qualitativa na estrutura da situação.

A seguir à descrição do papel dos predicados na estrutura dos enunciados, é a vez, agora, de analisar a pertinência de vários outros elementos referenciais na especificação temporal e aspectual dos diferentes tipos de situações.

16. Interligação dos elementos na construção de valores referenciais temporais e aspectuais dos enunciados

Antes de apresentar os enunciados que são relevantes para a visualização das relações entre as categorias tempo e aspecto, é importante referir que uma frase como “*O Pedro lê um livro*” não constitui um enunciado, porque não expressa nenhuma relação de localização temporal. É esta relação, que quando existe, permite distinguir um enunciado de uma simples frase. Ao invés, a frase “*O Pedro está a ler um livro*” é um enunciado porque contém uma relação de localização temporal. Esta relação é uma relação de **simultaneidade**, porque $T_2 = T_0$. O tempo do acontecimento linguístico (T_2) é construído como simultâneo da própria situação de enunciação, ou seja, de T_0 (termo localizador na relação de localização em que a **relação predicativa** <*ler, o Pedro, um livro*> é o termo localizado). É nesta relação de localização que se constrói o valor temporal do enunciado. O acontecimento linguístico é construído como estando em curso em T_0 , i.e., no preciso momento da enunciação.

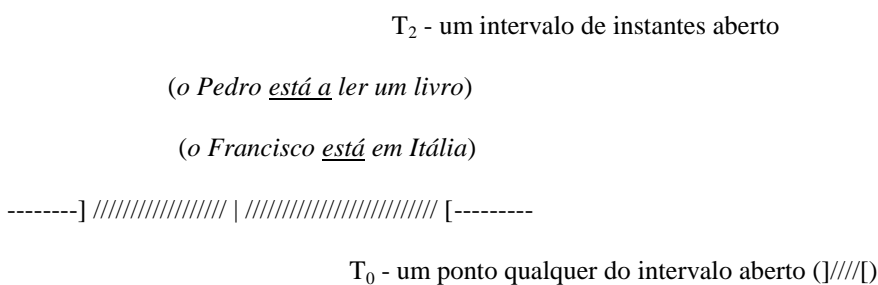
Em português, o presente gramatical progressivo para os verbos não estativos, expresso pela forma perifrástica “*estar a*”, como em [306], bem como o presente linguístico ou presente actual no caso dos verbos estativos como em

[307] marcam um valor temporal de simultaneidade e um valor aspectual imperfeito em relação a T_0 ⁷¹.

[306] O Pedro *está a* ler um livro.

[307] O Francisco *está* em Itália.

Nestes enunciados, o acontecimento é construído como estando em curso em T_0 . Esta coordenada é simultaneamente localizador temporal e localizador aspectual. As relações acabadas de descrever podem ser representadas através de um diagrama de intervalos⁷², como é representado em Campos e Xavier (1991:304):



Esquemmatizando: $T_2 = T_0$ - valor temporal de simultaneidade

$\langle t \rangle T_2 \subseteq T_0$ - valor aspectual imperfeito

Vejam agora o enunciado representado em [308]:

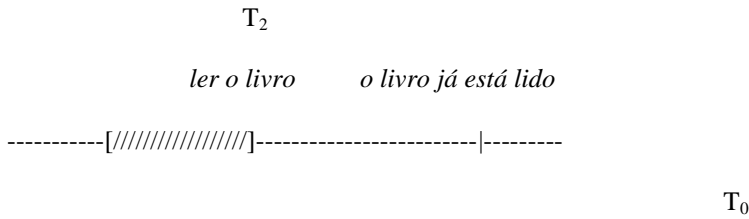
[308] O Pedro (já) *leu* o livro.

Em [308], o valor temporal do acontecimento linguístico é construído como anterior a T_0 , parâmetro temporal da situação de enunciação (a leitura está terminada, i.e., “*O livro está lido*”). É a forma do pretérito perfeito simples (reforçada ou não com o adverbial “já”) que exprime o valor de **anterioridade** em relação a T_0 . O pretérito imperfeito também pode exprimir esse valor temporal de anterioridade (“*O Pedro estava a ler o livro quando eu entrei*”). A diferença entre estes dois enunciados (assentes em tempos gramaticais diferentes) será vista de seguida.

⁷¹ Existem casos excepcionais de uso de um presente simples com valor perfectivo, designado de presente de reportagem (“*reportive present*” em Bennett & Partee, 1978) ou presente histórico, usado como uma descrição vívida do evento (Bach, 1981:68,76). O presente de reportagem produz um efeito de simultaneidade, como uma colagem de situações. Esta forma é usada por exemplo nos relatos de futebol: “*X passa a bola a Y, Y avança no campo. Está sozinho. É uma grande oportunidade de golo. Remata. A bola não entra!*”

⁷² Um intervalo é uma sequência contínua de pontos/instantes no diagrama do eixo temporal. O intervalo pode ser um intervalo fechado [////] ou um intervalo aberto]////[.

Quanto ao valor aspectual, o acontecimento linguístico é construído como um todo fechado, uma vez que já não está em curso em T_0 . O termo **todo fechado** representa a **sequência de pontos** (ou **instantes**) que constitui o tempo T_2 que é perspectivado globalmente a partir do localizador T_0 , que lhe é exterior. O acontecimento é visto do exterior, é um acontecimento realizado, completo. Do ponto de vista aspectual, o pretérito perfeito simples tem um **valor perfectivo** por excelência. A sequência de instantes (T_2)⁷³ é definida como um **intervalo fechado** ([//]), tal como podemos observar através do diagrama seguinte, baseado nos diagramas de Campos.



Esquemmatizando: $T_2 < T_0$ - valor temporal de anterioridade

<r> $T_2 \subseteq T_0$ - valor aspectual perfectivo

Continuemos a analisar outros tipos de enunciado. Vejamos [309]:

[309] O Pedro *estava a ler* um livro (quando eu entrei).

Aqui, o acontecimento é construído a partir de um ponto localizador que coincide com um dos pontos/instantes de T_2 , isto é, que é perspectivado do seu interior. Esse ponto localizador, designado por T_3 , é um localizador intermédio entre T_2 e T_0 ⁷⁴. Assim, T_2 é localizado em relação a T_3 , que, por sua vez, é localizado em relação a T_0 ($T_2 \subseteq T_3 \subseteq T_0$). Para visualizarmos melhor, T_2 , a primeira parte do enunciado, expressa pela forma gramatical do pretérito imperfeito - “*O Pedro estava a ler um livro*”, corresponde a uma sequência de instantes em que o acontecimento está **em curso**. T_3 “*quando eu entrei*” corresponde a um dos instantes de T_2 . O adverbial proposicional é o localizador temporal. Dado que não há construção do primeiro e do último ponto da sequência que constitui T_2 , essa sequência de instantes é representada como um intervalo aberto (|//|).

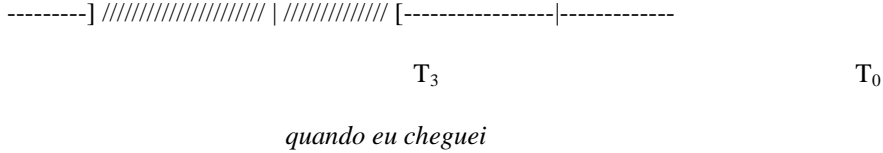
O enunciado pode ser representado da seguinte forma:

T_2

⁷³ Por vezes, a sequência de instantes é constituída por um único instante, dependendo do tipo de predicado e/ou do(s) elemento(s) que acompanha(m) esse predicado (“*A Ana caiu*”, “*O Pedro chegou às 5 horas*”).

⁷⁴ Quando a referência temporal é marcada pelo tempo gramatical imperfeito, ela é obrigatoriamente complementada por um localizador intermédio T_3 realizado linguisticamente ou definido situacionalmente.

O Pedro estava a ler o livro



A situação apresenta as seguintes relações: $T_2 = T_3 < T_0$ - valor temporal de anterioridade;

$T_2 = T_3$ - valor temporal de simultaneidade;

$\langle \tau \rangle T_2 \subseteq T_3$ - valor aspectual imperfeito

(visto de dentro, do interior)

A diferença entre os acontecimentos construídos no enunciado [308] e no enunciado [309] tem origem no facto de esses dois acontecimentos serem perspectivados a partir de pontos de vista diferentes (o primeiro do exterior, o segundo do interior).

Vejamos agora [310], que representa um enunciado em que é usada a forma perifrástica do futuro “*ir + infinitivo*”.

[310] O Pedro *vai ler* “Os Maias”.

Neste enunciado, o valor temporal, marcado pela forma perifrástica do futuro (“*vai ler*”) é de posterioridade em relação a T_0 . O valor aspectual é perfectivo também em relação a T_0 . O acontecimento expresso neste enunciado é perspectivado como um todo, a que é exterior o localizador aspectual T_0 .



Esquemmatizando: $T_0 < T_2$ - valor temporal de posterioridade

$\langle \tau \rangle T_2 \subseteq T_0$ - valor aspectual perfectivo

Se contrastarmos o enunciado [310] com o enunciado [306], verificamos que em “*O Pedro vai ler “Os Maias”*” não há ainda construção do acontecimento no momento da enunciação, T_0 . Esse acontecimento será construído externamente e mais tarde. Em “*O Pedro está a ler um livro*”, existe um acontecimento em curso no momento da

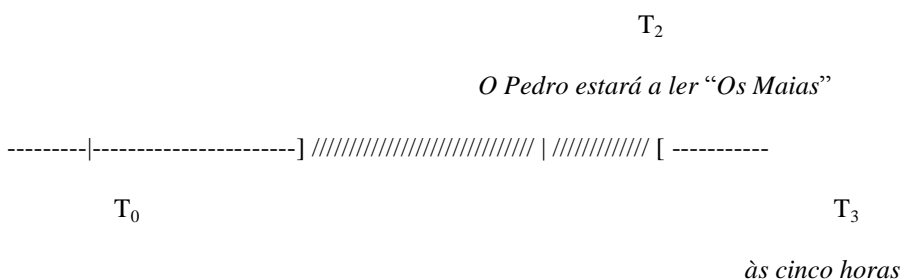
enunciação.

De seguida, podemos ver em [311] um exemplo de enunciado em que o valor temporal de posterioridade pode coocorrer com o valor aspectual de imperfectividade.

[311] O Pedro estará a ler “Os Maias” (às cinco horas).

Em [311] o predicado verbal ocorre no futuro progressivo perifrástico. O acontecimento linguístico é construído como posterior a T_0 (“*estará a ler “Os Maias”*”), e como estando em curso em T_3 (“*às cinco horas*”). Assim, T_0 é o

localizador temporal e T_3 é o localizador aspectual. T_0 fica situado exteriormente em relação ao acontecimento linguístico da relação predicativa, mas T_3 constitui um dos seus instantes.



Esquemmatizando: $T_2 = T_3 > T_0$ - valor temporal de posterioridade

$\langle r \rangle T_2 \subseteq T_3$ - valor aspectual imperfectivo

Acabámos de analisar enunciados cujo valor referencial aspectual e temporal depende essencialmente do tempo gramatical do predicado. Mas, para além do tempo gramatical do predicado, para a construção do valor aspectual de um enunciado interagem igualmente, entre outros, a natureza aspectual da relação predicativa, o adverbial aspectual que especifica a localização temporal e/ou a duração de T_2 e ainda outros elementos nominais ou adverbiais. A natureza aspectual de uma situação, qualquer que ela seja, é assim, representada através da totalidade da relação predicativa, para a qual concorrem os predicados⁷⁵, os adverbiais aspectuais, os argumentos nominais que têm um valor de quantificação determinado e quaisquer outros elementos que possam ter um valor aspectual. Deste modo, a a determinação do valor aspectual do enunciado passa pela determinação da classe aspectual da relação predicativa que envolve todos os elementos que acabo de referir.

⁷⁵ Diferentes contextos linguísticos podem determinar a integração de um mesmo predicado verbal em diferentes classes aspectuais.

16.1. Valores referenciais relacionados com a determinação nominal

A quantificação do argumento nominal interno do verbo, que desempenha a função sintáctica de objecto directo, pode ser pertinente para a determinação da classe aspectual de um predicado. Há uma forte interdependência entre o aspecto e os valores de determinação nominal. Observemos os enunciados nos exemplos [312] e [313].

[312] O Francisco escreveu uma carta.

[313] O Francisco escreveu cartas toda a noite. / O Francisco escreveu toda a noite.

A diferença entre o argumento “*uma carta*” em [312] e o argumento “*cartas*” em [313] é responsável pela distinção entre um evento prolongado e uma actividade. No caso de [313], se a relação predicativa <*escrever, o Francisco, cartas*> é validada para o intervalo I, é também validada para qualquer subintervalo de I. Isto não se verifica no caso de [312].

Igualmente pertinente para a determinação do valor aspectual do enunciado é a quantificação do argumento do verbo que desempenha a função sintáctica de sujeito, em combinação com adverbiais de referência aspectual. Tenhamos em conta os exemplos de [314] a [317].

[314] O soldado chegou às duas horas.

[315] *O soldado chegou durante duas horas.

[316] Os soldados chegaram às duas horas.

[317] Os soldados chegaram durante duas horas.

Tanto em [314] como em [316], o adverbial pontual “*às duas horas*” combina-se com o valor aspectual do verbo “*chegar*” (evento instantâneo) dando origem a uma frase semanticamente bem formada. Aqui o sujeito sintáctico não põe obstáculos à boa formação das frases. Em [315], a incompatibilidade entre o adverbial durativo “*durante duas horas*”, o predicado eventivo “*chegar*” e o sujeito “*o soldado*” resulta numa frase semanticamente mal formada. No entanto, em [317], sendo o sujeito sintáctico um nome plural, a sequência é bem formada. Semanticamente o predicado pontual “*chegar*” pode combinar-se com o adverbial durativo “*durante duas horas*” desde o momento em que o sujeito seja plural (um soldado não pode chegar durante duas horas, mas vários soldados podem, um de cada vez ou pelo menos, não todos ao mesmo tempo) - interpretação distributiva do plural.

Vejamos ainda um pormenor curioso através dos contrastes entre as sequências acabadas de apresentar e as sequências representadas em [318], [319] e [320].

[318] Chegaram soldados/dois soldados/*os soldados durante duas horas.

[319] Chegaram soldados/dois soldados/os soldados às duas horas.

[320] Chegaram soldados/dois soldados/*os soldados toda a noite.

Tendo em conta [318], [319] e [320], podemos considerar que para além do número (singular ou plural) do argumento nominal, a definitude do determinante joga também um papel relevante na determinação do valor semântico das frases. Com um sujeito plural indefinido, i.e., sem determinante (responsável pela interpretação distributiva), as sequências apresentam-se bem formadas quer com o adverbial durativo, quer com o adverbial pontual, quer ainda com o adverbial adjunto SN “*toda a noite*”, que exerce igualmente um valor adverbial. Com o adverbial durativo, esta interpretação permite a construção de um número indefinido de eventos instantâneos que se

vão sucedendo, homoganeamente, ao longo de “*duas horas*”. Com o adverbial pontual, a interpretação é simples: “*às duas horas*” chegaram no mínimo dois soldados, mais tarde poderão chegar mais ou não.

Na construção linguística dos enunciados ou das relações predicativas pode existir uma **recategorização** de uma situação noutra situação através da manipulação dos vários elementos concorrentes à atribuição de valor aspectual. Se compararmos o enunciado exemplificado em [321] com o enunciado exemplificado em [322], podemos asserir que o predicado “*cortar*” foi sujeito a um processo de recategorização que resultou na passagem de um evento prolongado, a uma actividade⁷⁶. Esta recategorização é determinada pelo adverbial durativo:

[321] A Luisa *cortou o vestido* em 20 minutos.

{evento prolongado}

[322] A Luisa *cortou vestidos* (durante) toda a tarde.

{actividade}

Podemos afirmar que se o sintagma verbal for constituído por um verbo e por um complemento argumento interno, esse argumento pode condicionar a natureza aspectual da relação predicativa. A determinação nominal é, assim, um dos aspectos a ter em conta no estudo dos valores aspectuais dos enunciados.

16.2. Valores referenciais dos enunciados com elementos preposicionais

Pode referir-se aqui casos em que elementos de natureza preposicional podem ser pertinentes para o valor aspectual do enunciado. Tenhamos em conta os exemplos [323], [324], [325] e [326], que apresentam evidência em relação ao que se acaba de referir.

⁷⁶ Da mesma forma o predicado “*comer*” pode assumir valores diferentes em sequências diferentes. De acordo com o contexto, algumas sequências podem integrar-se ou na classe dos eventos prolongados ou na classe das actividades. Podemos também apontar alguns casos de recategorização do predicado “*comer*” que resultam do tipo de objecto directo e do tipo de adverbial que o pode acompanhar. Em “*a Emília comem os bolos*” o predicado “*comer*” seguido do SN definido “*os bolos*” resulta num evento prolongado. Em “*a Emília comem bolos*” o uso do predicado seguido de um SN indefinido resulta numa actividade. A combinação de “*comer*” com um SN definido e com um adverbial de realização do tipo “*em cinco minutos*” resulta num evento prolongado como em “*a Emília comem os bolos em cinco minutos*”. Por outro lado, a combinação de “*comer*” com um SN indefinido e com um adverbial durativo resulta numa actividade como em “*a Emília comem bolos durante cinco minutos*”. “*A Emília comem bolos *em cinco minutos*” é mal formado devido à incompatibilidade de uma actividade com o adverbial de realização “*em cinco minutos*”, enquanto que “*A Emília comem os bolos *durante cinco minutos*” é mal formado devido à incompatibilidade de um evento prolongado com um adverbial durativo.

- [323] O Luis tem comido *um bolo.
- [324] O Luis tem comido bolos.
- [325] O Luis tem comido um bolo por dia.
- [326] O Luis tem comido bolos *por dia.

Estes exemplos revelam que a ocorrência do elemento preposicional que determina um valor frequencial provoca uma inversão na aceitabilidade das sequências neles apresentadas, em que o valor temporal-aspectual é o do pretérito perfeito composto. O pretérito perfeito composto (PPC) marca, nestas sequências, um valor iterativo. Se [323] não é aceitável, é porque o valor iterativo marcado pelo PPC é incompatível com o valor não-partitivo do argumento nominal “*um bolo*”. Com a forma plural, que tem uma interpretação distributiva, já existe compatibilidade com a forma do PPC, resultando numa sequência bem formada semanticamente. A concorrência do elemento “*por dia*” faz com que exista necessidade de ocorrência de um argumento bem definido, acompanhado de um determinante quantificador que expresse a quantidade, em termos numéricos, do “*consumo diário de bolos do Luis*”.

16.3. Valores referenciais dos enunciados com adverbiais

A referência temporal-aspectual que é marcada basicamente nos morfemas de flexão verbal, pode ser especificada noutros tipos de marcadores linguísticos tal como os adverbiais referenciais⁷⁷. Existem dois tipos fundamentais de adverbiais que especificam a referência temporal-aspectual: os adverbiais temporais e os adverbiais aspectuais⁷⁸.

16.3.1. Adverbiais de referência temporal

Os adverbiais temporais são marcadores da localização temporal da relação predicativa em relação ao parâmetro temporal da enunciação ou a qualquer outro parâmetro temporal. Por um lado, especificam a referência marcada na flexão verbal; por outro lado, na estruturação sintáctica do enunciado, estão em posição de adjunção ao sintagma verbal, tal como os restantes adverbiais. Os adverbiais temporais podem dividir-se em vários tipos. Por exemplo, no enunciado exemplificado em [327], “*das duas às quatro*” é um adverbial temporal durativo. Qualquer adverbial temporal durativo pode exemplificar a propriedade de subintervalo. No intervalo fechado entendido entre as duas e as quatro horas da tarde, a Emília esteve sempre em casa. Isto significa que, por exemplo, no intervalo entendido entre “*as duas horas da tarde*” e “*as três horas da tarde*” a Emília esteve em casa.

⁷⁷ Em português os adverbiais são muito importantes na determinação dos valores aspectuais. Há línguas, no entanto, em que o aspecto é marcado na própria morfologia. Por exemplo em russo os verbos têm duas formas, uma para quando o valor construído é perfectivo e outra para quando o valor construído é imperfectivo. A classificação dos diferentes tipos de adverbiais em português é apresentada detalhadamente em Campos & Xavier (1991:307-312).

⁷⁸ Alguns adverbiais permitam fazer quer uma localização temporal, quer uma localização aspectual. Por exemplo, o adverbial durativo em “*os alunos trabalharam durante todo o dia*”, “*todo o dia*” refere-se ao mesmo dia do tempo da enunciação e a actividade realizada pelos “*alunos*” foi homogénea durante todo o dia.

[327] A Emília *esteve em casa* das duas às quatro da tarde.

Existem alguns advérbiais cujo valor referencial depende do valor temporal marcado no morfema da flexão verbal. Vejamos os exemplos [328] e [329]:

[328]a. Em Outubro *fui* a Paris.

b. Em Outubro *vou* a Paris.

[329]a. *Estive* a trabalhar até às cinco horas.

b. *Estarei* a trabalhar até às cinco horas.

Os advérbiais “*em Outubro*” e “*até às cinco horas*” são interpretados como tendo um valor referencial de anterioridade ou de posterioridade em relação a um localizador (T_0) consoante coocorrem, na sequência linguística, com o pretérito perfeito ou com o presente ou futuro. Em [328]a. e [329]a. o advérbial tem um valor referencial de anterioridade ao coocorrer com o pretérito perfeito simples; em [328]b. e [329]b. tem um valor referencial de posterioridade ao coocorrer com o presente e com o futuro respectivamente.

16.3.2. Advérbiais de referência aspectual

Os advérbiais aspectuais especificam a estruturação do acontecimento linguístico no interior de T_2 , normalmente independentemente de qualquer localização temporal, ou seja, sem marcar qualquer valor de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade em relação a um localizador⁷⁹.

Os advérbiais que nos interessa aqui analisar são os advérbiais aspectuais do tipo “*em dez minutos*” (advérbiais de realização ou de completamento) e advérbiais do tipo “*durante duas horas*” (advérbiais durativos)⁸⁰, etc. O advérbial “*em dez minutos*” especifica a dimensão da sequência de instantes que decorre desde o início do acontecimento até à sua realização ou passagem do limiar semântico que faz parte da definição do predicado e a partir do qual se entra no estado resultante correspondente. É, assim, usado com predicados eventivos, que exprimem situações heterogêneas. O advérbial “*durante duas horas*” especifica uma sequência de instantes em que ocorre um acontecimento linguístico, mas em que não há construção de qualquer limiar semântico. O acontecimento é construído como uma situação homogênea. Analisemos alguns enunciados em que ocorrem advérbiais aspectuais para podermos verificar que tipo de contributos é que estes advérbiais podem trazer para o estudo das diferentes situações. Começemos por contrastar os enunciados representados em [330] e [331].

[330] O Pedro *leu o livro* em duas horas.

⁷⁹ Existem, porém, alguns advérbiais que são simultaneamente de localização temporal e de localização aspectual. Por exemplo “*durante todo o dia*” em “*no dia de Natal, choveu durante todo o dia*” localiza temporalmente o acontecimento. Simultaneamente, o advérbial estrutura o acontecimento como homogêneo no interior e ao longo de T_2 (em cada um dos pontos de T_2 , o acontecimento mantém as mesmas características).

⁸⁰ A relação dos predicados com outros tipos de advérbiais podem ser encontradas em Campos & Xavier (1991:322-327)

[331] *O Pedro *desmaiou em duas horas*.

A relação predicativa em [330] é um evento prolongado e em [331] é um evento instantâneo. Os eventos prolongados têm a possibilidade de ocorrência com adverbiais de realização. Em [330], o valor é perfectivo, dado que o tempo gramatical que representa o enunciado é o pretérito perfeito e a coocorrência com o adverbial de realização “*em duas horas*” dá-lhe um valor completo. Depois de duas horas a leitura do livro está terminada. Como resultado, temos que “*o livro está lido*” ou “*está acabado de ler*”. Em [331], a coocorrência do evento instantâneo com o adverbial de realização resulta numa sequência mal formada. Os adverbiais de realização exprimem um período de tempo, não nulo, associado à realização integral de uma situação. Ora o evento instantâneo representa apenas a passagem de uma situação a outra situação. O adverbial de realização é representável por um intervalo fechado, ao passo que o evento instantâneo é representado pela passagem de uma fronteira sem dimensão, isto é, por um intervalo pontual. Há, portanto, incompatibilidade entre os dois tipos de intervalo. Podemos, porém apresentar enunciados que funcionam como contra-exemplos ao que se acaba de dizer. Vejamos, no entanto, [332] e [333].

[332] O Pedro *chegou em dez horas*.

[333] O Pedro *adormeceu em dez minutos*.

Nestes dois casos, os eventos instantâneos representados por “*chegar*” e “*adormecer*” coocorrem com os adverbiais de realização, sem afectar a boa formação semântica. Os acontecimentos linguísticos construídos incluem implicitamente uma sucessão de outros acontecimentos. No caso de [332], a “*partida*” (primeiro acontecimento da sucessão), o “*caminho*” (o ou um dos acontecimento(s) intermédio(s) da sucessão) e a “*chegada*” (último acontecimento da sucessão). No caso de [333], o “*deitar-se*”, o “*compor-se ou voltar-se na cama*” e o “*adormecer*”. Nestes dois enunciados a sequência de instantes que corresponde ao adverbial de realização “*em dez minutos*” associa-se à totalidade dos acontecimentos que se sucedem e não apenas ao último, ao contrário do que geralmente se considera em tipos de predicados verbais que exprimem eventos instantâneos (“*o Pedro chegou*”, “*o Pedro adormeceu*”). A possibilidade de coocorrência com adverbiais de realização parece aproximar alguns predicados que exprimem eventos instantâneos e predicados que exprimem eventos prolongados como por exemplo no enunciado “*A Ana leu a história em dez minutos*”.

Nos estados e nas actividades não existe qualquer limiar semântico, ou seja, todos os pontos são qualitativamente iguais. Assim, os predicados que exprimem situações homogéneas tal como os estados e as actividades, são normalmente incompatíveis com os adverbiais de realização, como podemos observar através de [334] e de [335]:

[334] * O Luis *esteve em casa em dez minutos*.

[335] * A Alexandra *nadou em dez minutos*.

Para que [335] se torne semanticamente gramatical pode introduzir-se uma delimitação da actividade. Neste caso, há recategorização de uma actividade num evento prolongado (cf. [336]). Aqui é construída uma situação atética.

[336] A Alexandra *nadou até à margem em dez minutos*.

A ocorrência de um argumento nominal do tipo “*toda a tarde*” a seguir ao predicado “*nadar*”, com valor de adverbial durativo, resulta na construção de uma situação télica, com um limiar semântico interno, como em “A Alexandra *nadou toda a tarde*”.

Vejam, agora, as sequências ilustradas em [337] e [338], em que há coocorrência dos predicados verbais com adverbiais durativos:

[337] * A Alexandra *desmaiou durante toda a tarde / durante vinte minutos*.

[338] * O Pedro *almoçou durante toda a tarde / durante vinte minutos*.

Nos exemplos [337] e [338] temos sequências cujos predicados são eventos. Em [337], o predicado é um evento instantâneo e em [338], o predicado é um evento prolongado. Através destas sequências podemos verificar que os predicados que exprimem eventos são normalmente incompatíveis com adverbiais durativos. Os eventos são heterogêneos e implicam uma mudança semântica, daí a má formação semântica das frases. As sequências apresentadas em [339] e [340] são casos de exceção:

[339] O Pedro *leu o livro durante duas horas* (mas depois parou para ir jantar).

[340] A neve/a chuva/o granizo *caiu durante duas horas*.

Em [339] o valor é imperfectivo, devido à presença do adverbial durativo “*durante duas horas*”, que marca a duração da leitura, mas não a sua conclusão (a leitura do livro não está terminada). Como resultado, temos que “*o livro não está lido*”, mas apenas parte do livro. Este é um dos casos particulares em que a relação predicativa resultante da combinação de um evento prolongado com um adverbial durativo dá origem a uma frase com sentido. Isto significa que o acontecimento foi construído como uma situação homogênea. Em todos os pontos do intervalo que representa “*durante duas horas*”, o acontecimento foi sempre o mesmo “*a leitura do livro*”. Os eventos prolongados, em casos esporádicos, apresentam a possibilidade de ocorrência com adverbiais durativos. Em [340] a natureza do sujeito sintáctico determina que o predicado neste caso seja [-télico] e o enunciado seja imperfectivo. Normalmente a coocorrência de um adverbial durativo com um evento instantâneo não é possível, como pudemos verificar através de [337] e de [338].

Podemos então afirmar que é necessário a existência de um traço de natureza aspectual que permita “*a Alexandra dormiu durante toda a tarde*” mas que não permita “*a Alexandra desmaiou durante toda a tarde*”. Este traço está incluído na natureza do predicado verbal. Os adverbiais durativos podem apenas ocorrer em situações construídas como homogêneas no decurso do tempo T_2 , com predicados do tipo “*estar doente*”, “*estar em casa*”, “*correr*”, “*dormir*”, como representado de [341] a [344].

[341] O Francisco esteve *em casa* durante uma semana.

[342] A Ana esteve *doente* durante dois dias.

[343] A Catarina *correu* durante vinte minutos.

[344] O Pedro *dormiu* durante toda a tarde.

Podemos concluir que a incompatibilidade com certos advérbios e a compatibilidade com outros advérbios define o tipo de predicado ou da relação predicativa. Portanto, para a definição do tipo de predicado ou da relação predicativa concorrem os advérbios que com ele surgem dentro do mesmo enunciado.

16.3.2.1. Advérbios frequentiais temporais de referência aspectual

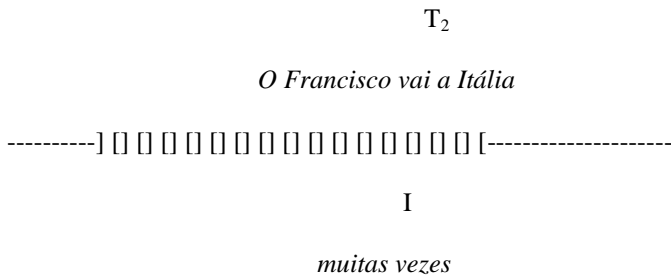
Nos exemplos apresentados até ao momento há construção de um acontecimento linguístico único, determinado temporalmente, quer seja ou não localizado em relação a Sit₀. Por vezes, porém, o enunciado marca a construção

de uma classe não finita de acontecimentos. Vejamos [345] e [346]:

[345] O Francisco *vai* a Itália muitas vezes.

[346] A Alexandra *toca* piano todos os dias.

Tanto em [345] como em [346], podemos verificar que a relação predicativa é marcada com a combinação do presente linguístico com os predicados verbais e a sua coocorrência com **advérbios frequentiais de tempo** como “*muitas vezes*” e “*todos os dias*”. A quantificação da relação predicativa corresponde à construção de uma classe de acontecimentos que se repetem um número não determinado de vezes. Por outras palavras, o enunciado tem um **valor habitual** ou iterativo. O valor habitual pode ser visto como uma propriedade que o enunciador constrói como válida em Sit₀. O tempo T₀ da enunciação é um dos instantes da sequência T₂ associada ao acontecimento linguístico. Do ponto de vista aspectual, o valor é, portanto, imperfectivo.

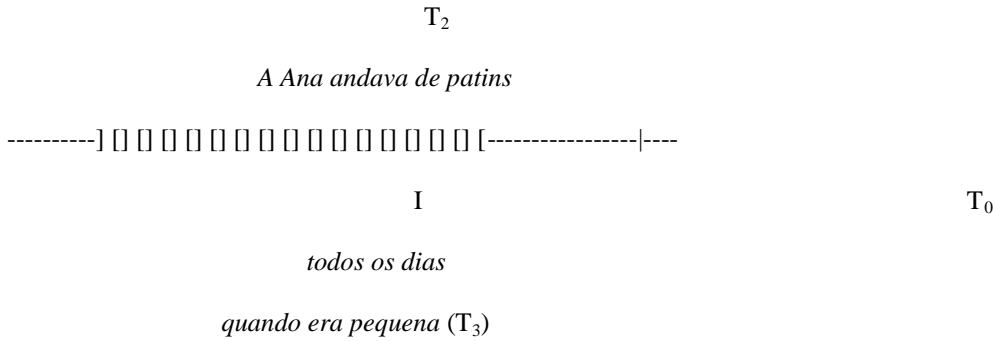


Esquemmatizando: $T_2 \not\subseteq T_0$ - neste caso não há localização em relação a T_0

Se combinarmos o tempo gramatical pretérito imperfeito com o predicado verbal, temos igualmente um valor habitual, mas desta vez, este valor é construído num tempo anterior a Sit_0 (cf. [347] e [348]).

[347] Quando era pequena, a Ana *andava* de patins todos os dias.

[348] Quando tinha tempo, o Francisco *lia* o jornal muitas vezes.



Esquemmatizando: $T_2 = T_3 < T_0$ - valor temporal de anterioridade

<ι> $T_2 \subseteq T_0$ - valor aspectual imperfectivo, iterativo, habitual

Os adverbiais frequentiais do tipo “*muitas vezes*” ou “*todos os dias*” não marcam valor temporal mas basicamente valor aspectual.

16.4. Valores referenciais dos enunciados com participios passados

O objectivo deste capítulo é o de analisar enunciados em que ocorre o participio passado e ver qual a contribuição deste para os valores temporais-aspectuais. Já tivemos oportunidade de analisar a ocorrência do participio passado em enunciados com valor resultativo e em enunciados do PPC em simultaneidade com um elemento de natureza preposicional. Vejamos outros valores diferentes do participio passado:

[349] Chegada a Catarina, fizemos uma grande festa surpresa.

[350] O Francisco tem estado doente.

- [351] A Ana tem ido à praia.
- [352] O bolo foi comido.
- [353] O bolo está comido.
- [354] O Luis foi atropelado.
- [355] Os impostos foram cobrados indevidamente.

Em [349], temos uma construção participial absoluta formada a partir de um verbo inacusativo. Não existe nesta construção nenhuma relação temporal, mas podemos afirmar que o valor aspectual é perfectivo. O valor temporal é atribuído pelo valor de predicado da frase principal. Em [350], temos um enunciado que contém um tempo composto. O valor aspectual deste enunciado é durativo de continuidade. Este valor é apresentado pelo predicado “*estar doente*” e pelo tempo gramatical PPC. Em [351], temos, tal como em [350], um enunciado que contém um tempo composto. Neste enunciado o valor é, no entanto, iterativo, marcado pela combinação de um verbo não estativo (“*ir*”) com o PPC⁸¹. Os restantes enunciados apresentam valores perfectivos característicos da passiva e da construção resultativa.

16.4.1. Tempos compostos: ter + participio pasado

Exemplos de diferentes línguas românicas e também do inglês revelam que o participio passado é usado para expressar tempos gramaticais diferentes. Em português, o seu papel é especialmente importante na expressão dos tempos compostos. Os tempos compostos são constituídos por uma forma do verbo “*ter*” seguida do participio passado. Podemos sumarizar os tempos compostos do português através do seguinte quadro:

⁸¹ Relativamente aos valores do PPC veja-se Campos (1984:26-49).

<p>MODO INDICATIVO:</p> <p>Pretérito Perfeito Composto (PPC)</p> <p>Pretérito Mais que Perfeito Composto</p> <p>Futuro Composto ou Perfeito</p> <p>Condicional Composto</p>	<p>EXEMPLOS:</p> <p><i>Ela <u>tem trabalhado</u>.</i></p> <p><i>O coro <u>tinha actuado</u> melhor do que nunca.</i></p> <p><i>A Ana <u>terá feito</u> todos os trabalhos.</i></p> <p><i>Os actores <u>teriam trabalhado</u> imenso.</i></p>
<p>MODO CONJUNTIVO:</p> <p>Pretérito Perfeito</p> <p>Pretérito Mais que Perfeito</p> <p>Futuro Composto ou Perfeito</p>	<p>EXEMPLOS:</p> <p><i>Espero que <u>tenhas tido</u> sucesso.</i></p> <p><i>Desejo que <u>tivessem feito</u> boa viagem.</i></p> <p><i>Quando <u>tiver terminado</u>, sairemos.</i></p>
<p>INFINITIVO:</p> <p>Infinitivo Pessoal Composto</p> <p>Infinitivo Impessoal</p>	<p>EXEMPLOS:</p> <p><i>Depois de <u>terem estudado</u>, podem brincar.</i></p> <p><i>Ele deve <u>ter saído</u>.</i></p>
<p>GERÚNDIO:</p>	<p>EXEMPLOS:</p> <p><i><u>Tendo chegado atrasado</u>, o João perdeu o comboio.</i></p>

16.4.1.1. Valores referenciais dos enunciados com tempos compostos

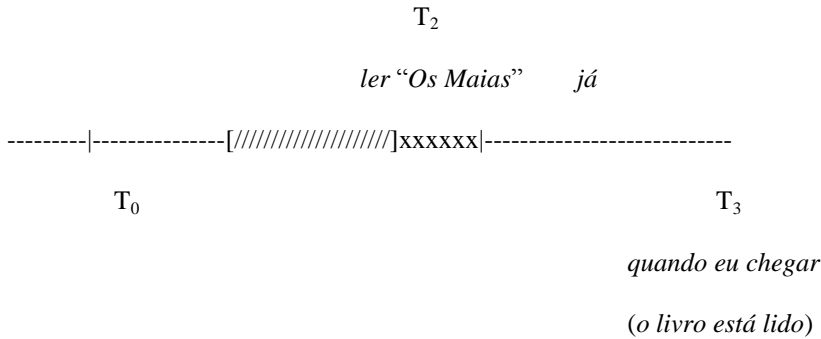
Este ponto destina-se à representação de valores de alguns enunciados de tempos compostos. Por exemplo, no enunciado de [356] em que está representado o futuro composto ou perfectivo, o valor temporal de posterioridade coocorre com o valor aspectual de perfectividade.

[356] O Pedro (já) *terá lido* “Os Maias” (em Abril).

Neste enunciado, o valor temporal do acontecimento linguístico é construído como posterior a T_0 (“*um livro ainda não está lido*” em T_0) mas anterior a T_3 (“*em Abril o Pedro já terá lido o livro*”). Estamos perante uma forma do futuro perfeito ou anterior. O parâmetro temporal do acontecimento T_2 da relação predicativa “*ler o livro*” está situado entre o tempo da enunciação e T_3 . T_0 é anterior a T_2 . T_3 é definitivamente exterior e posterior ao acontecimento da relação predicativa e, como tal, não corresponde a nenhum dos instantes de T_2 .

posterior a T₀ mas anterior a T₃. Embora o adverbial do enunciado de [358] seja diferente do adverbial do enunciado de [356], a representação é a mesma.

[356] O Pedro *já terá lido* “Os Maias” (quando eu chegar).

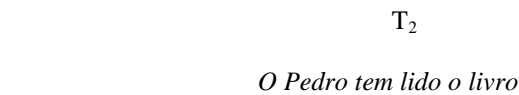


Esquemmatizando: T₂ > T₀ - valor temporal de posterioridade

Por último, vejamos mais um exemplo de um enunciado em que ocorre o participípio passado na formação do pretérito perfeito composto.

[359] O Pedro *tem lido* o livro.

Em [359], o tempo T₂ do acontecimento linguístico é representado por um intervalo aberto I, que contém T₀ como um dos seus pontos, sendo T₀ o localizador temporal e aspectual. O tempo T₂ corresponde, não a um acontecimento linguístico único, mas a uma classe de ocorrências de um mesmo acontecimento linguístico que se sucedem um número indefinido de vezes. T₂ é também representado por um intervalo aberto I, mas este intervalo contém uma sucessão, ou seja, uma **iteração** de intervalos fechados, cada um dos quais corresponde a uma das ocorrências do acontecimento. O enunciado tem portanto um valor iterativo⁸³, como o demonstra o seguinte diagrama:



⁸³ O valor iterativo expresso pelo PPC pode ser designado como recursivo. Em enunciados como “*temos discutido o assunto*”, “*ela tem-lhe telefonado todos os dias*” e “*ele tem lido os livros que lhe foram oferecidos*” temos a ocorrência de um acontecimento ou conjunto de acontecimentos que é visto(s) como recursivo(s).

-----] □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ [-----

I

T₀

Esquematisando: T₂ < ou = T₀ - valor temporal de anterioridade que vai até ao presente e pode ou não continuar

<r> T₂ ⊆ T₀ - valor aspectual progressivo, iterativo, habitual

Assim, resumindo, se o predicado verbal que se combina com o PPC pertence à classe aspectual dos estativos, o enunciado corresponde à construção de um acontecimento único com valor de continuidade, como em “o João tem estado doente”⁸⁴. Se o predicado verbal pertence à classe dos não-estativos, o valor aspectual é de iteratividade, correspondente a uma classe não finita de acontecimentos linguísticos, como no enunciado “o João tem ido à praia”.

O PPC é compatível somente com adverbiais temporais-aspectuais marcadores de classes não finitas de instantes que contêm o tempo de enunciação, e que são representáveis por intervalos abertos. Daí a incompatibilidade entre o PPC e os adverbiais que marcam classes delimitadas de instantes e que são representáveis por intervalos fechados, como nas sequências “*o João tem estado doente ontem” e “*o João tem ido à praia cinco vezes”.

17. Resumo

A partir do desenvolvimento para o português da teoria de Culioli, utilizou-se o termo “*situação*” como hiperónimo dos diferentes tipos de classes aspectuais. Uma das conclusões aponta que o valor aspectual de um situação só pode ser estabelecido pela integração progressiva de todos os constituintes que participam na sua definição.

Assim, para o valor referencial de um enunciado concorrem, de forma interdependente, os valores referenciais dos seus diferentes constituintes. Um número de restrições de coocorrência entre estes constituintes está na origem da boa-formação do enunciado. Muitas das sequências são bem-formadas (gramaticais) ou mal-formadas (agramaticais) dependendo de compatibilidades ou incompatibilidades de natureza aspectual. Certas sequências mal formadas resultam da incompatibilidade entre a relação predicativa localizada e o adverbial aspectual, outras resultam ainda da incompatibilidade com o elemento nominal. Quer a determinação nominal dos argumentos, quer a determinação marcada pela adjunção de quantificadores temporais ou não-temporais, quer ainda alguns argumentos nominais podem dar origem a fenómenos de recategorização de uma situação noutra situação.

Destaca-se, nesta parte da tese, a contribuição da teoria culioliana para o estudo dos participios passados, destacam-se obviamente as construções em que o participio passado contribui para a formação de valores temporais-aspectuais num enunciado.

PARTE IV - APRESENTAÇÃO EMPÍRICA: ANÁLISE DE UM CORPUS 113

18. PORQUÊ CORPORA 113

⁸⁴ Se a sequência “O João tem estado doente” for marcado por um adverbial de frequência, o valor final do enunciado é iterativo, como podemos observar através do enunciado “o João tem estado doente *várias vezes*”.

18.1. <i>Linguística teórica versus linguística empírica</i>	113
18.2. <i>Técnicas introspectivas e técnicas descritivas</i>	114
19. DEFINIÇÃO DO CORPUS	115
19.1. <i>Método e definição de instâncias</i>	116
19.2. <i>Análise e anotação dos contextos</i>	117
19.2.1. Aspectos importantes na classificação de contextos	118
19.2.1.1. Uso de testes	118
19.2.1.2. Definição de parâmetros	119
20. EXAME GERAL DOS DADOS	120
21. RESUMO	122

PARTE IV - Apresentação empírica: análise de um corpus

O estudo da língua tem vindo a evoluir ao longo dos tempos e os objectivos dos linguistas de hoje são, sem dúvida, diferentes dos objectivos dos gramáticos tradicionais. A linguística moderna tenta aproximar-se cada vez mais não apenas da língua “cultura” mas de toda a realidade sócio-cultural que envolve e se expressa numa forma de comunicação que não favorece falantes. O objectivo actual dos linguistas não é o de tentar normalizar a forma de expressão dos mais privilegiados mas o de tentar descrever toda a amplitude da língua, a manifestação de uma capacidade que é comum a todos os indivíduos.

Por vezes as descrições e classificações apresentadas nas gramáticas normativas ou em certas teorias linguísticas mais modernas não reflectem toda a diversidade de usos reais da língua, que podem ser observados num corpus⁸⁵. Actualmente já se reconhece o corpus linguístico como uma fonte de grande interesse para a investigação, para a extracção de conhecimento linguístico e para a validação do rigor e acuidade da descrição linguística (Teubert, 1996: editorial iii).

O trabalho incluído nesta parte da tese tem a finalidade de apresentar resultados empíricos que pretendem completar o estudo do funcionamento dos participios passados em português europeu. Estes resultados são obtidos a partir da análise de um corpus e os objectivos, para além de uma mais vasta cobertura de contextos em que ocorre o participio passado, são os de valorizar os dados de observação, que são os dados reais de uma língua e, neste sentido, os corpora são uma importante fonte de informações sobre a gramática da língua.

O capítulo 18 trata da importância dos corpora em trabalhos de linguística. Neste capítulo compara-se ainda a linguística teórica e a linguística empírica, referindo-se as vantagens que um estudo empírico pode trazer a uma teoria linguística. No capítulo 19 descrevo o corpus que trabalhei, o método utilizado para a sua análise, os critérios utilizados para a anotação dos diferentes contextos e alguns aspectos pertinentes em relação à classificação de construções, nomeadamente a utilização de testes de desambiguação e a definição de parâmetros que terão um papel importante na identificação e classificação de instâncias. No capítulo 20 são apresentados alguns dados muitos gerais relativos ao corpus onde se dá relevo quer às construções mais frequentes, quer às mais raras. O capítulo 21 é um resumo da parte IV da tese.

18. Porquê corpora

A razão pela qual optei basear-me em corpora para o estudo das construções em que ocorre o participio passado em português deve-se ao facto de os dados extraídos de corpora constituírem fenómenos linguísticos reais e, por isso, permitirem fornecer evidência experimental do uso destas formas, que podem complementar os dados intuitivos apresentados por autores teóricos.

18.1. Linguística teórica versus linguística empírica

⁸⁵ “A corpus consists of texts or parts of texts [...] selected according to external criteria – their place in the sociocultural order, so that their linguistic characteristics are, initially at least, independent of the selection process” (Sinclair, 1995).

Podemos considerar duas formas opostas de “olhar” para a linguagem. Os linguistas empíricos estão interessados no fenómeno da linguagem, em registos de textos orais ou escritos. Da análise de citações individuais inferem generalizações que os conduzem à formulação de abstrações. As categorias que criam ajudam-nos a entender as diferenças: diferentes tipos de textos, oposições sintácticas, variações de estilo, tonalidades de significado, etc. O seu objectivo é o de recolher e modelizar o conhecimento linguístico necessário para que um texto seja compreensível. Os linguistas teóricos têm um objectivo diferente. Estes querem descobrir como funciona a linguagem. Como foi dito atrás, todos os seres humanos, em princípio, partilham esta faculdade e assim, todas as línguas, apesar das diferenças de superfície, têm muito em comum. Chomsky (1985) define aquilo que é comum como “*core*”, uma estrutura profunda universal que para ele e para os seus seguidores é uma realidade ontológica fornecida pelo órgão inato da linguagem. Pinker (1994:232) afirma que de acordo com Chomsky “a visiting Martian scientist would surely conclude that aside from their mutually unintelligible vocabularies, Earthlings speak a single language”⁸⁶. Não existem dúvidas de que a diversidade cultural deixa as suas marcas na superfície, mas de acordo com o ponto de vista chomskyano, uma vez que se compreenda o campo comum, é facilmente possível dar conta de tais variações superficiais.

A linguística teórica e a linguística empírica são pontos de vista complementares da linguagem. Necessitamos de ambos os métodos para entender melhor como é que a língua funciona em geral. De acordo com Teubert (1996: editorial vi), actualmente a linguística geral é, por vezes, uma linguística cognitiva, enquanto que o corpus linguístico é a face moderna da linguística empírica. Existe ainda pouca comunicação entre os dois paradigmas, embora existam alguns linguistas teóricos a trabalhar em corpora e alguns linguistas empíricos interessados em desenvolver uma interlíngua. Mas em geral, os linguistas empíricos e os linguistas teóricos estão ainda divididos por interesses antagónicos, o que impossibilita a criação de uma teoria integrada.

18.2. Técnicas introspectivas e técnicas descritivas

A selecção de frases para consideração na análise generativa é normalmente produzida por técnicas introspectivas. Nestas análises existe tipicamente um conjunto geralmente pequeno mas crucial de exemplos que é considerado como os dados a serem explicados. Apesar da estratégia de análise empregue na teoria dos princípios e parâmetros ter alguma beleza metodológica e gerar predições testáveis acerca de padrões de gramaticalidade, esta tem tido certas consequências menos felizes em termos de algumas descrições gramaticais e tem conduzido a uma visão restrita dos dados a serem considerados na análise linguística. A noção de que a variedade de dados da teoria é circunscrita de forma demasiado limitada advém do facto de que, mesmo que estívéssemos a chegar a uma formulação teórica precisa e que pudéssemos assumir que este conhecimento é acessível como parte da gramática universal, seria todavia inegável que, por exemplo, o aprendiz de uma língua ainda tenha muito que aprender acerca da natureza e distribuição dos fenómenos que se estudam.

Considero que o uso dos dados de um corpus pode ser visto como complementar aos dados baseados em intuições ou, como uma parte fundamental da construção de uma teoria. Assim, a análise num corpus da ocorrência dos participípios passados é contrastada na tese com estudos baseados na intuição. A análise destas formas em vários corpora revela uma variedade de padrões, que são analisados no âmbito de uma perspectiva baseada em esquemas da gramática. Os dados de corpus podem ser usados para guiar as investigações teóricas que dizem respeito à natureza da gramática. A beleza de uma análise baseada em dados de um corpus tem a ver com a possibilidade de dar conta de um vasto número de factos

⁸⁶ Alguns autores contestam a objectividade da linguística geral/cognitiva considerando que teorias generativas mais recentes como a dos princípios e parâmetros e a teoria minimalista focam-se na Gramática Universal como uma explicação para a aprendizagem da linguagem, deixando de parte a análise de muitas áreas da gramática e da larga amplitude da linguagem. Cook (1994:29) afirma: “principles and parameters theory makes proposals chiefly about these ‘core’ areas; it has little or nothing to say about ‘peripheral’ areas outside their scope. Hence much of the everyday grammar speakers use and need is beneath its notice”.

linguísticos em termos das interacções de alguns subsistemas da gramática. A justificação para esta perspectiva particular advém não apenas de um desejo de dar conta de uma variedade larga de frases, mas também do objectivo de elucidar a natureza da linguagem universal. Esta posição vem ao encontro da de Bacelar (1993:125) que defende que os resultados de uma análise descritiva extensiva de dados reais são determinantes para o progresso das teorias, para a elaboração de gramáticas descritivas mais adequadas, para a elaboração de dicionários mais informativos.

O estudo sistemático de corpora linguísticos, para além de ser de utilização prática, permite também apontar tendências do sistema gramatical, definidas em termos probabilísticos, de importância considerável para o estudo da língua em geral⁸⁷. Nesta tese os dados estatísticos não estão incluídos por duas razões principais. Uma das razões tem a ver com o facto de existirem muitas ambiguidades e muitas formas diferentes de classificar o mesmo contexto de acordo com factores sintácticos e/ou semânticos. Mas a razão de maior peso está relacionada com o facto de o corpus ser muito grande e o processo de anotar todas as instâncias ser extremamente longo. Para além disso, o mesmo tipo de construção pode repetir-se centenas de vezes, numa situação destas é desejável ter um programa automático ou semi-automático que facilite o trabalho e minimize o tempo de análise.

19. Definição do corpus

Os contextos de ocorrência do participio passado aqui analisados têm origem em textos escolares didácticos pertencentes ao “*Corpus de Referência do Português Contemporâneo*” (Bacelar, 1992)⁸⁸. O corpus inicial tinha a dimensão de cerca de um milhão e quinhentas mil palavras escritas, dividido em oito tipos de discurso: “didáctico”, “correspondência”, “político”, “jornalístico”, “literário”, “jurídico”, “textos técnico-científicos” e “folhetos informativos e publicitários”. Os objectivos primários de um corpus tão abrangente eram os de tentar recolher o maior número possível de tipos de construções em que ocorrem as formas de participio passado. No entanto, dado que o corpus era demasiado grande, foi importante limitá-lo a um tamanho maneável, mas ao mesmo tempo, escolher os textos que permitessem alcançar uma cobertura satisfatória do fenómeno linguístico. Por razões de ordem prática, a solução mais espontânea foi optar pela análise de um único discurso e a forma mais eficaz de apontar as diferentes ocorrências foi analisar em detalhe este tipo de discurso. Uma segunda razão tem a ver com o facto de considerar que o estudo profundo, bem estruturado de um tipo é mais significativo do que o estudo superficial de todos eles. Para além disto, creio, ainda, ser possível extrapolar para qualquer outro discurso as conclusões extraídas deste discurso, considerando primordial o funcionamento independente do participio passado na língua. Embora acredite que o factor tipo de discurso seja irrelevante e considere que o facto de os participios passados serem usados mais ou menos de maneira diferente em textos diferentes provém da função desses textos, algo que é ortogonal ao estudo do participio passado em si⁸⁹, sou de opinião de que seria interessante comparar, num estudo futuro, o discurso “didáctica” com os restantes tipos de discurso para ver se determinados contextos ocorrem em maior ou menor frequência num ou noutro tipo de discurso, para verificar se há algumas construções que apenas ocorrem num determinado tipo de discurso e não nos outros, e para comparar os tipos de verbos mais frequentes em cada discurso.

A escolha do discurso “didáctica” não foi feita aleatoriamente. Este tipo de discurso pareceu-me mais interessante na

⁸⁷ Os corpora revelam não apenas a variedade de padrões de uma língua mas também a sua frequência.

⁸⁸ O *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* é um projecto em desenvolvimento no *Centro de Linguística da Universidade de Lisboa* (CLUL). Pretende-se que o corpus seja representativo das variedades orais e escritas do português no século XX.

⁸⁹ Por exemplo, o imperativo é muito mais usado em textos de instruções ou manuais técnicos do que em romances literários. Porém, isto tem a ver com as propriedades dos textos em si e não com a forma verbal imperativo.

medida em que, dentro do homogéneo⁹⁰, permite formar um corpus suficientemente variado ao conter textos de várias áreas disciplinares. Uma busca dos participios passados numa colecção de textos de um total de cerca de 125.000 palavras resultou em 6.498 instâncias da palavra-chave da forma de participio passado regular e um total de cerca de 60.000 palavras resultou em 719 instâncias da forma de participio passado irregular.

19.1. Método e definição de instâncias

Através de um programa pertencente ao CLUL, foi possível extrair os contextos que contêm formas de participio passado. As terminações de participio passado mais comuns, i.e., as formas regulares (-ado, -ido, -ído e respectivas formas no feminino e no plural) foram as primeiras a serem recolhidas, integradas nos seus contextos. As formas de participio passado irregular foram recolhidas posteriormente pelo simples facto de necessitarem de regras morfológicas mais refinadas. O modo como os contextos foram definidos e ordenados foi o seguinte: palavra centrada seguida da sua referência numa linha central, com 3 linhas à esquerda e 3 linhas à direita. A ordenação da palavra pedida é à direita da palavra centrada, i.e., as palavras que seguem a palavra destacada na linha central são apresentadas alfabeticamente. Suponhamos que temos um conjunto de contextos com o participio passado "destinado". Uma ordenação à direita mostra-nos todos os contextos em que a palavra seguinte começa por "a", seguidamente dá-nos todos os contextos em que a palavra seguinte começa por "b", e assim sucessivamente até ao final do alfabeto (a pontuação também afecta a ordenação). Os contextos usados na tese para a exemplificação dos diversos tipos de construções, encontram-se normalmente reduzidos ao que é necessário.

Relativamente aos contextos, é relevante apontar que há formas que foram ignoradas e que nem sequer foram incluídas no número total de contextos. Isto tem a ver com a definição das regras para a procura. Independentemente de se tratar de um participio passado, figuravam nos resultados obtidos, todas as palavras que tinham as terminações apresentadas. Embora a grande maioria das formas obtidas tenha sido exactamente as de participios passados, ocorreram também alguns adjectivos puros (ex: "acastanhado", "ácido", "branco-acinzentado", "seco", etc.), nomes (ex: "aglomerado" (populacional), "camadas", "composto", "décadas", "deputados", "descobertas" (marítimas), "dúvida", "entrada", "escrita", "mestrado", "vida", etc.)⁹¹, determinantes (ex: "cada", etc.) e expressões não produtivas que se tornaram fixas com valor de conectores ou outros valores (ex: "dado (que)", "devido", "determinado", "(a) descoberto", etc.). Estas instâncias foram excluídas de toda a análise.

⁹⁰ A homogeneidade de um corpus tem vantagens e desvantagens. A maioria dos corpora são de origem mista. As diferenças na distribuição de tópicos entre corpora produzem diferenças em frequências de configurações estatisticamente significativas mas irrelevantes.

⁹¹ É razoavelmente produtiva a nominalização de participios passados adjectivais.

19.2. Análise e anotação dos contextos

Inicialmente comecei por anotar as construções de participio passado regular uma por uma. Apercebendo-me de que este processo se apresentava longo e penoso, e acrescentando o facto de o corpus ser de dimensão considerável, pareceu-me que uma mudança de estratégia se apresentaria mais eficaz. Assim, daí em diante, adoptei um método mais rápido e produtivo que consistiu em focalizar a minha atenção apenas nas construções que constituíam novidade em relação às que já tinha analisado anteriormente. Assim, por exemplo, em vez de anotar todas as ocorrências de participios passados com função predicativa que se repetem continuamente, anotei apenas as que se apresentaram diferentes, quer pelo uso de um auxiliar aspectual que ainda não tinha aparecido antes, quer por ocorrer com uma função diferente, quer por quaisquer outras razões.

A análise e anotação dos contextos consistiu no registo e descrição das construções sintácticas e dos valores semânticos de tempo e aspecto dos enunciados em que ocorreram as formas de participio passado. O método utilizado para a análise dos contextos passa por duas fases. Numa primeira fase organizei todos os textos e extraí apenas as construções novas de acordo com parâmetros definidos intuitivamente. Ao mesmo tempo rotulei-as manualmente com a informação adicional que me parecia mais adequada. Assim, a anotação consistiu no acréscimo de uma linha descrevendo a função sintáctico-semântica de cada frase, ou seja, os padrões gramaticais que circundam cada contexto (cf. [360]).

[360] Situada no estuário do Tejo, tem acolhido os maiores navios do mundo, [...]

Tot: 1 N°: 1 Ref: L0323P0151X

TEMPO COMPOSTO/PA+TER[PRES]+PP[-FLEX]+SN(obj)/ASP CONTINUO OU ITERATIVO

Os critérios utilizados permitiram separar grandes grupos, com afinidades facilmente observáveis e isolar as ocorrências de participio passado que acrescentam novidade em relação às descrições apresentadas até ao momento e que ocorrem em número mais limitado.

Cada tipo de construção foi colocado num ficheiro diferente, resultando num total de 7 ficheiros: um ficheiro para as passivas, um para as construções de tempo composto, um para as construções de estado resultante, um para as construções de participio absoluto, um para as construções atributivas, um para as construções predicativas e num último ficheiro coloquei todas as construções que não pertenciam a nenhuma destas categorias ou que eram extremamente ambíguas ou difíceis de classificar para serem submetidas a uma segunda fase de análise. A segunda revisão destes grupos não chegou a ser feita por falta de tempo. Um trabalho interessante a realizar futuramente seria rever ou reclassificar todos os tipos segundo os mesmos ou novos critérios.

Para o processo de anotação dos contextos foi importante recolher e organizar certo tipo de informação relevante. A construção de paradigmas sólidos dos diferentes tipos de construções de participio passado encontradas no corpus e a definição de uma tipologia rigorosa, coerente e uniforme deve passar pela formulação de testes para o tratamento de ambiguidades e pela procura de certos parâmetros de orientação. Tanto a elaboração de testes como a definição de parâmetros revelaram-se um método eficaz para a anotação e identificação das várias construções. A realização deste trabalho dependeu do tipo de informação que consegui encontrar e do processo de aprendizagem que fui obtendo com o progresso feito na análise dos contextos. Por vezes tornou-se tarefa difícil separar a influência de certos

parâmetros sobre outros, dado que eles ocorriam frequentemente nas mesmas frases e nem sempre foi possível discernir quais os parâmetros que influenciaram mais determinada construção.

19.2.1. Aspectos importantes na classificação de contextos

Há alguns aspectos que devem ser tidos em conta quando se tem como tarefa classificar centenas de contextos. Nem todos os contextos são fáceis de classificar. Um dos maiores problemas que aqui se coloca tem a ver com a ambiguidade. De facto, o maior entrave que se coloca na tarefa de classificação de contextos em diferentes grupos, tal como me foi dado verificar através do tratamento do corpus, foi o decidir se determinada construção devia fazer parte de um grupo ou de outro por ser ambígua entre uma ou outra interpretação. A ambiguidade de muitas formas de participio passado é semântica e sintáctica.

Certas ambiguidades têm a ver com a dificuldade de classificar determinada construção como atributiva ou predicativa⁹². No exemplo “*estas crateras abatidas transformam-se em lagos*”, “*abatidas*” ocorre numa construção atributiva, funciona como modificador do nome. Por outro lado, no exemplo “*aparece com a cratera abatida*”, “*abatida*” aparece numa construção predicativa. Em alguns casos é necessário que o contexto à direita seja suficientemente largo para se poder decidir se determinada forma é um adjectivo atributivo ou uma passiva sem auxiliar. Verifiquei que, nestes casos, como com a maior parte das ambiguidades, o contexto encarrega-se de seleccionar uma das funções.

É necessário estar também atento relativamente à classificação das construções de tempo composto, nomeadamente relativamente ao valor aspectual. Por exemplo, o valor básico do PPC é o aspecto contínuo ou iterativo, o valor progressivo advém-lhe do léxico que lhe está associado. De resto, na literatura sobre o aspecto, o aspecto progressivo está reservado, como vimos antes, à forma “*estar a*” + infinitivo. Assim, na construção “*as indústrias têm-se progressivamente afastado do centro*”, o advérbio desempenha um papel importante.

Outros problemas que se podem colocar têm a ver com a dificuldade de classificação dos verbos em termos de transitividade/intransitividade. Alguns verbos podem ser ambíguos relativamente ao estatuto transitivo/intransitivo. O sujeito numa oração com um uso transitivo de um destes verbos é um agente não afectado, enquanto que o sujeito numa oração intransitiva é um participante afectado pelo resultado da acção verbal. Estes verbos podem, às vezes, ser ambíguos entre um sentido transitivo activo e um sentido intransitivo passivo.

O estatuto verbal ou adjectival constituiu mais uma das dificuldades na classificação. Todos estes problemas foram já abordados de uma forma ou de outra, mais ou menos detalhadamente em diferentes secções da tese (principalmente nas partes I e II).

19.2.1.1. Uso de testes

Algumas dificuldades de identificação e classificação podem ser facilitadas através do uso de testes. Os testes consistem essencialmente na manipulação de frases. A manipulação controlada de dados apresenta-se como um método eficaz

⁹² Em português se tivermos a frase “*Quando cheguei vi o vidro partido*” é impossível decidir se estamos perante uma construção atributiva ou predicativa. Por exemplo, em inglês não há o problema de ambiguidade neste caso. Assim, “*broken*” na frase “*When I arrived, I saw the broken window*” tem função atributiva e na frase “*When I arrived I saw the window broken*” tem função predicativa.

e imprescindível para a anotação dos contextos. Por exemplo, para se distinguir uma construção de particípio passado de uma construção adjectival, recorre-se à manipulação. Os testes mais usados foram a manipulação de frases com os auxiliares “*ter*”, “*ser*”, “*estar*” e “*ficar*”. O auxiliar é importante na determinação do tipo de frase, activa ou passiva. As frases cujo particípio passado deriva de um verbo transitivo têm geralmente valor passivo (“*a roupa foi lavada*”, “*a roupa está lavada*”, “*a roupa ficou lavada*”). As frases cujo particípio passado deriva de um verbo intransitivo têm geralmente um valor activo (“*o Luis é viajado*”). O auxiliar “*ter*” contribui na generalidade para a construção de valores aspectuais quando é empregue nos tempos compostos (“*o Luis tem lido*”).

A manipulação com expressões adverbiais temporais e/ou aspectuais é também útil na distinção entre várias construções e desempenha um papel importante na identificação dos valores semânticos dos vários predicados. Assim, a identificação dos vários adverbiais facilita a caracterização temporal-aspectual. A ocorrência de adverbiais está relacionada com o tipo de auxiliar e obviamente depende do tipo de verbo que se encontra na forma de particípio passado.

19.2.1.2. Definição de parâmetros

Os parâmetros que se mostraram mais relevantes na análise dos vários contextos, ou na classificação dos diferentes tipos de construções não apresentam grande novidade, dado que já foram vistos nas três partes anteriores da tese, embora dispersamente. Para resumir, os parâmetros mais relevantes têm a ver com:

- o tipo lexical do verbo principal que dá origem à forma de particípio passado (transitivo, intransitivo, acusativo, inacusativo, etc.).
- o tipo de auxiliar temporal/aspectual (“*ser*”, “*estar*”, “*ficar*”, “*ter*”, “*haver*”, etc.). A presença de um ou outro auxiliar tem, em muitos casos, consequências sintácticas. Por exemplo, a concordância em género e número com o particípio passado está estritamente relacionada com o tipo de auxiliar presente na construção. Os auxiliares desempenham também um papel importante nas construções passivas, de tempo composto, de estado resultativo, etc.
- o contexto da construção e as funções sintácticas das construções em que ocorre o particípio passado.
- a natureza aspectual (*Aktionsart*) do verbo principal referido principalmente na parte III da tese.
- valores de tempo (anterioridade, simultaneidade, posterioridade) e aspecto (perfectividade, imperfectividade, etc.) dos enunciados. Para o aspecto os factores mais importantes prendem-se com o tipo lexical do verbo, com os tempos morfológicos das formas verbais, com a presença de adverbiais temporais e aspectuais e com o grau de definitude dos constituintes da frase.
- construções activas *versus* construções passivas. A passiva: com ou sem verbo auxiliar, no presente ou num tempo composto, com ou sem agente, com a presença ou não de um advérbio.
- a distinção entre particípios passados verbais e particípios passados adjectivais.
- o tempo composto (auxiliar “*ter*” + particípio passado)

20. Exame geral dos dados

Os resultados iniciais revelam a grande riqueza dos dados do corpus. A análise destes dados seria em si mesmo mais do que suficiente para uma outra tese. Limito-me a apresentar aqui apenas alguns resultados muito gerais.

A frequência dos dados é pertinente. É importante saber que padrões de uso são os mais comuns e interessante conhecer os menos significativos. Os padrões mais frequentes têm obviamente um efeito mais profundo tanto a um nível psicolinguístico quanto a nível sociolinguístico, enquanto que os padrões mais raros são menos influenciadores. Em estudos empíricos de maior envergadura, a frequência dos padrões ajuda a estabelecer os parâmetros do modelo da linguagem. Deste modo, a frequência do uso de ocorrências linguísticas tem um efeito directo na forma da gramática. Existe, por exemplo, uma interacção entre a frequência de uso e protótipos semânticos. O principal ponto aqui a referir é que um estudo baseado num corpus fornece exemplos de dados autênticos que revelam as formas de participípios passados e as construções que ocorrem mais frequentemente.

As instâncias de participípios passados regulares mais frequentes foram as dos verbos: “*aplicar*”, “*apresentar*”, “*associar*”, “*caracterizar*”, “*chamar*”, “*conhecer*”, “*considerar*”, “*constituir*”, “*definir*”, “*designar*”, “*elegar*”, “*estar*”, “*exercer*”, “*fechar*”, “*formar*”, “*fornecer*”, “*indicar*”, “*induzir*”, “*ligar*”, “*mergulhar*”, “*observar*”, “*obter*”, “*ocupar*”, “*ordenar*”, “*orientar*”, “*percorrer*”, “*produzir*”, “*provocar*”, “*realizar*”, “*reduzir*”, “*referir*”, “*representar*”, “*ser*”, “*situar*”, “*transformar*”, “*utilizar*”, “*verificar*”. As instâncias de participípios passados irregulares mais frequentes foram as dos verbos: “*corrigir*”, “*descobrir*”, “*dirigir*”, “*expressar*”, “*fazer*”, “*fixar*”, “*gastar*”, “*juntar*”, “*opor*”, “*secar*”, “*sujeitar*”, “*ver*”.

Os auxiliares mais frequentes foram “*ser*”, em primeiro lugar, seguido de “*estar*” e “*ter*”. “*Ficar*” ocorre também com muita frequência. No entanto, importa referir que a escolha do tipo de auxiliar cabe ao verbo do qual deriva a forma de participípio passado. Por exemplo, os participípios passados “*ido*”, “*sido*”, “*significado*” e “*verificado*” ocorrem essencialmente com o auxiliar “*ter*”, enquanto que o participípio passado “*visualizado*” ocorre essencialmente com o auxiliar “*ser*”. A maioria dos participípios passados podem ocorrer com mais do que um auxiliar. Por exemplo, “*subido*” pode ocorrer com os auxiliares “*ser*”, “*estar*”, “*ter*”, enquanto que “*tido*” pode ocorrer com os auxiliares “*ter*” e “*ser*”, mas não com “*estar*”.

Em relação aos tipos de construções, embora não tenha resultados estatísticos, os dados apontam que as construções predicativas são as mais frequentes. Estas incluem muitas das construções participiais absolutas e das construções passivas com auxiliar. Muitas das passivas sem auxiliar podem ser também classificadas como predicativas, embora muitas tenham, por outro lado, uma função atributiva. Em todo o caso, as construções mais comuns são as que têm sido vistas ao longo de toda a tese. Não existe até ao momento um quadro descritivo completo que possa ser usado como modelo da distribuição dos diferentes tipos de construções. No Apêndice B apresento três exemplos de quadros que não estão completos, mas que podem dar uma ideia do tipo de informação que seria importante recolher para a elaboração de uma tipologia abrangente das várias construções de participípio passado. O Apêndice C consiste numa lista de exemplos do tipo de construções mais comuns do corpus em que se usam os auxiliares mais frequentes. Nesta lista constam as construções passivas de “*ser*”, “*estar*” e “*ficar*”, predicativas com “*ser*” e “*estar*”, atributivas, de participípio absoluto, de tempo composto com “*ter*” e de estado resultante com “*ficar*”. Eis alguns extractos:

- líquido que **foi embebido**... - passiva
- a paz **esteve constantemente ameaçada**... - função predicativa adjectival - passiva.

- os espectáculos dos músicos e outros artistas populares **eram também muito apreciados...** - função predicativa adjectival - passiva
- visto que estas **são aplicadas** em vários aparelhos ópticos, ... - função predicativa - passiva
- com o **exército mal armado e desmoralizado...** - função predicativa adjectival
- em Atenas, **apoiados** pelo governo da cidade, ... - aposto - participio absoluto - passiva
- apesar de **ter aprendido** a dominar o solo, ... - função predicativa marcada pela forma de tempo composto
- embora a agulha magnetizada só **tenha aparecido** na Europa no século XIV, ... - função predicativa marcada pela forma de tempo composto
- embora **se tenham desenvolvido** algumas culturas... - função predicativa marcada pela forma de tempo composto
- que **ficou conhecido** como “o povoador”... - função predicativa - estado resultante

Exemplos das construções mais esporádicas podem ser vistas no Apêndice D. Destacam-se estas construções pela sua baixa frequência e por normalmente não existir qualquer tipo de referência nas gramáticas em relação a elas. Apenas a título de exemplo, pode apontar-se a existência de uma construção predicativa com o verbo “**tornar-se + pp**” como em “*torna-se acastanhada*” que exprime um estado resultante. Outro exemplo interessante e raro é o da passiva com “**ver-se + pp**” com em “*vêm-se abandonadas*”. “**Encontrar-se + pp**” como em “*encontram-se muito endurecidas*” tem uma função predicativa adjectival. O uso do auxiliar “**haver + pp**” como em “*os trabalhadores haviam já aderido a “greves selvagens”*” tem uma função de tempo composto. “**Deslocar-se + pp**” como em “*se te desloca apressado*” tem uma função predicativa.

Podem destacar-se as seguintes sequências com participios passados regulares: “*começar a ser absorvida*”, “*podem também ser absorvidos*”, “*torna-se acastanhada*”, “*passa a se acelerado*”, “*está a ser acelerado*”, “*precisam de ser adaptadas*”, “*diz-se adquirida*”, “*se mantivessem afastados*”, “*podemos considerá-los agrupados*”, “*deixa de ser amamentado*”, “*te debes ter apercebido*”, “*te desloca apressado*”, “*podem ficar armazenadas*”, “*traz assinalado*”, “*viria a ser chamada*”, “*parecendo ter chovido*”, “*aparece combinado*”, “*deve estar compreendida*”, “*devem poder ser comprovadas*”, “*arrisca-se a ficar condenada*”, “*tem de ser conduzida*”, “*vai ser conduzida*”, “*voltam a ser congelados*”, “*veio a ficar conhecida*”, “*devem ser considerados*”, “*necessita ser controlado*”, “*ter sido criado*”, “*permanece deitado*”, “*vêm desfocados*”, “*passam despercebidos*”, “*apresenta-se distorcida*”, “*pode estar dividido*”, “*merecem ser estudadas*”, “*encontram-se fechadas*”, “*viu-se forçado*”, “*podem deixar de ficar impressionados*”, “*vem indicado*”, “*continuar ligada*”, “*parece mergulhado*”, “*encontra-se representado*”.

Quanto aos participios passados irregulares apontam-se os seguintes tipos: “*mantém-se aberta*”, “*permanece acesa*”, “*continuou acesa*”, “*consideradas distintas*”, “*podem ser descritos*”, “*acaba de ser dito*”, “*trazem escrito*”, “*vem expressa*”, “*deve vir expresso*”, “*deve ser feita*”, “*tendo que ser feita*”, “*têm de ser feitas*”, “*vai ser gasta*”, “*se encontram mortos*”, “*tinha sido posto*”, “*mantém presos*”, “*parece ficar seco*”, “*parece seguro*”, “*podem continuar*”.

soltos”⁹³.

21. Resumo

O trabalho descrito nesta parte da tese constitui apenas um estudo preliminar de análise dos participípios passados em corpora. Os dados aqui apresentados são suficientes para fornecer pistas gerais sobre a distribuição dos participípios passados em português, mas muitos aspectos de interesse ficam por incluir e discutir. O maior desafio seria propor uma tipologia alargada e uma representação, sob a forma de quadros ou tabelas, dos resultados obtidos nas análises realizadas, por outras palavras, estabelecer um quadro geral representativo da descrição gramatical dos padrões que foram encontrados. Seria também interessante (a) verificar a distribuição dos participípios passados mais frequentes e verificar se existe algum padrão significativo no tipo de verbo principal e no tipo de construção, (b) fazer um levantamento das formas de participípio passado do corpus que não surgem nas gramáticas do português, (c) verificar qual a distribuição dos participípios passados regulares e irregulares e fazer um estudo comparativo para saber quais os mais usados neste ou naquele tipo de construção, com que auxiliares são mais usados (por exemplo, ver em que construções ocorre o participípio passado regular “*acendido*” e em que construções ocorre o participípio passado irregular “*aceso*”).

O corpus foi de grande utilidade na definição dos tipos de construção de participípio passado mais comuns e na exemplificação dessas mesmas construções com base em instâncias do uso da linguagem. A análise em corpus ajuda a ver os padrões por aquilo que eles são. Mas os padrões necessitam ser mais trabalhados para que se possam distinguir traços relevantes. Devo mais uma vez acentuar que os corpora fornecem certo tipo de informação que não é acessível via intuições, nomeadamente os dados básicos que dizem respeito à frequência, para além disso, um dos seus papéis será enriquecer os esquemas da teoria linguística geral. Foi com esta crença que fiz acompanhar durante toda a tese as perspectivas teóricas com os dados empíricos.

⁹³ Parece-me importante referir que, entre estes casos, “*dito*” e “*feito*” são formas de participípio passado irregular, as únicas que se usam hoje em português europeu para os verbos “*dizer*” e “*fazer*”. Por outro lado, “*posto*” também é a única forma de participípio passado do verbo “*pôr*” e, de que tenha conhecimento, nem sequer existiu nunca uma forma regular para este verbo.

CONCLUSÃO

Este último capítulo da tese pretende sumariar brevemente os pontos principais de investigação e as conclusões mais relevantes e discutir a forma como o trabalho aqui realizado pode ser usado para outros projectos.

A tese cobre uma vasta gama de assuntos importantes. Alguns destes assuntos foram analisados com mais profundidade, outros com menos. Acredito que existem vantagens em que cada assunto seja estudado, ainda que mais superficialmente, em relação com os outros a que está ligado. Uma separação demasiado estrita coloca, muitas vezes, obstáculos à capacidade de perceber a verdadeira natureza de determinado fenómeno. Entre outros assuntos, foram estudados os critérios distribucionais do participípio passado. A distinção dos diferentes tipos de construções participiais permitiu contribuir para uma melhor compreensão destas formas e do seu comportamento dentro do sistema sintáctico-semântico do português. A compilação dos vários padrões de uso dos participípios passados foi conseguida através da análise de contextos reais extraídos de um corpus. Houve pois, a preocupação de fazer acompanhar a descrição com conhecimentos adquiridos através da análise de dados empíricos que complementam intuições e perspectivas teóricas geralmente com pouca base empírica. A contribuição desta análise foi concretamente a sistematização das construções participiais a partir de uma descrição original dos participípios passados em português.

Estou consciente de que o uso da língua transborda muito além os limites do que é apresentado nas gramáticas e na maior parte dos estudos teóricos. O trabalho desenvolvido teve como fundamento a convicção de que é mais fácil descobrir como a linguagem em geral funciona, se olharmos para as línguas naturais, como as encontramos em textos reais. A maior vantagem do estudo de determinado fenómeno em contexto real é encontrar dados autênticos, não fabricados. Os corpora são um exemplo genuíno do uso da linguagem e apresentam-se, a meu ver, como as fontes mais interessantes do conhecimento linguístico. Da mesma forma que, em antropologia, as tribos são mais interessantes do que as comunidades civilizadas, também em linguística, os corpora são mais interessantes do que exemplos trabalhados. Outra vantagem importante de um corpus é a de encontrar situações inesperadas, casos raros, por um lado e determinar os padrões mais frequentes, por outro lado. O uso de computadores e de corpora fornece ao linguista ou ao investigador da linguagem um acesso controlado a grandes quantidades de dados em uso. Deste modo, os recursos *on-line*, em princípio, estabelecem a base para experiências de grande dimensão, ainda que até ao momento os métodos de análise não estejam totalmente desenvolvidos.

Esta análise, próxima do uso dos dados, é diferente dos tipos de análises actuais nas teorias generativas, cuja justificação do uso da construção é baseada primariamente não no uso dos dados, mas em intuições e em pressupostos particulares acerca da natureza da gramática universal. Uma das motivações foi mudar o fulcro em direcção a uma perspectiva mais descritiva dos padrões da linguagem. Os estudos de corpus são úteis como análises linguísticas preliminares, especialmente para investigações que têm como objectivo uma cobertura consideravelmente vasta de dados. Os resultados de uma investigação baseada em corpus pode servir como uma base firme para a descrição linguística. No caso particular desta tese, o corpus pretendeu ser suficientemente significativo para poder representar a maior parte das instâncias do participípio passado em contexto. Podem apontar-se como desvantagens deste método a falta de um conhecimento mais alargado do texto e uma menor visão interna dos contextos dos vários exemplos. Outro problema pode ser o de extrapolar do corpus para a linguagem, para tal é importante caracterizar e dar a conhecer bem as características do corpus.

Resumindo, em termos de resultados práticos, os principais contributos do trabalho de análise do corpus foram o de (a) capturar, classificar e analisar o maior número possível de padrões, (b) dar exemplos reais para a tese para acompanhar as análises teóricas com dados concretos da língua e apontar tendências que poderiam escapar em dados

intuitivos e que permitem enriquecer os esquemas da teoria linguística geral, (c) apresentar valores quantitativos dos participios passados regulares e irregulares e (d) distinguir entre padrões mais e menos frequentes.

Os dados obtidos descritivamente revelaram que o participio passado é usado com muitos valores diferentes. Uma exposição global do tema que geralmente nos surge segmentado, permitiu dar conta da complexidade do fenómeno e das multifacetadas perspectivas que o envolvem. Uma das preocupações fundamentais foi a de denunciar a multidimensionalidade do objecto de estudo. Assim sendo, posso justificar a alusão a aspectos lexicais, morfológicos, sintácticos e semânticos. Foram apresentadas várias perspectivas para a clarificação das propriedades sintáctico-semânticas dos participios passados em português, as suas facetas nominal e verbal e a apresentação de aspectos de natureza semântica relacionados com as categorias aspecto e tempo. A apresentação de uma variedade de dados de diferentes áreas de análise linguística permitiram desvendar a abrangência do uso dos participios passados em português. Os contrastes entre os diferentes usos foram obtidos empiricamente e explicados através do auxílio de considerações apresentadas em gramáticas e em certas teorias actuais. Sublinhou-se a importância dos estudos empíricos na formalização de perspectivas linguísticas teóricas.

Houve oportunidade de apresentar as definições de aspecto e de *Aktionsart* na perspectiva de diferentes autores, a análise do papel do aspecto da acção verbal expresso nas construções de participio passado e a relação linguística entre tempo e aspecto. As construções participiais contêm valores de tempo e de aspecto. Destacaram-se mais os valores aspectuais embora, o tempo também tivesse sido considerado importante na representação formal da construção participial. O aspecto é um conceito semântico que se aplica a toda a entidade frásica, mas é também relevante na morfologia. O aspecto é também uma entidade lexical. No campo da morfologia lexical várias propriedades aspectuais têm sido consideradas para explicar certos fenómenos. Referimos o contraste entre o participio passado verbal e o participio passado adjectival como uma distinção aspectual fundamentada em processos lexicais. Há necessidade de um enriquecimento dos traços que definem cada predicado. Uma gramática explícita deveria incluir também traços semânticos como [+estativo]/[-estativo], [+pontual]/[-pontual], entre outros.

Alguns dos assuntos que a seguir apresento não foram tratados ao longo desta tese. O objectivo desta referência é, por um lado, o de mostrar que durante o meu trabalho de investigação estes temas vieram à superfície, mas devido a restrições de tempo e de prioridades, eles não foram desenvolvidos. Por outro lado, acho que vale a pena incluí-los nesta conclusão pois têm suficientemente interesse para não serem ignorados.

O primeiro assunto diz respeito aos processos morfológicos que estão na base da formação de algumas das formas participiais. Algumas formas de participio passado parecem derivar de nomes, por exemplo “*rosca-enroscado*” (“*A Catarina está toda enroscada nos lençóis*”), outras parecem derivar de adjectivos “*azul-azulado*” (“*A roupa ficou/está toda azulada*”). Seria um bom contributo investigar quando é que, neste processo de derivação, surgem as formas verbais “*enroscar/enroscar-se*” e “*azular*”. Nestes casos, qual foi a classe gramatical que esteve na origem da formação do participio passado?

O segundo assunto de interesse que foi deixado de parte tem a ver com um estudo mais profundo da relação e da distinção que existe em algumas línguas, incluindo o português e o espanhol⁹⁴, entre os usos da forma regular e da forma irregular de participio passado. Poderia levantar-se a hipótese de que os participios passados irregulares são lexicais e que funcionam quase sempre como adjectivos, sendo pouco usados na passiva e em tempos compostos e os participios passados regulares são passivos ou activos e nem sempre funcionam como adjectivos. De facto, intuitivamente parece que a forma irregular parece ser mais usada como adjectivo (“*Os trabalhos impressos estão na biblioteca*”) e que a forma regular ocorre mais com tempos compostos ou em construções passivas (“*Ele tem*

⁹⁴ O português partilha com o espanhol este tipo de particularidade não existente em outras línguas românicas.

imprimido muitos dos seus trabalhos”). Seria interessante ver ocorrências das formas regulares e das formas irregulares, procurar que critérios são usados para o emprego de uma ou de outra forma e verificar em que casos é que os participios passados podem funcionar como adjectivos, fazendo um levantamento mais rigoroso dos traços necessários para uma melhor identificação e classificação. Alguns dos traços importantes seriam, por exemplo, traços semânticos associados com uma leitura eventiva própria de muitos participios passados verbais, ou associados com uma leitura estativa, inerente a muitos participios passados adjectivais. No âmbito do mesmo tema, teria proveito abordar com mais pormenor a questão da distinção semântica entre passivas adjectivais e passivas verbais e consolidar ou confrontar a ideia de que as formas passivas verbais e adjectivais são parte de um continuum entre as categorias verbal e não verbal, e de que os participios passados e os adjectivos verbais são duas categorias gramaticais distintas. Por exemplo, o uso predicativo ocorre apenas com alguns dos participios passados adjectivais.

O terceiro assunto está relacionado com proximidade morfológica e reflexividade. Este assunto diz respeito a verbos diferentes com a mesma forma de participio passado, como é o caso da homonímia entre os participios passados de verbos normais (“*admirar*”, “*espantar*”) e os participios passados de verbos reflexivos (“*admirar-se*”, “*espantar-se*”). A forma de participio passado destes verbos (“*admirado*”, “*espantado*”), é ambígua entre uma função verbal e uma função adjectival. Por vezes não é claro qual dos homónimos é tencionado se, de facto, houve uma escolha consciente entre os dois. “*O pintor foi admirado*” (“*admirar*”) tem um valor passivo e “*O público ficou admirado com o pintor*” (“*admirar-se*”) tem um valor resultativo. Nestes casos o auxiliar fornece informação relativamente ao verbo. Estes verbos distinguem-se pelo tipo de auxiliar com que se combinam.

Finalmente o último assunto, que para mim tem especial interesse (cf. Barreiro et al., 1993 e Barreiro et al., 1996), é o de abordar, do ponto de vista da linguística computacional, o conhecimento das construções de participio passado que possa ser transmitido a uma máquina, analisar mais concretamente quais os principais problemas que os participios passados colocam em tradução automática e tentar resolvê-los. A chave para um sistema de tradução robusto é associar uma forte componente semântica que permita lidar com fenómenos como o participio passado. É essencial que exista uma percepção ao nível em que as propriedades sintácticas e semânticas das palavras se intersectam. Registrar na memória do computador um conjunto de regras sofisticadas que cumpram esta intersecção é o desafio que se coloca ao linguista. Um bom conhecimento teórico e empírico permite ao linguista construir um sistema com maiores capacidades linguísticas. A maior parte dos problemas de má resolução estão relacionados com a ambiguidade. Se tivermos como língua de partida o inglês, o primeiro desafio que se coloca é que o computador consiga entender que se trata de um participio passado, visto que as formas em *-ed* em inglês são ambíguas. Uma resolução formal tem que ser feita logo a nível inicial. O segundo desafio é que a máquina consiga produzir na língua de chegada a tradução correcta.

Espero que o trabalho que aqui termino e as sugestões apresentadas nesta parte final sirvam para fazer despertar o interesse em continuar uma investigação deste tema. Ficaram, no entanto, muitas coisas por fazer e por escrever. Dos aspectos que ficaram incompletos, talvez o mais óbvio de todos tenha sido a ausência de um processamento estatístico dos dados do corpus. Os poucos dados quantitativos apresentados foram apenas tratados a nível informal. O desenvolvimento de um estudo quantitativo com métodos estatísticos rigorosos para o tratamento das frequência contribuiria com resultados meritórios. Apesar de algumas lacunas, gostaria de crer que os estudos aqui apontados foram suficientemente significativos para produzir algumas conclusões e generalizações relevantes e para mostrar o grau de complexidade envolvida no estudo dos participios passados. As contribuições mais significativas pareceram-me ter sido (a) uma descrição mais aprofundada dos participios passados que não se encontravam ainda bem descritos em português, resultando desta uma sistematização do tipo de informação sintáctico-semântica em paradigmas, (b) a apresentação de uma solução possível para o problema particular da dualidade de carácter dos participios passados, mais especificamente a existência dos valores adjectival e verbal, (c) o teste de várias hipóteses num corpus e (d) a

descrição formal num quadro teórico de vários fenómenos incluindo a representação do particípio passado em termos temporais-aspectuais (aplicação da teoria de Culioli). Nenhuma das duas últimas aproximações tinha ainda sido aplicada à questão dos particípios passados em português. Espero que elas possam ser úteis para outros autores interessados em estudar os particípios passados, mesmo que discordem da minha análise e/ou conclusões.

BIBLIOGRAFIA

ABAD, F., 1986 - "Diccionario de Lingüística de la Escuela Española". *Biblioteca Románica Hispánica*. Editorial Gredos.

ALVES, H. S., 1987 - "Ser ou Estar: Eis a Questão". *Actas do 3º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa. 7-9 Outubro, 1987. 3-16.

ÂMBAR, M. M., 1988 - *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito Verbo em Português*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras de Lisboa.

AREAL, A., 1981 - *Curso de Português: questões de gramática, noções de latim*. Enciclopédia Estudo. Porto: Edições Asa.

BACELAR, M. F. B. do N., 1992 - "Corpus de Referência do Português Contemporâneo". *Actas do Seminário: O Português, Língua de Comunicação Internacional*. Lisboa. Junho, 1992. Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

BACELAR, M. F. B. do N. et al., 1993 - "O corpus e a classificação sintáctica dos verbos". *Actas do 1º Encontro de Processamento de Língua Portuguesa (Escrita e Falada) - EPLP'93*. Lisboa. 25-26 Fevereiro, 1993. 125-129.

BACH, E., 1981 - "On Time, Tense and Aspect: an Essay in English Metaphysics". *Radical Pragmatics*. P. Cole (ed.), 1981. New York: Academic Press. 63-81.

BACHE, C., 1982 - "Aspect and Aktionsart: towards a semantic distinction". *Journal of Linguistics*, vol. 18. 57-72.

BAKER, M., 1988 - "Morphology and Syntax: an Interlocking Independence". *Morphology and Modularity*. Martin Everaert, et al. (ed.). Dordrecht: Foris. 9-32.

BARBOSA, J. S., 1822 - *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa lingoagem*. 2.^a ed., Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1930.

BARREIRO, A. et al., 1993 - "Critérios e opções linguísticas no desenvolvimento do Palavroso, um sistema computacional de descrição morfológica do português". In *Relatório INESC*. num. RT/54-93, Dezembro, 1993.

BARREIRO, A. et al., 1996 - "Lexical differences between European and Brazilian Portuguese". In *The INESC Journal of Research & Development*, vol. 5, n.º2. Lisboa, Janeiro-Dezembro, 1996.

BENNETT, M.; B. Partee, 1978 - *Towards the Logic of Tense and Aspect in English*. Bloomington. Indiana University Linguistics Club.

BOLINGER, D., 1971 - *The Phrasal Verb in English*. Cambridge: Harvard University Press.

- BORER, H., 1984 - "The Projection Principle and Rules of Morphology". C. Jones and P. Sells (eds.). *Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of NELS*. GLSA. University of Massachusetts, Amherst. 16-33.
- BORILLO, A., 1984 - "Pendant et la spécification temporelle de durée". *Cahiers de Grammaire*, n° 8. Toulouse. Université de Toulouse-Le Mirail.
- BORILLO, A., 1986 - "La quantification temporelle: durée et itérativité en français". *Cahiers de Grammaire*, n° 11. 117-156.
- BORILLO, A., 1988 - "Notions de 'massif' et 'comptable' dans la mesure temporelle". J. David & G. Kleiber (eds.) *Termes massifs et termes comptables*. Paris. Klincksieck. 215-238.
- BORILLO, A., 1991 - "De la nature compositionnelle de l'aspect". C. Fuchs (ed.). *Les typologies de procès*. Paris: Klincksieck. 97-102.
- BRAKEL, C. A. 1976 - "Patient and Agent Orientation in Passive and Active Sentences of English and Portuguese". *Linguistics*, vol. 18. 5-26.
- BRESNAN, J., 1982b - "The Passive in Lexical Theory". *The Mental Representation of Grammatical Relations*. Joan Bresnan (ed.), 1982a. Cambridge: The MIT Press. 3-86.
- BURZIO, L., 1981 - *Intransitive Verbs and Italian Auxiliaries*. Dissertação de Doutorado. MIT, Cambridge, Massachusetts.
- BURZIO, L., 1986 - *Italian Syntax. A Government and Binding Approach*, Dordrecht: Reidel (actual Kluwer Academic).
- BÜSSE, W., M. Vilela, 1986 - *Gramática de Valências*. Coimbra: Livraria Almedina.
- CÂMARA, J. M., 1959 - *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- CÂMARA, J. M., 1970 - *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.
- CÂMARA, J. M., 1972 - *The Portuguese Language*. Traduzido por A. J. Naro. Chicago: University of Chicago Press.
- CAMPOS, H. C., 1984a - "Pretérito perfeito simples - pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal". *Letras Soltas*, vol. 2. 11-53.
- CAMPOS, H. C., 1985a - "Elementos para uma definição de alguns invariantes da linguagem". *Actas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa. 83-100.
- CAMPOS, H. C., 1985 - "Ambiguidade lexical e representação metalinguística". *Boletim de Filologia*, tomo XXX. 113-131.
- CAMPOS, H. C., 1987 - "O Pretérito Perfeito Composto: Um Tempo Presente?". *Actas do 3º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa. 89-99.
- CAMPOS, H. C.; M. F. Xavier 1991 - *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

- CAMPOS, H. C., 1992 - "Approche transcatégorielle et opérations énonciatives". *Actes du XX^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*. Tome I, section I - La phrase. Zurich, 1992. 137-148
- CAMPOS, H. C., 1996 - "Para uma reinterpretação de alguns fenómenos aspectuais". *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, I. Duarte & I. Leiria (orgs.), vol. II. Lisboa: Edições Colibri/APL.
- CARLSON, L., 1981 - "Aspect and quantification". P. Tedeschi & A. Zaenen (eds.) *Syntax and Semantics*, vol. 14. *Tense and Aspect*. Nova Iorque: Academic Press. 31-64.
- CASTELEIRO, J. M., 1978 - *Sintaxe transformacional do adjetivo: regência das construções completivas*. Lisboa: INIC. Textos de Linguística.
- CHRISTENSEN, K. e K. T Taraldsen, 1987 - "Expletive chain formation and past participle agreement in Scandinavian dialects". *Dialect Variation and the Theory of Grammar*. Proceedings of the GLOW workshop Venice, 1987. Paola Benincà (ed.). Holland: Foris Publications. 53-83
- CHOMSKY, N., 1965 - *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge. Massachusetts: MIT Press. (Tradução portuguesa: *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Coimbra: Arménio Amado Ed. Suc., 1975).
- CHOMSKY, N., 1981 - *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications.
- CHOMSKY, N., 1985 - *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger.
- COHEN, M., 1924 - *Le système verbal sémitique et l'expression du temps*. Paris (cit. em Câmara, 1941).
- COMRIE, B., 1976a - *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COOK, V., 1994 - "Universal Grammar and the Learning and Teaching of Second Languages". *Perspectives on Pedagogical Grammar*. T. Odlin (ed). Cambridge: Cambridge University Press. 25-48.
- CULIOLI, A., 1978 - "Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique". J. David & R. Martin (ed.), 1980. 119-143.
- CULIOLI, A., 1982 - *Rôle des représentations métalinguistiques en syntaxe*. Université de Paris 7: D.R.L.
- CUNHA, C.; L. F. L. Cintra 1984 - *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DAHL, O., 1974 - "Topic-comment structure revisited". Dahl (ed.), 1974. 1-24.
- DESCLÉS, J. P., 1980 - "Construction formelle de la catégorie grammaticale de l'aspect (essai)". *La Notion d'aspect*, J. David & R. Martin (eds.), Paris: Klincksieck. 198-237.
- DESCLÉS, J.-P.; Z. Guentchéva 1990 - "Le Passif dans le Système de Voix du Français". *Langages*, vol. 109. Março, 1990. 73-102.
- DIAS, E. S., 1917 - *Sintaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora (5.^a ed., 1970).
- DOWTY, D., 1979 - *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.

- DOWTY, D., 1986 - "The effects of aspectual class on the temporal structure of discourse: semantics or pragmatics?". *Linguistics and Philosophy*, vol. 9. 37-61.
- DRYER, M., 1985 - "The Role of Thematic Relations in Adjectival Passives". *Linguistic Inquiry*, vol. 16.2. 320-326.
- DUARTE, I. 1986 - "Construções passivas, teoria temática e teoria do caso". *Actas do 2º Colóquio de Estudos Linguísticos - Teoria da Linguagem/Teoria da Literatura*. Universidade de Évora. Março, 1986.
- EGERLAND, V., 1996 - *The Syntax of Past Participles: a generic study of nonfinite constructions in ancient and modern Italian*. Dissertação de Doutoramento. Lunds Universitet.
- ELISEU, A., 1984 - *Verbos Ergativos do Português. Descrição e Análise*. Monografia para Provas de Aptidão Pedagógica e Científica. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ELISEU, A., 1986 - "A construção 'Particípio Absoluto' - processos de marcação casual e atribuição temática em estruturas inacusativas". *Actas do 2º Colóquio de Estudos Linguísticos - Teoria da Linguagem/Teoria da Literatura*. Universidade de Évora. Março, 1986.
- ELISEU, A., 1988 - "Sobre a Estrutura das Frases Reduzidas Absolutas Participiais". F.L.L., Outubro, 1988. obra não publicada.
- FIGUEIREDO, J. M. N. e A. G. Ferreira, 1975 - *Compêndio de Gramática Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- FREIDIN, R., 1975 - "The analysis of Passives". *Language*, vol. 51. 384-405.
- FREGE, G., 1971 - "Sens et dénotación". *Écrits logiques et philosophiques*. Paris: Éditions du Seuil. 102-126.
- GAREY, H. B., 1957 - "Verbal Aspect in French". *Language*, vol. 33, nº 2. 91-110
- GONÇALVES, A., 1990 - "Para um tratamento uniforme do(s) verbo(s) 'ser' no português europeu". *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto. 125-143.
- GREENBAUM, S., 1991 - *An Introduction to English Grammar*. Essex: Longman.
- GROSS, M., 1980 - "Deux remarques sur l'aspect". *La notion d'aspect*. J. David e R. Martin (eds). Paris: Klincksieck. 69-81.
- GRUBER, J., 1967 - *Functions of the Lexicon in Formal Descriptive Grammars*. Indiana University: Linguistics Club.
- GUÉRON, J., 1987 - "L'Hypothèse Inaccusative". In Cierec (ed.): *La Transitivité*. Université de St. Étienne. 79-90.
- HEDLUND, C., 1992 - *On Participles*. Dissertação de Doutoramento. Stockholms Universitet.
- JACKENDOFF, R., 1972 - *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- JACKENDOFF, R., 1990 - *Semantic Structures*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

JACOBSON, S., 1980 - "Some English Verbs and the Contrast Incompletion/Completion". *Studies in English for Randolph Quirk*. S. Greenbaum, G. Leech e J. Svartvik (eds.) 1980. New York: Londman.

JESPERSEN, O., 1924 - *The Philosophy of Grammar*. London: George Allen & Unwin Ltd.

JOHNSON, M., 1981 - "A unified temporal theory of tense and aspect". *Syntax and Semantics*, vol 14: *Tense and Aspect*. Tedeschi e Zaenen (eds.). New York: Academic Press. 1981. 145-175

KAMP H., U. Reyle, 1993 - "From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation". *Studies in Linguistics and Philosophy*, vol. 42. Kluwer Academic Publishers.

KAUFFMAN, S., 1995 - *At home in the universe. The search for laws of self-organization and complexity*. London: Viking, VII.

KAYNE, R., 1986 - "Participles, Agreement, Auxiliaries, SE/SI and PRO", Abstract. The Princeton Colloquium on Comparative Grammar.

KAYNE, R., 1987b - "Facets of Romance past participle agreement". *Dialect Variation and the Theory of Grammar*. Proceedings of the GLOW workshop Venice, 1987. Paola Benincà (ed.). Holland: Foris Publications. 53-83

LAKOFF, G., 1970 - *Irregularity in Syntax*. New York: Holt Rinehart and Winston, Inc.

LAURENT, R. S., 1995 - *Past Participles from Latin into Romance: tradition versus innovation across time*. Dissertação de Doutorado. University of California, Berkeley.

LEIRIA, I., 1991 - *A Aquisição por falantes de português Europeu língua não-materna dos aspectos verbais expressos pelos Pretéritos Perfeito e Imperfeito*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras de Lisboa.

LEVIN, B., M. Rappaport, 1986 - "The Formation of Adjectival Passives". *Linguistic Inquiry*, vol. 17, nº 4. 623-661.

LIEBER, R., 1980 - *On the Organization of the Lexicon*. Dissertação de doutorado, MIT, Cambridge, Massachusetts.

LIMA, R., 1976 - *Gramática normativa da língua portuguesa*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio.

LIGHTFOOT, D. W., 1979 - *Principles of Diachronic Syntax*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

LOPES, Ó., 1971 - *Gramática Simbólica do Português*. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica (2.ª ed. revista, 1972).

LYONS, J., 1977 - *Semantics*, Cambridge: Cambridge University Press.

MATEUS, M. H. et al. 1989 - *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

MATOS, G., 1986 - "Construções predicativas". *Actas do 2º Colóquio de Estudos Linguísticos - Teoria da*

Linguagem/Teoria da Literatura. Universidade de Évora, Março, 1986.

MOENS, M. e M. Steedman, 1988 - "Temporal Ontology and Temporal Reference". *Computational Linguistics*, vol. 14, nº 2. Junho, 1988. 15-28.

MONTAGUE, R., 1970 - "Universal Grammar". *Theoria* 36. 373-398. Reimprimido em *Formal Philosophy: Selected Papers of Richard Montague*. Thomason (ed.). Yale University Press, 1974. 222-246.

MOURELATOS, A., 1978/81 - "Events, Processes, ad States". *Linguistics and Philosophy*, vol. 2. 415-434. Reimpresso em Philip Tedeschi & Annie Zaenen (eds.), *Syntax and Semantics*, vol. 14: Tense and Aspect. Academic Press, 1981. 191-212.

OLIVEIRA, F., 1986 - "Algumas considerações acerca do P. Imperfeito". *Actas do 2º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 1-3 Outubro, 1986. 78-95.

OLIVEIRA, F., 1991 - "Alguns Aspectos do Aspecto". *Actas do 7º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 7-8 Outubro, 1991. 288-303.

OLIVEIRA, F., 1994 - "Algumas Peculiaridades do Aspecto em Português". *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. 3. Lisboa, 11-15 Abril. 151-190.

PARSONS, T., 1990 - *Events in the Semantics of English. A Study in Subatomic Semantics*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

PARTEE, B., 1984 - "Nominal and temporal anaphora". *Linguistics and Philosophy*, vol. 7. 243-286.

PERES, J., 1984 - *Elementos para uma Gramática Nova*. Coimbra: Livraria Almedina.

PERES, J. 1993 - "Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese". *Cadernos de Semântica*, nº 14. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.

PERLMUTTER, D., 1978 - "Impersonal passive and the unaccusative hypothesis". *Proceedings from the IV Anual Meeting of the BLS*. 111-143.

PIMENTA Bueno, M. 1979 - "The *ser* Passive in Portuguese: an Appraisal of Alternate Solutions". Ms: Stanford University.

PIMENTA Bueno, M. 1979 - *Aspects of Verbal Syntax in Brazilian Portuguese within the Framework of the Extended Standard Theory of Grammar*. Stanford University.

PINKER, S., 1994 - *The Language of Instinct*. New York: William Morrow and Company, Inc.

POLLAK, W., 1976 - "Un modèle explicatif de l'opposition aspectuelle: le schéma d'incidence". *Le français moderne*, nº 4. Outubro, 1976. 289-311.

QUIRK, R. et al., 1972 - *A Grammar of Contemporary English*. London: Longman Group Limited. 620-648.

QUIRK, R. et al., 1985 - *A Comprehensive Grammar of the English Language*. New York: Longman Inc.

RAPOSO, E. P. 1981 - *A Construção "União de Orações" na Gramática do Português*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras de Lisboa.

- RAPOSO, E. P. 1992 - *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.
- REICHENBACH, H., 1947 - *Elements of Symbolic Logic*. New York: Free Press.
- RELVAS, J. M., 1984 - *Gramática Portuguesa: exercícios graduados III*. Porto: Livraria Católica Portuense.
- RENZI, L.; G. Salvi, 1991 - *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. vol II, Cap. 11. Il Mulino. 593-604.
- RICE, S., 1987 - *Toward a Cognitive Model of Transitivity*. Dissertação de Doutoramento. University of California at San Diego.
- SANTOS, D., 1991a - "Para uma classificação aspectual dos verbos portugueses". *Actas do 7º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 7-8 Outubro. 389-401.
- SANTOS, D., 1996a - *Tense and Aspect in English and Portuguese: A contrastive semantical study* Dissertação de doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior Técnico.
- SANTOS, D., 1996b - "Para uma classificação aspectual portuguesa do português". *Actas do 12º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga, 1-3 Outubro. 299-315.
- SANTOS, D., 1997 - "The importance of vagueness in translation: Examples from English to Portuguese". *Romansk Forum* Nr. 5, Junho, 1997. 43-69.
- SCALISE, S., 1984 - *Generative Morphology*. Dordrecht: Foris.
- SCHMITZ, J. R., 1984 - "Problems in the analysis of Portuguese participles in *-do*". *XII Linguistic Symposium on Romance Languages*. Baldi-Philip (ed.). Amsterdam: Benjamins. 449-464.
- SIEGEL, D., 1973 - "Nonsources of Unpassives". *Syntax and Semantics*, vol. 2, John Limball (ed.). New York: Academic Press. 301-317.
- SINCLAIR, J., 1995 - Resumo da Comunicação apresentada no *XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 2-4 Outubro, 1995.
- SMITH, C., 1986 - "A speaker-based approach to aspect". *Linguistics and Philosophy*, vol. 9. 97-115.
- SMITH, C., 1991 - *The Parameter of Aspect*. Kluwer Academic Publishers.
- TALMY, L., 1985 - "Lexicalized Patterns: semantic structure in lexical forms". *Language typology and semantic description. Grammatical categories and the lexicon*. Shopen (ed), 1985c. Vol. III. Cambridge University Press. 57-149
- TENNY, C., 1987 - *Grammaticalizing Aspect and Affectedness*. Dissertação de doutoramento. MIT.
- TEUBERT, W., 1996 - "Editorial". *International Journal of Corpus Linguistics*. Vol. 1, nº1. John Benjamins Publishing Company.
- TOBIN, Y., 1993 - *Aspect in the English verb: process and result in language*. New York: Longman Group UK Limited.

- VAN EYNDE, F., 1988 - "The analysis of tense and aspect in Eurotra". *Proceedings of the 12th International Conference on Computational Linguistics*. Coling, Budapest, 22-27 Agosto, 1988. Vol. II. 699-704.
- VARELA, S., 1992 - "Verbal and adjectival participles in Spanish". *Theoretical Analyses in Romance Linguistics: Current Issues in Linguistic Theory*. Christiane Laeuffer & Terrell A. Morgan (ed.), CILT 74. Amsterdam: Benjamins XIII. 219-234.
- VENDLER, Z. 1967 - *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press.
- VERKUYL, H. J., 1972 -. Suppl. Series, vol.15. Dordrecht: Reidel. *On the Compositional Nature of the Aspects, Foundations of Language*
- XAVIER, M. F., 1989b - *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais. Um Estudo Contrastivo das Preposições a, de e to, from*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- WASOW, T., 1977 - "Transformations and the Lexicon". *Formal Syntax*. Peter Culicover, et al. (ed.). New York: Academic Press. 327-360
- WILLIAMS, E., 1981 - "Predication". *Linguistic Inquiry*, vol. 11. 203-238.

Apêndices

Apêndice A

Em português a grande maioria dos verbos tem apenas uma forma de particípio passado: a forma regular. Exemplos: *lavar - lavado; tratar - tratado; beber - bebido; comprar - comprado; estabelecer - estabelecido; dar - dado*, etc. Em casos menos frequentes, alguns verbos têm apenas uma forma irregular de particípio passado. Há ainda alguns verbos que têm particípio passado duplo, ou seja, duas formas, uma regular e outra irregular. Estas formas estão representadas na tabelas que se seguem. A informação nelas contida foi extraída de duas pequenas gramáticas (Areal, 1981:191-192 e Relvas, 1984:178-181). As formas em itálico foram encontradas no corpus e aqui acrescentadas.

Quando os verbos têm particípio passado duplo, emprega-se a forma regular (terminada *-do*) nos tempos compostos da voz activa, i.e., com os auxiliares *ter* e *haver* e emprega-se a forma irregular na voz passiva com o auxiliar *ser* e com o auxiliar *estar*. Normalmente, as formas irregulares têm uma função adjectival. Os particípios passados irregulares, regra geral, provêm do latim (forma erudita) e apresentam uma forma mórfica mais curta.

Algumas formas de particípio passado regular listados nas tabelas, estão a cair em desuso e por conseguinte, a tendência é para que, nesses casos passem a ser usados os particípios passados irregulares. Formas como **escrevido* e **fazido* não existem na língua portuguesa. Há, no entanto, registos da ocorrência destas formas na linguagem oral de crianças que estão ainda em fase de formação na sua língua materna, em que os padrões da língua não estão completamente formados. Este fenómeno é depois corrigido na escola.

Verbos com uma única forma de particípio passado, a forma irregular

INFINITIVO	PART. PASSADO IRREGULAR
bendizer	bendito
compor	composto
contradizer	contradito
contrapor	contraposto
desfazer	desfeito
dizer	dito
fazer	feito
ganhar	ganho
gastar	gasto
impor	imposto
inscrever	inscrito
maldizer	maldito
predizer	predito
prever	previsto
rever	revisto
satisfazer	satisfeito
subscrever	subscrito
supor	suposto
ver	visto
vir	vindo

Verbos com duas formas de particípio passado, uma regular e outra irregular

INFINITIVO EM -AR	PART. PASSADO REGULAR	PART. PASSADO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceite/aceito
<i>afectar</i>	<i>afectado</i>	<i>afecto</i>
afeiçoar	afeiçoado	afeito/afecto
<i>assentar</i>	<i>assentado</i>	<i>assente</i>
<i>atentar</i>	<i>atentado</i>	<i>atento</i>
cativar	cativado	cativo
cegar	cegado	cego
completar	completado	completo
cultivar	cultivado	culto
descalçar	descalçado	descalço
dispersar	dispersado	disperso
empregar	empregado	empregue
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
<i>esvaziar</i>	<i>esvaziado</i>	<i>vazio</i>
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
fartar	fartado	farto
findar	findado	findo
<i>fixar</i>	<i>fixado</i>	<i>fixo</i>
<i>fritar</i>	<i>fritado</i>	<i>frito</i>
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
<i>gratificar</i>	<i>gratificado</i>	<i>grato</i>
infectar	infectado	infecto
inquietar	inquietado	inquieto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
libertar	libertado	liberto
limpar	limpado	limpo
manifestar	manifestado	manifesto
matar	matado	morto
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado	oculto
pagar	pagado	pago
<i>repulsar</i>	<i>repulsado</i>	<i>repulso</i>
<i>revoltar</i>	<i>revoltado</i>	<i>revolto</i>
salvar	salvado	salvo
secar	Secado	seco
segurar	Segurado	seguro
soltar	Soltado	solto
sujeitar	Sujeitado	sujeito
suspeitar	Suspeitado	suspeito
vagar	Vagado	vago
<i>vaziar</i>	<i>Vaziado</i>	<i>vazio</i>

INFINITIVO EM -ER E -IR	PART. PASSADO REGULAR	PART. PASSADO IRREGULAR
abrir	Abrido	aberto
absolver	Absolvido	absolto
absorver	Absorvido	absorto
acender	Acendido	aceso
afligir	Afligido	aflito
agradecer	Agradecido	grato
atender	Atendido	atento
<i>benzer</i>	<i>Benzido</i>	<i>bento</i>
cobrir	Cobrido	coberto
concluir	Concluído	concluso
convencer	Convencido	convicto
<i>corrigir</i>	<i>Corrigido</i>	<i>correcto</i>
corromper	Corrompido	corrupto
defender	Defendido	defeso
<i>descobrir</i>	<i>descobrido</i>	<i>descoberto</i>
descrever	descrevido	descrito
<i>dirigir</i>	<i>dirigido</i>	<i>directo</i>
<i>dissolver</i>	<i>dissolvido</i>	<i>dissoluto</i>
distinguir	distinguido	distinto
eleger	elegido	eleito
<i>emergir</i>	<i>emergido</i>	<i>emerso</i>
envolver	envolvido	envolto
<i>encher</i>	<i>enchido</i>	<i>cheio</i>
erigir	erigido	erecto
escrever	escrevido	escrito
<i>exaurir</i>	<i>exaurido</i>	<i>exausto</i>
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
<i>imersir</i>	<i>imersido</i>	<i>imerso</i>
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso
<i>incorrer</i>	<i>incorrido</i>	<i>incurso</i>
inserir	inserido	inserto
morrer	morrido	morto
nascer	nascido	nado/nato
omitir	omitido	omisso
oprimir	oprimido	opresso
perverter	perverso	perverso
prender	prendido	preso
<i>pretender</i>	<i>pretendido</i>	<i>pretenso</i>
repelir	repelido	repulso
resolver	resolvido	resolto
revolver	revolvido	revolto
romper	rompido	roto
submergir	submergido	submerso
submeter	submetido	submisso
<i>surpreender</i>	<i>surpreendido</i>	<i>sorpreso</i>
suspender	suspendido	suspenso
<i>tender</i>	<i>tendido</i>	<i>tenso</i>
tingir	tingido	tinto
<i>vencer</i>	<i>vencido</i>	<i>vinto</i>

Apêndice B

ESTADO RESULTANTE

Frase	Condicional Conjunção	Aposto Frase relativa Frase gerundiva SN+SP+SV	SN (simples ou complexo) SNs coordenados	Frase relativa (SN) Condicional ... Aposto SP	V (refl)	SP Adv. Opcional	SP SN SN SP SP SN SNs e/ou SN e/ou SP	SV	Resultado
	Se	por qualquer motivo (aposto)	o animal		ser for [fut .conj]	acordado [+flex]	durante esse sono hibernar	gasta ...	dormir ☒ acordar
			A pelagem		tornar-se [pres]	acastanhada [+flex]			não acastanhado ☒ acastanhado
O caudal de ar debitado pelo compressor é levado ao reservatório		onde rel.			Ficar [pres]	armazenado [+flex]	sob pressão		não armazenado ☒ armazenado
	Se		a árvore		Ficar [fut conj]	carbonizada [+flex]	nunca mais	reventará	não carbo-ni-zada ☒ carbonizada
...	se				Ficarem [fut conj]	parcialmente carboniza- das [+flex]			não carbo-niza-da s ☒ parcialmentec arboniza-das
em Portugal, são utilizadas para					Serem [inf fex]	colocadas [+flex]	em serviço nas horas de ponta	...	não colocadas ☒colocadas
Frase		e, por isso,			Ficou [pret]	conhecido [+flex]	como "o conquista-dor ".		não conhecido ☒conhecido
Frase		que			Ficou [pret]	conhecido [+flex]	como "o povoador".		não conhecido ☒conhecido
		De facto, só ao fim de 12 anos	a sua passagem		foi [+pret]	conseguida [+flex]			não conseguida ☒ conseguida
		é fundamental que	a população e a unidade estatística		Fiquem [pres conj]	perfeitamente definidas [+flex]	no tempo e no espaço.		não definidas ☒ definidas
		Os que escapam			Ficam [pres]	muito depauperados [+flex]			não depauperados ☒pouco depauperados
		que ele pode fornecer até			Ficar [fut conj]	descarregado			não descarregado ☒ descarregado
		Quando está calor,	os vasos sanguíneos do nosso organismo		Ficam [pres]	dilatados	e os pêlos tombados.		não dilatados ☒ dilatados
		Portugal setentrional,		com algumas cordilheiras concordantes à costa,	Fica [pres]	dividido [+flex]	numa faixa litoral	...	não dividido ☒ dividido
Frase		que, por reterer água,			Ficam [pres]	empapados [+flex]			não empapados ☒ empapados
Frase	e		os pêlos		Ficam [pres]	erichados [+flex]			não erichados ☒erichados
Dados dois conjuntos A e B,		dizemos que			Fica [pres]	estabelecida [+flex]	uma correspondên- cia unívoca de A para B,	se ...	Não estabelecida ☒ estabelecida
			A imagem de uma criança esfomeada		Fica [pres]	gravada [+flex]	na nossa consciência.		Não gravada ☒ gravada
Frase		fazendo com que esta			Fique [pres conj]	impedida	de receber os raios solares nesse momento.		Não impedida ☒ impedida
		isto é, quando sai do campo da atracção nuclear, diz-se que	o átomo		Fica [pres]	ionizado [+flex]			não ionizado ☒ ionizado

CONSTRUÇÕES PARTICIPIAIS PASSIVAS COM AUXILIAR

Elemento(s) opcional (opcionais)	Elemento(s) opcional (opcionais)	Elemento(s) obrigatório(s)	Elemento(s) opcional (opcionais)	Elemento(s) obrigatório (s)	Elemento(s) opcional (opcionais)	Elemento(s) opcional (opcionais)	Elemento(s) opcional (opcionais)	Contexto que segue a construção passiva
- SN (simples ou complexo) - APOSTO - REL+AP - REL (quando, que, porque, como, cujo, etc.) - PP+por+ AG - ADV - SP - SN+SP - CONJ (e/ou) - [-] (elemento vazio) - DET - MODIF	- SP {SP} - APOSTO - APOSTO + ADV Temp. - ADV temp - NEG + ADV - NEG - REL	VERBO (S) PRINCIPAL (AIS) - SER: pres pret imperf fut condic gerúndio infinitivo - ESTAR: pres - PODER + ADV+SER pres gerúndio - IR SER (pres) - PASSAR A SER (ger) - FICAR (ger) - DEVER SER (pres) - TER de SER (pres) (fut) - ESTAR a SER (pres) - ENCONTRAR (pres) (refl) - VIR a SER (fut) - CONSIDERAR (pres) (refl) - VER (inf) (refl)	- SN invertido - PRON PESS - CONJ (e/ou) + NEG - ADV modo - ADV temp	- PP [+flex] - PP [+flex]+ CONJ + PP [+flex]	ADV SN APOSTO “umas das outras”	- PREP: <i>por</i>	SN (simples ou complexo)/ PRON PESS/ SADJ/ SN + CONJ + SN: - AGENTE - AUTOR	- SV - SP - REL (quando, que, onde, como, pelo(a) qual - PONT - APOSTO (+...) - CONJ (e/ou)+SN - SADV - SADV + SP ... - SADV + CONJ + SADV - SP + por + AG (ex: 11) - VERBO: infinitivo gerúndio - GER - Const PP - CONJ (e/ou)+por + SN[AG,...] - CONST PP + ... - SN - “mas também por ...” - COMPAR
(n) o facto de + SN		SER (inf)						
Se + SN		SER pres pret imperf do conj futuro imperfeito						
No caso de		Ser (inf)						
REL (que)		SER (ger)						
logo que + SN		SER pres conj						
ter a vantagem de		PODER SER (inf)						
ao		SER (inf)						
destinado a		SER (inf)						

Inversão de *por* + SN [AG, ...]:

		Elemento(s) opcional (opcionais)				Contexto que segue a construção passiva
- SN (simples ou complexo)	SER	ADV	- PREP: por	SN/PRON PESS: - AGENTE	- PP [+flex]	- SV - SP - REL - PONT - CONJ ...

CONSTRUÇÕES PARTICIPIAIS PASSIVAS SEM AUXILIAR

Elemento(s) opcional (opcionais)	Elemento(s) opcional (opcionais)	Elemento(s) obrigatório(s)	Elemento(s) opcional (opcionais)	Elemento(s) opcional (opcionais)	Elemento(s) opcional (opcionais)	Contexto que segue a construção passiva	
- SN (simples ou complexo) - SP - SN+SP - CONJ (e/ou) - [-] (elemento vazio) - REL (quando, que, etc.) - DET - ADV - MODIF	- SP {SP} - APOSTO - APOSTO+ ADV. temp. - ADV temp	- PP [+flex] - PP [valor de PA]	- CONJ (e/ou) + PP [+flex] - ADV modo - ADV temp	- PREP: <i>por</i>	SN (simples ou complexo)/ PRON PESS/ SADJ: - AGENTE - AUTOR	- SV - SP - REL (quando, que, onde, como, pelo(a) qual) - PONT - APOSTO (+...) - CONJ (e/ou)+SN - SADV - ADJ - GER - Const PP - CONJ (e/ou)+por+ SN[AG,...]	
				<i>Através de</i>	- MEIO		
				Expressão fixa: Pelo	facto de	SV: V [Inf Flex]	SN (sujeito da activa)
				Expressão fixa: Por		SV: V [Inf Flex]	SN (sujeito da activa)

Inversão de *por* + SN [AG, ...]:

	Elemento(s) opcional (opcionais)				Contexto que segue a construção passiva
- SN		- PREP: por	SN/PRON PESS: - AGENTE	- PP [+flex]	- SV - SP - REL - PONT ...

Apêndice C

Construções atributivas:

- A **camada mais afastada** da superfície terrestre é a exosfera, [...] # Tot: 9 N°:3 Ref: L0334P0005X

ATRIBUT/INTENS/PP ADJ [+FLEX]

- A parte do plano de falha situada acima do **bloco abatido** recebe a designação de escarpa de falha. # Tot: 8 N°: 7 Ref: L0295P0095X

ATRIBUT/[/PP ADJ [+FLEX] = MODIF

- As medidas económicas do Marquês de Pombal tiveram resultados positivos que se traduziram **numa acentuada tendência** para o equilíbrio da nossa balança comercial. # Tot: 23 N°: 22 Ref: L0358P0194X
ATRIBUT/PP ADJ [+FLEX]/ADJUNTO PRÉ-MODIF DO NOME

- Os músculos, no entanto, podem contrair-se como se constata quando mergulhamos na solução acidulada a **pata não anestesiada**. # Tot: 3 N°: 2 Ref: L0305P0248X

ATRIBUT/NEG(NÃO)+PP ADJ [+FLEX]

- No caso do amperímetro, ligam-se em paralelo com o aparelho diferentes **resistências, também devidamente calculadas** # Tot: 7 N°: 5 Ref: L0353P0047X
ATRIBUT/N+ADV(TAMBÉM)+ADV MODO+PP ADJ [+FLEX]

Construções predicativas:

- [...] onde o grande maciço das Sete-Cidades aparece com a **cratera abatida** e transformada num enorme lago. # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0323P0074X

PREDICAT

- Nos ambientes aquáticos **a luz também é absorvida** em profundidade, nunca ultrapassando, geralmente, profundidades de 180 a 200 metros. # Tot: 5 N°: 3 Ref: L0510P0118X

PREDICAT/PASS COM AUX SER

- A partir dos catorze anos **o crescimento do rapaz é mais acentuado** e prolonga-se até cerca dos vinte anos, atingindo por isso maiores estaturas que as raparigas. # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0305P0268X

PREDICAT/SER/INTENS

Construções passivas:

- Também do Paleolítico Superior datam as maravilhosas **pinturas e gravuras conhecidas por "arte parietal" ou "arte rupestre"** [...] # Tot: 33 N°: 25 Ref: L0359P0036X
PASSIVA/SEM AUX/SN+PP[+FLEX](conhecer)+POR+SN
- A Teoria de Bohr para o átomo de hidrogénio **foi ainda por ele ampliada** a outras partículas, os iões que só têm um electrão. # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0363P0064X
PASSIVA/PREDICAT/SN+SER[PRET]+ADV+POR+SN[AG]+PP[+FLEX]+SP/(SN agente invertido)
- Quando a temperatura do ar é muito baixa, a sua actividade nervosa e muscular pára, **ficando entorpecidos pelo frio.** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0510P0101X
PASSIVA/ESTADO RES/FRASE+FICAR[GER]+PP[+FLEX]+POR+SN[AG]
- **A ilha é inteiramente rodeada por arribas** muito altas que excedem, em regra, a centena de metros. # Tot: 5 N°: 3 Ref: L0323P0073X
PASSIVA/SN+SER[PRES]+ADV MODO+PP[+FLEX]+POR+SN[AG]
- No séc. XVIII, a riqueza acumulada pela Coroa permite que se adopte, em Portugal, a nova teoria política europeia - o Absolutismo. # Tot: 12 N°: 10 Ref: L0358P0196X
PASSIVA/SN+PP[+FLEX]+POR+AG/SEM AUX
- Uma galáxia é um sistema cósmico, **constituído por milhões e milhões de astros**, gases e poeiras cósmicas. # Tot: 205 N°: 116 Ref: L0259P0095X
PASSIVA/APOSTO[PP[+FLEX]+POR+SN[AG]]
- Notemos que, enquanto Planck atribuiu estrutura descontínua à **energia emitida ou absorvida pelos átomos**, Einstein atribuiu estrutura descontínua à própria radiação. # Tot: 27 N°: 25 Ref: L0363P0045X
PASSIVA/PREDICAT/SN+PP[+FLEX]+CONJ[OU]+PP[+FLEX]+POR+AG/SEM AUX

Construções de tempo composto:

- [...] os contrastes entre o litoral e o interior, bem como entre o norte e o sul, com o decorrer do tempo, **se têm acentuado** # Tot: 25 N°: 1 Ref: L0323P0116X
TEMPO COMP/SN(suj)+...+TER[PRES][REFL]+PP[-FLEX]/ASP CONTÍNUO OU ITERATIVO/PPC
- Bohr dispunha então de um vasto conjunto de conhecimentos, que, ao longo dos anos, **tantos homens tinham laboriosamente acumulado** # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0363P0045X
TEMPO COMP./SN(suj)+TER[IMPERF]+ADV[MODIF]+PP[-FLEX]/ASP CONTÍNUO OU ITERATIVO/PRET-MAIS-QUE-PERF
- Na Índia, tal **como já tinha acontecido** na costa africana, criaram-se feitorias. # Tot: 3 N°: 3 Ref: L0358P0148X

TEMPO COMP/SP+APOSTO/TAL COMO JÁ+TER[IMPERF]+PP[-FLEX]/PRET-MAIS-QUE-PERF/ASP PERFECTIVO

- Há 50 milhões de anos, a América do Sul, a África e a Índia eram ilhas. Há 40 milhões de anos, os continentes **tinham quase atingido** as suas posições actuais. # Tot: 24 N°: 3 Ref: L0359P0012X

TEMPOCOMP/SN(suj)+TER[IMPERF]+ADV[OUASE]+PP[-FLEX]+SN(obj)/PRET-MAIS-QUE-PERF/ASP PERF

- Visto que os valores numéricos atribuídos a uma dada grandeza física podem ter ordens de grandeza muito diferentes, o que é visível através destes diagramas, **além de terem sido estabelecidas** as unidades fundamentais do Sistema Internacional - S. I., foram ainda indicados determinados prefixos que, acrescentados ao nome das respectivas unidades, nos dão o nome dos múltiplos e submúltiplos das mesmas.

Tot: 17 N°: 2 Ref: L0356P0009X

TEMPO COMP/ALÉM DE+TER[INF FLEX] SIDO[PP SER]+PP[+FLEX]+SN/ASP PERFECTIVO/INF PESS COMP

- Dizemos *referencial* porque as coordenadas de um ponto *referem-se* ao sistema de eixos **que se tiver adoptado** com um sistema diferente, as coordenadas seriam outras. # Tot: 12 N°: 1 Ref: L0362P0117X

TEMPO COMP/PASSIVA DE SER/REL/TER[CONJ][REFL]+PP[-FLEX]+SP/ PERF COMP CONJ

- **Apesar de se ter dado** grande desenvolvimento nas actividades transformadoras a partir de 1960 e de actualmente este sector continuar a empregar grande parte da população, a indústria portuguesa apresenta grande número de problemas. # Tot: 310 N°: 62 Ref: L0354P0102X

APESAR DE+TER(REFL)+PP[-FLEX]/INF IMPESS REFL

- **Apesar dos** órgãos do sistema nervoso **estarem disseminados** por todo o corpo, podemos considerá-los agrupados em dois conjuntos principais: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.

Tot: 2 N°: 2 Ref: L0305P0236X

APESAR DE+X+ESTAR(INF PESS COMP+PP(FLEX))

Construções resultativas:

- **Se**, por qualquer motivo, **o animal for acordado** durante esse sono hibernar, gasta grande quantidade de reservas e poderá acontecer que não fique com reservas suficientes para viver durante todo esse período.

Tot: 3 N°: 1 Ref: L0510P0100X

ESTADO RES/CONDIC/SE+APOSTO+SN+SER[FUT CONJ]+PP[+FLEX]+ SP+SV/DORMIR →ACORDAR

- O caudal de ar debitado pelo compressor é levado ao reservatório **onde fica armazenado** sob pressão.

Tot: 5 N°: 4 Ref: L0334P0073X

ESTADO RES/SN+ONDE+FICAR[PRES]+PP[+FLEX]

- O excerto de um documento da época que lemos permite-nos deduzir que para passar além do "Cabo Bojador" se fizeram várias tentativas. De facto, só ao fim de 12 anos **a sua passagem foi conseguida**

ESTADO RES/SN+SER/PRET]+PP[+FLEX]

- Portugal setentrional, com algumas cordilheiras concordantes à costa, **fica dividido** numa fachada litoral, mais amenizada pelos ventos de oeste, e num interior seco, onde aqueles ventos têm dificuldade em penetrar.

ESTADO RES/SN+APOSTO+FICAR/PRES]+PP[+FLEX]+SP

Construções participiais absolutas:

- A partir do séc. XIII, **acabada a Reconquista**, vive-se uma situação de paz que muito favorece o desenvolvimento económico do reino.

PART ABS/APOSTO/CENTRO

- Ao quantificar uma grandeza, expressamo-la através de um número, **acompanhado** na maioria dos casos, de uma unidade.

PART ABS/APOSTO/DIREITA

- **Inserido nesta estrutura**, o pequeno proprietário ou o simples assalariado dificilmente conseguia melhorar a sua situação profissional e social no quadro da sociedade rural.

PART ABS/APOSTO/ESQUERDA

Apêndice D

Exemplos de construções mais esporádicas com o particípio passado regular:

- as áreas que fornecem maiores contingentes à emigração **vêm-se, progressivamente, abandonadas** com populações envelhecidas e com algumas actividades económicas em recessão.
Tot: 5 N°: 1 Ref: L0323P0106X
- A absorção digestiva faz-se principalmente no intestino delgado, no entanto pode também efectuar-se em qualquer outro órgão, logo que o tamanho dos corpúsculos o permitam. A água, por exemplo, pode **começar a ser absorvida** na boca.
Tot: 5 N°: 4 Ref: L0502P0142X
- Outras substâncias como o álcool, a nicotina e alguns medicamentos **podem também ser absorvidos** a nível intestinal.
Tot: 9 N°: 1 Ref: L0305P0114X
- Quando os dias aumentam, os pêlos coloridos crescem e a pelagem **torna-se acastanhada**.
Tot: 2 N°: 1 Ref: L0510P0130X
- Dá-se a inversão do sentido do movimento ($v < O$), e este passa a ser acelerado ($|v|$ aumenta).
Tot: 39 N°: 10 Ref: L0355P0037X
- Em linguagem vulgar, dizemos que um automóvel **está a ser acelerado** quando a velocidade aumenta (em módulo).
Tot: 39 N°: 26 Ref: L0355P0032X
- Pelos alimentos que a compõem e pela forma como são cozinhados, a alimentação e as refeições **precisam de ser adaptadas** às condições dos indivíduos a que se destinam (sãos ou doentes), em especial ao estado do funcionamento dos aparelhos digestivo, circulatório e renal.
Tot: 4 N°: 3 Ref: L0305P0270X
- Esta imunidade **diz-se adquirida**.
Tot: 14 N°: 1 Ref: L0305P0327X
- conseguiu incendiar os navios romanos que os sitiav
- am fazendo com que estes, assustados com tais fenómenos, para os quais não tinham explicação lógica, **se mantivessem afastados** de Siracusa durante bastante tempo.
Tot: 6 N°: 1 Ref: L0356P0195X
- Apesar dos órgãos do sistema nervoso estarem disseminados por todo o corpo, **podemos considerá-los agrupados** em dois conjuntos principais: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.
Tot: 6 N°: 3 Ref: L0305P0236X
- É por isso que tem esse nome: kwashiorkor é uma palavra de origem africana que significa “primeiro e segundo”, ou seja, é a doença que ataca o primeiro filho, que **deixa de ser amamentado** quando a mãe tem um segundo filho.
Tot: 1 N°: 1 Ref: L0305P0296X

- Estas variações da temperatura do ar têm grande importância em Meteorologia, como já te **deves ter apercebido** através dos boletins, diariamente transmitidos pela Comunicação Social, sobre o estado do tempo.
Tot: 1 N°: 1 Ref: L0259P0170X
- **Se te deslocas apressado** ou mesmo a passo normal, és quase obrigado a parar, avançando com dificuldade, devido às rajadas de vento que actuam no sentido oposto ao do teu deslocamento.
Tot: 1 N°: 1 Ref: L0356P0145X
- Algumas das moléculas sintetizadas **podem ficar armazenadas** sob a forma de reservas em vários tecidos, como seja o glicogénio no fígado e nos músculos, e os lípidos numa camada de gordura, que muitas pessoas acumulam por baixo da pele ou entre os órgãos.
Tot: 2 N°: 2 Ref: L0305P0166X
- Este conjunto constitui um elemento de pilha (vulgarmente chamado, apenas, “pilha”) e **geralmente traz assinalado** no seu exterior, o valor de 1,5 V (1,5 volt).
Tot: 1 N°: 1 Ref: L0357P0036X
- Esta rocha era, na realidade, um minério de ferro e **viria a ser chamada** magnetite.
Tot: 24 N°: 15 Ref: L0357P0148X
- Diz-se que se forma orvalho quando nas noites frias o ar arrefece muito e o vapor de água em excesso se condensa junto ao solo, sobre os corpos, **parecendo ter chovido**.
Tot: 1 N°: 1 Ref: L0259P0189X
- Outro elemento mineral muito importante é o fósforo, que além de funções reguladoras, **aparece combinado** com o cálcio formando as estruturas rígidas dos dentes e ossos.
Tot: 1 N°: 1 Ref: L0305P0060X
- Assim, para um adulto, a relação Ca/P **deve estar compreendida** entre 0,6 e 0,8.
Tot: 1 N°: 1 Ref: L0305P0230X
- As observações, para terem valor científico, **devem poder ser comprovadas**.
Tot: 1 N°: 1 Ref: L0259P0030X
- Se uma árvore na floresta não atinge determinada altura, **arrisca-se a ficar condenada** a viver na sombra, onde, muitas vezes, morre faminta de luz.
Tot: 1 N°: 1 Ref: L0510P0119X
- A informação que se inicia na área motora do cérebro **tem de ser conduzida** até aos órgãos efectores, os músculos.
Tot: 7 N°: 1 Ref: L0305P0352X
- A linfa do resto do organismo **vai ser conduzida** para um grande vaso linfático - canal torácico - , que a vai lançar na subclávia esquerda, misturando-se também ao sangue venoso.
Tot: 7 N°: 4 Ref: L0305P0144X
- Se os alimentos **voltam a ser congelados** e, a seguir, descongelados, os micróbios, que, entretanto, ficaram em formas de resistência, tornam-se ainda mais activos, desenvolvem-se e multiplicam-se rapidamente, tornando o alimento impróprio para consumo.
Tot: 1 N°: 1 Ref: L0502P0128X
- Esta experiência **veio a ficar conhecida** como experiência de Oersted e marcou o início do estudo da relação entre fenómenos eléctricos e magnéticos - o electromagnetismo.
Tot: 18 N°: 9 Ref: L0357P0146X
- Outros factores como o sexo, a estatura, o clima, **devem ser considerados** no que respeita ao dispêndio de

- energia e por consequência ao tipo de alimentação. # Tot: 10 N°: 6 Ref: L0305P0266X
- Embora se considere que os antibióticos, quando em pequena dose, não são tóxicos para o homem, o seu uso **necessita ser controlado**. # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0502P0069X
 - Muito antes de **ter sido criado** o sistema internacional de unidades (1954), em que o joule figura como unidade de energia, o calor era expresso noutra unidade muito nossa conhecida - a caloria. # Tot: 10 N°: 2 Ref: L0356P0187X
 - Um homem consome 7 l de ar quando corre, 2 l quando marcha e 1 l quando **permanece deitado** por minuto. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0502P0163X
 - Também neste caso, as pessoas **vêm desfocados** os objectos que lhes estão próximos e vêem, nitidamente, os mais afastados. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0356P0230X
 - A maior parte dos processos que provocam as mudanças por que a Terra passou e continua a passar, actuam tão lentamente, que os seus efeitos **passam despercebidos** durante o tempo correspondente a uma vida humana. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0259P0118X
 - A imagem do número 9, que nos é dada através da lâmina de vidro, **apresenta-se distorcida** em relação a realidade. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0356P0218X
 - Este órgão **pode estar dividido** em tentáculos com ventosas, como acontece com o polvo (fig. 75), ter a forma de uma palmilha, como no caracol (fig. 63), ou de machado, como no mexilhão (fig. 64). # Tot: 6 N°: 5 Ref: L0510P0041X
 - Dada a importância que têm para o Homem, algumas forças **merecem ser estudadas** com particular atenção. # Tot: 5 N°: 2 Ref: L0356P0045X
 - No início da diástole geral, isto é, do relaxamento do músculo cardíaco, as válvulas sigmóides, tricúspida e bicúspida, **encontram-se fechadas**. # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0305P0136X
 - Para isso **viu-se forçado** a recorrer a experiências directas no Homem, iniciando-as na sua própria pessoa. # Tot: 2 N°: 2 Ref: L0305P0101X
 - Mas os físicos, ao investigarem o Universo, não **podem deixar de ficar impressionados** com o seu equilíbrio, ordem e movimento que o anima. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0357P0016X
 - Consistia esta experiência em colocar, simultaneamente, dois prismas tal como **vem indicado** na figura seguinte. # Tot: 7 N°: 4 Ref: L0356P0223X
 - a pilha começa a aquecer e estraga-se ao fim de algum tempo, se **continuar ligada**. # Tot: 13 N°: 11 Ref: L0357P0096X
 - As necessidades de comunicação nunca foram tão grandes, contudo, o Homem **parece mergulhado** num abismo de solidão. # Tot: 14 N°: 4 Ref: L0305P0305X

Exemplos de construções mais esporádicas com o participio passado irregular:

- a traqueia, localizada à frente do esófago, **mantém-se aberta** devido aos anéis de cartilagem interrompidos na parte posterior; [...] # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0502P0157X
- Desenroscando outra lâmpada, a terceira **permanece acesa** apresentando ainda a mesma luminosidade e o amperímetro acusa diminuição da intensidade da corrente. # Tot: 5 N°: 2 Ref: L0357P0116X
- Desenroscando outra, a terceira **continuou acesa** com a mesma luminosidade. # Tot: 5 N°: 3 Ref: L0357P0133X
- No séc. XX, a par com a evolução da Física, tem lugar uma grande transformação do próprio conceito de energia: duas grandezas até aí **consideradas distintas**, a massa e a energia, revelam ser aspectos diferentes do mesmo conceito. # Tot: 4 N°: 2 Ref: L0356P0113X
- Por exemplo, o movimento da Terra em torno do Sol, o movimento dos electrões no «écran» do televisor e o fluxo do sangue nas veias, **podem ser descritos** através de relações matemáticas. # Tot: 4 N°: 1 Ref: L0357P0016X
- O que **acaba de ser dito** sobre o peso dum corpo permite distingui-lo da sua massa. # Tot: 5 N°: 5 Ref: L0355P0153X
- Geralmente as agulhas magnéticas, tal como os ímanes, apresentam-se pintadas com duas cores diferentes, verde (ou preto) e vermelho, ou **trazem escrito** N numa extremidade e S na outra. # Tot: 2 N°: 2 Ref: L0357P0152X
- A relação de proporcionalidade verificada entre estas grandezas físicas **vem expressa** na seguinte expressão analítica: [...] # Tot: 19 N°: 15 Ref: L0356P0186X
- Quando se efectua um cálculo, o resultado **deve vir expresso** por algarismos que sejam, fisicamente, significativos. # Tot: 13 N°: 13 Ref: L0355P0010X
- Uma das ligações entre a pilha e a lâmpada **deve ser feita** por dois fios ligados entre si por meio de crocodilos. # Tot: 12 N°: 7 Ref: L0357P0134X
- Como existem vários tipos de ondas sísmicas e todas elas são registadas nos sismogramas, a interpretação destes gráficos não é tarefa fácil, **tendo que ser feita** por especialistas nestes assuntos - os sismólogos. # Tot: 12 N°: 8 Ref: L0259P0112X
- Experiências como as que temos vindo a realizar **têm de ser feitas** com muitos cuidados, pois, nos dias húmidos de Inverno, é quase impossível electrizar um electroscópio ou qualquer outro corpo. # Tot: 17 N°: 8 Ref: L0357P0072X
- A parte sobranete pode constituir reservas. A energia dos alimentos **vai ser gasta** em diversas actividades vitais

tais como o trabalho dos diferentes órgãos, biossínteses, regulação da temperatura, actividades físicas, etc.

Tot: 11 N°: 5 Ref: L0305P0264X

- Mas os seres vivos possuem características que permitem identificá-los mesmo quando **se encontram mortos** ou impressos nas rochas. # Tot: 11 N°: 8 Ref: L0510P0020X
- E fê-lo para resolver um problema que lhe **tinha sido posto** pelo seu soberano, o rei Hierão de Siracusa, junto de quem desempenhou as funções de um moderno consultor militar e científico. # Tot: 3 N°: 3 Ref: L0356P0094X
- é a força de atrito exercida pela madeira sobre os pregos que os **mantém presos** depois de pregados; [...] # Tot: 2 N°: 2 Ref: L0356P0071X
- Nos períodos de secura, a maior parte da água é perdida e o musgo **parece ficar seco** (vida latente). # Tot: 12 N°: 12 Ref: L0510P0114X
- O nosso planeta, que habitualmente **parece seguro** e tranquilo sob os nossos pés, experimenta de vez em quando, aqui e ali, fortes abalos. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0259P0111X
- Estes detritos **podem continuar soltos** ou unirem-se. # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0259P0140B